



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE CEILÂNDIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS E TECNOLOGIAS EM SAÚDE

JOAQUIM PEDRO RIBEIRO VASCONCELOS

**A SAÚDE DE CATADORES/CATADORAS DE MATERIAIS RECICLÁVEIS: DO  
CONTEXTO DE VIDA AO ENFRENTAMENTO DO COTIDIANO**

CEILÂNDIA-DF  
2016

JOAQUIM PEDRO RIBEIRO VASCONCELOS

**A SAÚDE DE CATADORES/CATADORAS DE MATERIAIS RECICLÁVEIS: DO  
CONTEXTO DE VIDA AO ENFRENTAMENTO DO COTIDIANO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências e Tecnologias em Saúde da Universidade de Brasília para obtenção do Grau de Mestre em Ciências e Tecnologias em Saúde.

Área de concentração: Promoção, Prevenção e Intervenção em Saúde

Linha de pesquisa: Ciências Sociais na Saúde Coletiva

Orientadora: Profa. Dra. Sílvia Maria Ferreira Guimarães

Coorientadora: Profa. Dra. Izabel Bruno Bacellar Zaneti

CEILÂNDIA-DF  
2016

Ficha catalográfica elaborada automaticamente, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Vasconcelos, Joaquim Pedro Ribeiro

VV331s A saúde de catadores/catadoras de materiais recicláveis: Do contexto de vida ao enfrentamento do cotidiano / Joaquim Pedro Ribeiro Vasconcelos; orientador Sílvia Maria Ferreira Guimarães; co orientador Izabel Bruno Bacellar Zaneti. -- Brasília, 2016. 118 p.

Dissertação (Mestrado - Mestrado em Ciências e Tecnologias em Saúde) -- Universidade de Brasília, 2016.

1. Catadora de material reciclável. 2. Condições sociais. 3. Promoção da saúde. 4. Políticas públicas. 5. Saúde coletiva.

I. Guimarães, Sílvia Maria Ferreira, orient. II. Zaneti, Izabel Bruno Bacellar, coorient. III. Título.

JOAQUIM PEDRO RIBEIRO VASCONCELOS

**A SAÚDE DE CATADORES/CATADORAS DE MATERIAIS RECICLÁVEIS: DO  
CONTEXTO DE VIDA AO ENFRENTAMENTO DO COTIDIANO**

04 de julho de 2016

COMISSÃO EXAMINADORA

---

Orientadora: Profa. Dra. Sílvia Maria Ferreira Guimarães  
Programa de Pós-Graduação em Ciências e Tecnologias em Saúde FCE-UnB

---

Examinador Externo: Josenaide Engracia dos Santos  
FCE-UnB

---

Examinador Interno: Prof. Dr. Oviromar Flores  
Programa de Pós-Graduação em Ciências e Tecnologias em Saúde FCE-UnB

---

Examinador Interno (suplente): Rosamaria Carneiro  
Programa de Pós-Graduação em Ciências e Tecnologias em Saúde FCE-UnB

Dedico esta dissertação aos catadores que encontraram neste árduo trabalho, a catação de materiais recicláveis, o meio de sobrevivência próprio e de suas famílias, especialmente, as mulheres catadoras que após um dia de trabalho ainda cuidam dos seus familiares e lares. Aos catadores/catadoras da Associação CATAGUAR, guerreiros e guerreiras do cotidiano, que lutam por melhores condições de vida diariamente, para vocês o meu sincero muitíssimo obrigado pela experiência de ser pesquisador.

## AGRADECIMENTOS

Este estudo foi inspirado pela minha trajetória acadêmica no curso de Graduação em Saúde Coletiva. Nessa vivência do bacharelado, aprendi que compreender os grupos de pessoas pertencentes às classes sociais minoritárias é fundamental para formulação de políticas públicas de saúde mais eficientes e efetivas direcionadas a determinadas coletividades. Nesse sentido, escolhi as catadoras de materiais recicláveis para compor o cenário de pesquisa da minha dissertação. Essa escolha se deu também por acreditar que a pesquisa tem papel importante na sociedade no que tange a diminuição das desigualdades sociais e na formulação de intervenções na área da promoção da saúde.

Agradeço imensamente à Associação de Catadores de Materiais Recicláveis – CATAGUAR – pelo acolhimento e por, desde os trabalhos acadêmicos da graduação, permitir a minha aproximação ao seu local de trabalho e convívio social.

A todos da minha família, por me apoiarem e incentivarem ao longo desses anos de estudo, Francisco Júnior e Valentina Rosa, e principalmente a eles, meu pai Francisco Vasconcelos e minha mãe Sônia Ribeiro que sempre me orientaram sobre o potencial transformador da educação.

Às minhas orientadoras que com paciência, amizade, liberdade e conteúdo conduziram esta pesquisa de forma harmônica, especialmente, Sílvia Maria Ferreira Guimarães que permitiu a aproximação com a área das Ciências Sociais na Saúde Coletiva e Izabel Cristina Bruno Bacellar Zaneti por ter me marcado com sua busca incansável por um mundo mais sustentável.

À Universidade de Brasília imensamente por todo o apoio pedagógico-educacional e formação política que proporciona para seus estudantes de pós-graduação, especialmente, à equipe docente e técnico-administrativa do Programa de Pós-graduação em Ciências e Tecnologias em Saúde da Faculdade de Ceilândia.

E a todos os amigos e colegas que acreditaram no meu potencial enquanto ator político-social na condução desta pesquisa como um ideal, um muitíssimo obrigado.

*“Sem imaginário não há projeto,  
não há utopia,  
nem mundo a construir”*

*(Enriquez, 1997)*

## RESUMO

Esta pesquisa apresenta um estudo qualitativo do cotidiano de vida, trabalho e saúde de catadoras de materiais recicláveis de uma Associação da região administrativa de Ceilândia/Distrito Federal, e buscou compreender como agenciam o cuidado à saúde, referente aos problemas vividos no cotidiano e quais instâncias acionam para resolubilidade dos fatores socioeconômicos que possam influenciar negativamente no processo saúde-doença. A análise do tema justifica-se pelo crescimento da classe trabalhadora de catadoras de materiais recicláveis associadas, necessitando de atenção governamental para construção de políticas e ações em saúde que as contemplem em suas necessidades quanto à condição de alimentação, habitação, educação, renda, ambiente, trabalho, emprego, lazer, acesso aos serviços de saúde e liberdade. Apesar das catadoras estarem inseridas em um contexto de vulnerabilidade social e isso interferir na sua situação de saúde, são fundamentais para garantia da cadeia de reciclagem no país, necessitando de reconhecimento tanto por parte do governo quanto da sociedade. Utilizou-se a abordagem etnográfica para compreensão do grupo social estudado, apresentando como instrumentos de pesquisa: entrevistas semiestruturadas, observação participante do local de trabalho, conversas informais e anotações no diário de campo. As catadoras entrevistadas vivenciam contextos sociais complexos quanto à situação de trabalho e vida, em que se encontram expostas a situações que prejudicam à saúde e que estão relacionadas à posição socioeconômica que ocupam na sociedade, destacando-se a violência sofrida pelos companheiros; as experiências negativas relacionadas ao parto e ao período da gravidez; e à necessidade da inserção no mercado de trabalho mais cedo para ajudar no sustento dos familiares ou no próprio. O estudo problematizou a ideia que com este cenário de vida, as catadoras produzem as suas próprias tecnologias alternativas de enfrentamento dos problemas relacionados ao que é sentido e vivido no cotidiano do trabalho e da vida, haja vista que se sentem desamparadas pelo Estado. Evidenciou-se ainda que a religião tem grande representatividade para este grupo no que se refere à melhoria das condições de vida e saúde.

**Palavras-chave:** Catadora de material reciclável, Condições sociais, Promoção da saúde, Políticas públicas.

## ABSTRACT

This research presents a qualitative study of the life everyday, work and health of recyclable materials of an administrative region Association Ceilandia / Distrito Federal, and sought to understand how touting the health care, referring to the problems experienced in daily life and which instances trigger for solvability of the socioeconomic factors that may negatively influence the health-disease process. The subject of analysis is justified by the growth of the working class associated recyclables pickers, requiring government attention to building health policies and actions that contemplate their needs and demands on the power condition, housing, education, income , environment, labor, employment, leisure, access to health and freedom services. Despite the pickers are inserted in a context of social vulnerability and this inherently interfere in their health status, they are fundamental for recycling chain security in the country, requiring recognition by both the government and society. the ethnographic approach was used to understand the social group studied, presenting as research tools: semi-structured interviews, participant observation of the workplace, informal conversations and notes in field diary. The pickers interviewed experience complex social contexts as the work situation and life, where they are exposed to situations that harm to health and that are: related to socioeconomic position they occupy in society, highlighting: the violence suffered by fellow; negative experiences related to childbirth and pregnancy period; and the need to enter the labor market early to help support the family or himself. The study problematized the idea that with this scenario of life, of recyclable materials produce their own alternative technologies to face the problems related to what is felt and experienced in work and everyday life, given that they feel abandoned by the state. It was evident also that religion has great representation for this group as regards the improvement of living conditions and health.

**Keywords:** Waste pickers, Social conditions, Health promotion, Public policies.

## RESUMEN

Esta investigación presenta un estudio cualitativo de la vida cotidiana, el trabajo y la salud de los materiales reciclables de una Asociación región administrativa Ceilandia / Distrito Federal, y trató de entender cómo promocionando el cuidado de la salud, en referencia a los problemas experimentados en la vida diaria y qué instancias dar lugar para la solvencia de los factores socioeconómicos que pueden influir negativamente en el proceso de salud-enfermedad. El objeto de análisis se justifica por el crecimiento de los recolectores de materiales reciclables clase obrera asociados, lo que requiere la atención del gobierno a la construcción de las políticas y acciones que contemplen sus necesidades y demandas en el estado de energía de salud, vivienda, educación, ingresos, el medio ambiente, el trabajo, el empleo, el ocio, el acceso a los servicios de salud y la libertad. A pesar de los recolectores se insertan en un contexto de vulnerabilidad social y esto interfieren intrínsecamente en su estado de salud, que son fundamentales para la seguridad de la cadena de reciclaje en el país, lo que requiere el reconocimiento por parte del gobierno y de la sociedad. el enfoque etnográfico fue utilizado para entender el grupo social estudiado, se presenta como herramientas de investigación: entrevistas semiestructuradas, observación participante del lugar de trabajo, conversaciones informales y notas en el diario de campo. Los recolectores de experiencia entrevistado complejos contextos sociales como la situación de trabajo y de vida, donde están expuestos a situaciones que perjudican a la salud y que son los siguientes: en relación con la posición socioeconómica que ocupan en la sociedad, destacando: la violencia sufrida por su compañero; experiencias negativas relacionadas con el período de embarazo y el parto; y la necesidad de entrar en el mercado de trabajo temprano para ayudar a mantener a la familia oa sí mismo. El estudio problematiza la idea de que con este escenario de la vida, de materiales reciclables producen sus propias tecnologías alternativas para hacer frente a los problemas relacionados con lo que se siente y con experiencia en el trabajo y la vida cotidiana, dado que se sienten abandonados por el Estado. Era evidente también que la religión tiene gran representación de este grupo en cuanto a la mejora de las condiciones de vida y salud.

**Palabras clave:** Colector de materiales reciclables, Condiciones sociales, Promoción de la salud, Políticas públicas.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> – Entrada principal de acesso à Usina de Reciclagem e Compostagem de Resíduos Sólidos do “P” Sul, Ceilândia-DF.....	37
<b>Figura 2</b> – Área externa da Usina de Reciclagem e Compostagem de Resíduos Sólidos do “P” Sul, Ceilândia-DF.....	38
<b>Figura 3</b> – Área externa de compostagem da Usina de Reciclagem e Compostagem de Resíduos Sólidos do “P” Sul, Ceilândia-DF.....	38
<b>Figura 4</b> – Área interna de esteiras da Usina de Reciclagem e Compostagem de Resíduos Sólidos do “P” Sul, Ceilândia-DF.....	39
<b>Figura 5</b> – Galpão de triagem de materiais reciclados da Usina de Reciclagem e Compostagem de Resíduos Sólidos do “P” Sul, Ceilândia-DF. ....	40
<b>Figura 6</b> – Sede administrativa da Associação CATAGUAR, Ceilândia-DF. ....	40
<b>Figura 7</b> – Museu da Limpeza Urbana da Usina de Reciclagem e Compostagem de Resíduos Sólidos do “P” Sul, Ceilândia-DF.....	41
<b>Figura 8</b> – Produtos do Museu da Limpeza Urbana da Usina de Reciclagem e Compostagem de Resíduos Sólidos do “P” Sul, Ceilândia-DF. ....	42
<b>Figura 9</b> – Localização geográfica da Usina de lixo de Ceilândia-DF. ....	44
<b>Figura 10</b> – Organização dos momentos da pesquisa para o alcance dos resultados. ....	48
<b>Figura 11</b> – Área destinada à pesagem de caminhões da Usina de Reciclagem e Compostagem de Resíduos Sólidos do “P” Sul, Ceilândia-DF. ....	60
<b>Figura 12</b> – Galpão de triagem de materiais da Usina de Reciclagem e Compostagem de Resíduos Sólidos do “P” Sul, Ceilândia-DF. ....	61
<b>Figura 13</b> – Sala do galpão de triagem de materiais da Usina de Reciclagem e Compostagem de Resíduos Sólidos do “P” Sul, Ceilândia-DF. ....	62
<b>Figura 14</b> – Catadoras trabalhando no galpão de triagem de materiais da Usina de Reciclagem e Compostagem de Resíduos Sólidos do “P” Sul, Ceilândia-DF.....	64

**LISTA DE QUADROS**

<b>Quadro 1</b> – Linha do tempo.....	17
<b>Quadro 2</b> – Apresentação da síntese de artigos incluídos na RI levantados na Proquest.....	29
<b>Quadro 3</b> – Apresentação da síntese de artigos incluídos na RI levantados na Biblioteca Virtual da Saúde (BVS).....	30

**LISTA DE ANEXOS**

<b>Anexo A</b> – Questões norteadoras das entrevistas semiestruturadas para a aproximação da realidade .....	93
<b>Anexo B</b> – Manuscrito submetido à Revista Interface – Comunicação, Saúde, Educação .....	95
<b>Anexo C</b> – Normas de publicação da revista.....	110
<b>Anexo D</b> – Parecer consubstanciado do Comitê De Ética e Pesquisa .....	116

**LISTA DE SIGLAS**

ACS	Agente Comunitário de Saúde
APCORC	Associação Pré-cooperativista dos Catadores e Recicladores de Resíduos Sólidos de Ceilândia
BVS	Biblioteca Virtual de Saúde
CAAE	Certificado de Apresentação para Apreciação Ética
CATAGUAR	Associação dos Catadores do Guará
CBO	Classificação Brasileira de Ocupações
CEI	Campanha de Erradicação das Invasões
CODEPLAN	Companhia de Planejamento do Distrito Federal
DF	Distrito Federal
DSS	Determinantes Sociais de Saúde
DORT	Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho
EPI	Equipamento de Proteção Individual
ESF	Estratégia Saúde da Família
FCE	Faculdade de Ceilândia
GDF	Governo do Distrito Federal
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
LER	Lesões por Esforços Repetitivos
MNCR	Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis
MTE	Ministério do Trabalho e Emprego
PDAD	Pesquisa Distrital Por Amostra de Domicílios
PNRS	Política Nacional de Resíduos Sólidos
RA	Região Administrativa
RI	Revisão Integrativa
SLU	Serviço de Limpeza Urbana
SUS	Sistema Único de Saúde
UnB	Universidade de Brasília

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>15</b>
<b>2. FUNDAMENTAÇÃO CRÍTICA E TEÓRICA .....</b>	<b>22</b>
2.1 PROMOÇÃO DA SAÚDE E SUA POTENCIALIDADE PARA TRANSFORMAÇÃO DA REALIDADE .....	22
2.2 ITINERÁRIOS TERAPÊUTICOS: AS ROTAS PARA MINIMIZAR OS PROBLEMAS DO COTIDIANO.....	24
2.3 CONTEXTUALIZANDO O UNIVERSO DAS CATADORAS DE MATERIAIS RECICLÁVEIS A PARTIR DE UMA REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA .	26
<b>3. OBJETIVOS DO ESTUDO .....</b>	<b>36</b>
3.1 GERAL .....	36
3.2 ESPECÍFICOS .....	36
<b>4. MÉTODOS E TÉCNICAS: CAMINHOS PERCORRIDOS .....</b>	<b>37</b>
4.1 ÁREA DE ESTUDO .....	37
<b>4.1.1 A cidade de Ceilândia .....</b>	<b>42</b>
4.2 ASPECTOS TEÓRICOS-METODOLÓGICOS .....	44
<b>4.2.1 Estratégias metodológicas da pesquisa .....</b>	<b>48</b>
<b>5. ENCONTRANDO E COMPREENDENDO AS CATADORAS: RESULTADOS ALCANÇADOS.....</b>	<b>52</b>
5.1 DO PERFIL DAS CATADORAS ENTREVISTADAS .....	52
5.2 DO SER CATADORA.....	55
5.3 DO CENÁRIO DE TRABALHO.....	59
5.4 DA SAÚDE E AS ESTRATÉGIAS DE BUSCA DO CUIDADO .....	65
5.5 PROBLEMAS EMBLEMÁTICOS E A NECESSIDADE DE ENFRENTAMENTO DA REALIDADE NO CONTEXTO COTIDIANO DAS CATADORAS DE MATERIAIS RECICLÁVEIS, EM ESPECIAL DA MULHER CATADORA.....	71
<b>6. UMA BREVE DISCUSSÃO.....</b>	<b>80</b>
<b>7. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>85</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>87</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>93</b>
<b>ANEXO A – QUESTÕES NORTEADORAS DAS ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS PARA A APROXIMAÇÃO DA REALIDADE .....</b>	<b>93</b>
<b>ANEXO B – MANUSCRITO SUBMETIDO À REVISTA INTERFACE – COMUNICAÇÃO, SAÚDE, EDUCAÇÃO .....</b>	<b>95</b>
<b>ANEXO C – NORMAS DE PUBLICAÇÃO DA REVISTA.....</b>	<b>110</b>
<b>ANEXO D – PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA E PESQUISA.....</b>	<b>116</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Esta dissertação visa apresentar um estudo qualitativo da situação de vida, trabalho e saúde de catadoras de materiais recicláveis de uma Associação que atua em uma Usina de Reciclagem e Compostagem de Resíduos Sólidos, no bairro P. Sul, localizado na Região Administrativa de Ceilândia, “periferia” do Distrito Federal (DF) e cidade mais populosa do território candango. Como uma “periferia”, Ceilândia é estigmatizada na imprensa e pelos moradores de outras regiões do DF como um local violento e fonte de problemas sociais. No entanto, como será abordado neste trabalho, em Ceilândia vivem sujeitos atuantes e há vidas intensas que contradizem todos os estereótipos.

As trabalhadoras da coleta e seleção de material reciclável, de acordo com a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) de 2013<sup>1</sup>, estão divididos em três tipos de atividades ocupacionais: a catadora de material reciclável, a selecionadora de material reciclável e a operadora de prensa de material reciclável. Ainda, de acordo com a CBO<sup>1</sup>, essas trabalhadoras são responsáveis por coletar material reciclável e reaproveitável, vender material coletado, selecionar material coletado, preparar o material para expedição, realizar manutenção do ambiente e equipamentos de trabalho, divulgar o trabalho de reciclagem, administrar o trabalho e trabalhar com segurança.

Este tipo de trabalho é exercido por profissionais que se organizam de forma autônoma ou em cooperativas/associações. Com a evolução tecnológica houve alterações no contexto das catadoras. Essa alteração se deu com a implantação de usinas de reciclagem, capazes de absorver a mão-de-obra que vive dos lixões e de permitir a venda dos reciclados. As usinas de reciclagem surgem como uma alternativa sustentável para a destinação do lixo urbano, o que rotineiramente era e ainda é realizado em lixões. E, além disso, pretende oferecer condições mais dignas de trabalho às catadoras de lixo. A Política Nacional de Resíduos Sólidos (Lei nº 12.305/10) criou metas para a redução dos lixões que deveriam ter sido finalizados em 2014. O DF não conseguiu se adequar e ainda convive com esses locais. Foram poucas as metas alcançadas por essa Política, sendo os prazos para o seu cumprimento prorrogado constantemente, no que tange à extinção dos lixões. De acordo com dados do Plano Nacional de Resíduos Sólidos (agosto de 2010), em 2008,

o Brasil possuía 2.906 lixões distribuídos em 2.810 municípios e 1.310 aterros controlados, localizados em 1.254 municípios.

No caso pesquisa, o trabalho na Usina se subdivide entre duas associações, uma de catadoras que atuam no turno diurno e outra no turno noturno, esses últimos compõem o grupo de pessoas com quem interagimos. Essas catadoras trabalham nas esteiras que ficam dentro da Usina, coletando e separando os materiais recicláveis para que, no dia seguinte, as catadoras do turno diurno exerçam o trabalho de triagem e separação manual no galpão de materiais recicláveis.

Há uma crescente especialização e divisão do processo de trabalho entre grupos de catadoras e suas cooperativas/associações nas usinas e galpões industriais com foco no aumento da produtividade das cooperativas. Zaneti<sup>2</sup> em seu estudo realizado em Porto Alegre destaca alguns pontos interessantes em uma matriz que coloca em discussão o processo de trabalho e a constituição das unidades de triagem.

No que se refere à organização as unidades de triagem organizam os operadores por meio da criação de associações, que são constituídas juridicamente, dispendo de autonomia administrativa e operando mediante estatutos e regimentos internos específicos, em que se definem suas normas de gestão e funcionamento. A respeito da rotina/produção de um dia de trabalho no galpão: começa com a chegada do caminhão que despeja os resíduos no local adequado em cada unidade, os materiais recebidos são classificados, separados, armazenados, para depois serem comercializados. No que tange ao objeto de trabalho com os resíduos, nos galpões, este material já selecionado, será triado prensado, pesado e vendido e voltará para o ciclo produtivo, para serem reaproveitados e reciclados novamente nas indústrias<sup>2</sup>.

Dessa maneira, de acordo com a CBO<sup>1</sup>, surgem nas cooperativas especializações do trabalho que tendem a aumentar o número de funções de trabalho, como as de selecionadora, triadora, enfardadora de sucatas e operadora de prensa. A criação de políticas e a exigência de disposição adequada dos resíduos nas cidades acabaram por se tornarem um ganho para as catadoras, embora, esse grupo social não tenha sido o foco central das mesmas conforme será discutido mais adiante.

Assim, de acordo com o Ministério do Meio Ambiente, houve um movimento crescente pautando esse processo político:

### Quadro 1 – Linha do tempo

(continua)

<p><b>1991</b> Criação do Projeto de Lei 203 - dispõe sobre acondicionamento, coleta, tratamento, transporte e destinação dos resíduos de serviços de saúde.</p>
<p><b>30 de junho de 1999</b> Proposição apresentada pelo Conselho Nacional do Meio Ambiente, intitulada Diretrizes Técnicas para a Gestão de Resíduos Sólidos. Aprovada pelo plenário, mas não chegou a ser publicada.</p>
<p><b>2001</b> Câmara dos Deputados cria e implementa a Comissão Especial da Política Nacional de Resíduos com o objetivo de apreciar as matérias contempladas nos projetos de lei apensados ao Projeto de Lei 203/91 e formular uma proposta substitutiva global. Com o encerramento da legislatura, a Comissão foi extinta.</p> <p>Foi realizado em Brasília, o 1º Congresso Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis, com 1.600 congressistas, entre catadores, técnicos e agentes sociais de 17 estados. Eles promoveram a 1ª Marcha Nacional da População de Rua, com 3.000 participantes.</p>
<p><b>2003</b> Em janeiro, foi realizado, em Caxias do Sul, o I Congresso Latino-Americano de Catadores, que propôs formação profissional, erradicação dos lixões, responsabilização dos geradores de resíduos.</p> <p>O Presidente Luís Inácio Lula da Silva instituiu o Grupo de Trabalho Interministerial de Saneamento Ambiental com o objetivo de promover a integração das ações de saneamento ambiental, no âmbito do governo federal. GT reestrutura o setor de saneamento e cria o Programa de Resíduos Sólidos Urbanos.</p> <p>Foi realizada a I Conferência de Meio Ambiente.</p>
<p><b>2004</b> O Ministério do Meio Ambiente promove grupos de discussões interministeriais e de secretarias do ministério para elaborar uma proposta para a regulamentação dos resíduos sólidos.</p> <p>Em agosto do mesmo ano, o Conama realiza o seminário “Contribuições à Política Nacional de Resíduos Sólidos” com objetivo de ouvir a sociedade e formular nova proposta de projeto de lei, pois a Proposição Conama 259 estava defasada.</p>
<p><b>2006</b> É aprovado o relatório que trata do PL 203/91 acrescido da liberação da importação de pneus usados no Brasil.</p>
<p><b>2007</b> Executivo propõe, em setembro, o Projeto de Lei 1991, o qual se refere à Política Nacional de Resíduos Sólidos. O PL 1991/2007 apresenta forte inter-relação com outros instrumentos legais na esfera federal, tais como a Lei de Saneamento Básico e a Lei dos Consórcios Públicos, e seu Decreto regulamentador. De igual modo está inter-relacionado com as Políticas Nacionais de Meio Ambiente, de Educação Ambiental, de Recursos Hídricos, de Saúde, Urbana, Industrial, Tecnológica e de Comércio Exterior e as que promovam inclusão social. Texto é finalizado e enviado à Casa Civil.</p> <p>É constituído o Grupo de Trabalho (GTRESID) para analisar subemenda substitutiva proposta pelo relator, deputado Arnaldo Jardim, que envolveu reuniões com a Casa Civil.</p>

Fonte: Ministério do Meio Ambiente, 2016.

**Quadro 1 – Linha do tempo**

(conclusão)

<p><b>2008</b> Foram realizadas audiências públicas, com contribuição da CNI, da representação de setores interessados, do Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis e dos demais membros do GTRESID.</p>
<p><b>2009</b> Em junho, uma minuta do Relatório Final foi apresentada para receber contribuições adicionais.</p>
<p><b>2010</b> No dia 11 de março, o plenário da Câmara dos Deputados aprovou em votação simbólica um substitutivo ao Projeto de Lei 203/91, do Senado, que institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos e impõe obrigações aos empresários, aos governos e aos cidadãos no gerenciamento dos resíduos. O projeto seguiu para o Senado Federal, foi analisado em quatro comissões e, no dia 7 de julho, foi aprovado em plenário.</p> <p>No dia 2 de agosto, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva sancionou a lei que cria a Política Nacional de Resíduos Sólidos. No dia 3 de agosto, é publicada no Diário Oficial da União a Lei nº 12.305 que institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos e dá outras providências.</p> <p>No dia 23 de dezembro, é publicado no Diário Oficial da União o Decreto nº 7.404, que regulamenta a Lei nº 12.305, de 2 de agosto de 2010, que institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos, cria o Comitê Interministerial da Política Nacional de Resíduos Sólidos e o Comitê Orientador para a Implantação dos Sistemas de Logística Reversa, e dá outras providências.</p> <p>No dia 23 de dezembro, é publicado o Decreto nº 7405, que institui o Programa Pró-Catador, denomina Comitê Interministerial para Inclusão Social e Econômica dos Catadores de Materiais Reutilizáveis e Recicláveis o Comitê Interministerial da Inclusão Social de Catadores de Lixo criado pelo Decreto de 11 de setembro de 2003, dispõe sobre sua organização e funcionamento, e dá outras providências.</p>

Fonte: Ministério do Meio Ambiente, 2016.

A produção de políticas sobre o tema está voltada muito mais para as questões referentes aos resíduos sólidos do que ao universo das catadoras, essas figuram em segundo plano em todo esse processo. Estudos publicados no formato de artigos científicos sobre as condições de vida e saúde de catadoras de materiais recicláveis vêm apresentando visibilidade em anos recentes como os de Porto<sup>3</sup>, Medeiros<sup>4</sup>, Nascimento<sup>5</sup>, Sousa<sup>6</sup>, Medeiros<sup>7</sup>, Cavalcante<sup>8</sup>, Dall’Agnol<sup>9</sup>, Ballesteros<sup>10</sup>, Bortoli<sup>11</sup>, Alencar<sup>12</sup>, Zacarias<sup>13</sup>, Almeida<sup>14</sup>, Santos<sup>15</sup>, Kirchner<sup>16</sup>, Alexandrino<sup>17</sup>, Siqueira<sup>18</sup>, Roos<sup>19</sup>, Santos<sup>20</sup>, Maciel<sup>21</sup>, Jesus<sup>22</sup>, Santos<sup>23</sup>, Ferraz<sup>24</sup>, Pereira<sup>25</sup>, Gonçalves<sup>26</sup>, Hoefel<sup>27</sup>, Junior<sup>28</sup>, Gutberlet<sup>29</sup>, Dias<sup>30</sup> e Peixoto<sup>31</sup>. Entretanto, poucos ou nenhum desses artigos abordam a problemática de como as catadoras enfrentam os problemas vividos e sentidos no cotidiano. A maioria dos artigos trata de questões relacionadas ao trabalho e às doenças que implicam o contexto do trabalho e vida da catação de materiais recicláveis. Diante desse quadro, o foco desta pesquisa é compreender as estratégias de cuidado acionadas pelas catadoras, como cuidam de si e se reinventam nesse contexto problemático dos resíduos sólidos nos centros urbanos.

O crescimento no número de associações/cooperativas também apresenta a necessidade de se compreender quem são essas catadoras, que trabalham de forma autônoma, mas associadas. Alguns estudos também tratam dos locais de trabalho de catadoras informais, localizados em lixões. No caso específico do DF, há duas publicações<sup>6,27</sup> que abordam as condições de trabalho e saúde de catadoras, um deles com foco também na segurança alimentar, tendo como cenário o lixão da Estrutural e cooperativados.

Outro movimento importante que advém da criação de associações e cooperativas está no fato de que essas trabalhadoras passam a se organizar e demandar por algumas garantias e direitos. No Brasil, há o Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR), fundado em 2001<sup>32</sup>. A Lei nº 12.305, de 2 de agosto de 2010, que instituiu a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS), criando um marco regulatório na questão dos resíduos sólidos do país e estabelecendo a obrigatoriedade de implantação de Planos de Gerenciamento de Resíduos Sólidos em todos os municípios brasileiros e no Distrito Federal, com programas de coleta seletiva e inclusão das catadoras<sup>33</sup>, impactou na vida das catadoras.

A valorização deste tipo de trabalho é relativamente nova, pois até a década de 1980, a ocupação de catadora era extremamente desvalorizada. Isso se devia muito a maneira como eram representadas pela mídia, como pessoas que viviam nas ruas ou nos lixões como indigentes e que conviviam com urubus e tratores na busca por alimentos, roupas e materiais para venda<sup>28</sup>. Essas imagens eram preconceituosas e não reveladoras da realidade e sobre quem eram essas catadoras. Embora, atualmente, a mídia ainda divulgue essa ideia das catadoras como um grupo social que vive em um quadro de miséria<sup>34,35</sup>, a realidade dessas pessoas tem mudado, haja vista que o número de trabalhadoras associadas cresceu e com isso ocorreram melhorias nas condições de trabalho e diminuição de riscos à saúde.

Com o desenvolvimento tecnológico e a necessidade de a sociedade promover ações sustentáveis, o trabalho das catadoras vem ganhando maior relevância social, econômica e ambiental. Porém, apesar do aumento do número de associações/cooperativas de catadoras, muitas ainda vivem e sobrevivem em contextos sociais complexos e problemáticos para a saúde. Há a necessidade de

ações e políticas públicas para esse grupo social, observando a dignidade humana e melhoria de sua condição como classe trabalhadora e como cidadãos.

Os riscos à saúde pública relacionados aos resíduos sólidos decorrem da interação de uma variedade de fatores que inclui aspectos ambientais, ocupacionais e de consumo, entre outros<sup>18</sup>. O trabalho é uma das principais fontes de satisfação humana, pois proporciona a autorrealização, a manutenção de relações interpessoais e a própria sobrevivência. Mas, o trabalho, também, pode ser uma fonte de adoecimento, quando o profissional não dispõe de instrumentos suficientes para se proteger dos fatores de risco à saúde<sup>36</sup>.

Esse quadro torna-se complexo, no contexto das catadoras, devido ao fato de não apresentarem suporte social-econômico assim, para além do trabalho, apresentam condições de vida desfavoráveis, havendo um acumulado de fatores que vão influenciar negativamente a sua saúde como: a falta de lazer, a baixa escolaridade, a alimentação inadequada, a precariedade da moradia, a violência urbana, a dificuldade de acesso aos serviços de saúde pública, racismo e violência institucionalizada.

No que tange à saúde da trabalhadora, as novas tecnologias inseridas no contexto do trabalho vêm aumentando a prevalência de doenças ocupacionais, como as Lesões por Esforços Repetitivos (LER), também, denominadas de Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho (DORT), além do estresse e a fadiga física e mental relacionados ao desenvolvimento das atividades laborais, principalmente, por vivenciarem contextos sociais e políticos conflituosos.

Sabe-se que a saúde ocupacional é uma importante estratégia para garantir o bem-estar das trabalhadoras e contribuir efetivamente para a produtividade, motivação e satisfação no trabalho. Porém, estratégias para melhorar somente a situação do trabalho não são suficientes para minimizar o contexto de vulnerabilidade social das catadoras de materiais recicláveis que se sentem desamparadas pela ação do Estado, tanto no seu ambiente de trabalho quanto na sua vida cotidiana.

Assim, esta pesquisa focou na sociabilidade dos sujeitos que acontece no próprio ambiente de trabalho e também em outros locais. A ideia central era analisar as estratégias de enfrentamento de problemas que estão tanto na vida cotidiana

quanto no ambiente de trabalho. Algumas perguntas centrais para este trabalho foram: o que acontece quando as trabalhadoras não possuem assistência à saúde? Há estratégias oriundas das redes de apoio das trabalhadoras para o enfrentamento dos problemas cotidianos? As catadoras utilizam práticas populares de saúde? As práticas populares resolvem os seus problemas? Em qual momento o Sistema Único de Saúde (SUS) se sintoniza com a classe trabalhadora, horário de atendimento e local de acesso?

Para tentar responder a essas perguntas-problemas, a metodologia utilizada foi a de um estudo investigativo empírico do ponto de vista subjetivo em profundidade, tendo a abordagem etnográfica como estratégia. Nesse sentido, este estudo objetivou compreender o contexto das práticas/estratégias de busca pelo cuidado das catadoras de materiais recicláveis no enfrentamento de seus problemas cotidianos, tendo como objetivos secundários: identificar como essas pessoas agenciam o cuidado referente aos problemas que interferem na sua saúde e analisar quais instâncias acionam para resolubilidade dos seus problemas. Além de contextualizar as condições do ambiente de trabalho e da vida que estão inseridos essas trabalhadoras.

Com base na pesquisa realizada, a dissertação está organizada em quatro seções principais. Além das seções referentes à Introdução, Metodologia e Considerações Finais, há uma seção denominada “Fundamentação crítica e teórica”, que apresenta algumas temáticas consideradas indispensáveis para a compreensão do estudo, envolvendo questões como: os determinantes sociais de saúde e a potencialidade da promoção da saúde para transformação da realidade, os itinerários terapêuticos e a contextualização do universo das catadoras de materiais recicláveis. E duas outras seções que se referem à análise e à discussão dos resultados.

## 2. FUNDAMENTAÇÃO CRÍTICA E TEÓRICA

### 2.1 PROMOÇÃO DA SAÚDE E SUA POTENCIALIDADE PARA TRANSFORMAÇÃO DA REALIDADE

Este estudo pretende não somente estabelecer uma crítica reflexiva ao universalismo naturalista do saber médico, mas também romper com a concepção de saúde como, meramente, ausência de doença. Tal abordagem enfatiza fatores biológicos e apresenta uma perspectiva médico-centrada. Nesse contexto, são estabelecidas relações de poder assimétricas e hierárquicas entre conhecimentos, áreas e profissões. Essas relações hierarquizadas marcam especialmente a que envolve o saber científico e os saberes populares, o que acaba por retratar interações conflituosas entre profissionais de saúde e pessoas da classe trabalhadora como as catadoras.

Esta pesquisa tem como base uma interpretação da saúde de forma ampliada/holística e contextualizada com o território ativo, estabelecendo a existência de elementos determinantes e condicionantes que influenciam na saúde e na qualidade de vida das populações<sup>37</sup>, destacando a importância da promoção da saúde para os grupos sociais desfavorecidos no âmbito social, econômico e ambiental, evidenciando sua capacidade de transformação da realidade<sup>38</sup>.

Para Nunes<sup>39</sup>, as condições sociais e econômicas têm um impacto crucial sobre a saúde e adoecimento, sendo que as medidas a serem tomadas para proteção da saúde são tanto sociais quanto médicas. A saúde de um indivíduo ou coletividade não é a mera ausência de doenças, mas as condições de vida referem-se às condições materiais necessárias à sobrevivência e ao estilo de vida corresponde às formas culturais e sociais que caracterizam a vida cotidiana dos grupos sociais e dos indivíduos<sup>40</sup>.

Nesse sentido, situações de desigualdade social atuam sobre processos de saúde e adoecimento. As iniquidades em saúde são aquelas desigualdades de saúde entre grupos populacionais que além de sistemáticas e relevantes, são também evitáveis, injustas e desnecessárias<sup>37</sup>. As catadoras de materiais recicláveis são trabalhadoras que estão expostas a riscos à saúde e que precisam ter seus direitos

garantidos enquanto trabalhadoras e cidadãs<sup>3</sup>. É um segmento social que está inserido em situações de vulnerabilidade devido a seu contexto de vida.

Para Ayres et al,<sup>41</sup> a noção de vulnerabilidade busca responder a percepção de que a chance de exposição das pessoas ao adoecimento não é a resultante de um conjunto de aspectos apenas individuais, mas também coletivos e contextuais. As ações de promoção da saúde são potenciais para transformação das realidades de grupos vulneráveis e para romper com o risco. A promoção da saúde sempre vai até as causas, tem foco na saúde dos sujeitos, essa é a sua vocação, o seu sentido<sup>42</sup>.

Para esta pesquisa, as questões abordadas vão além do adoecimento, mas estão nas condições materiais da vida dos sujeitos e nos sentidos e experiências atribuídas e vividas por este grupo social. A problemática referente aos resíduos sólidos ainda é pouco trabalhada pela saúde pública brasileira, muito menos, as condições de vida das trabalhadoras catadoras de materiais recicláveis e a posição que ocupam na sociedade, a sua participação na construção de cidades sustentáveis e as suas representações sociais. Não há produções científicas que versam sobre os itinerários terapêuticos, as estratégias de cuidado e o acesso aos serviços de saúde, ou seja, no que se refere à saúde em um contexto ampliado.

O cenário de trabalho da catação mudou, mas ainda permanecem problemas oriundos do trabalho e da posição social ocupada pelas catadoras. Não há reconhecimento por parte do poder público desse grupo social no tocante ao campo da saúde, que fomente ações em saúde direcionadas ao mesmo e atenda suas demandas, proporcione melhores condições de vida e trabalho. Diante do fato desse grupo social ser um dos principais elos para efetivação da coleta seletiva solidária, esses deveriam ser mais contemplados com ações de saúde no cotidiano de trabalho, com ações de promoção, prevenção e intervenção em saúde. Como será discutido nesta pesquisa, a organização atual dos serviços de saúde não os contempla.

O grupo de catadoras da cidade de Ceilândia, com o qual este trabalho foi realizado, está inserido em processos de exclusão e iniquidade social e está submetido a situações de trabalho prejudiciais a sua saúde, incluindo-o à exposição a situações de doenças.

Para isso, é necessário compreender em profundidade o universo desse grupo populacional, a partir de investigações subjetivas voltadas para o contexto de vida e saúde, considerando suas vivências e experiências com o contexto que vivem e se relacionam diariamente. Para tanto, os itinerários terapêuticos traçados por essas trabalhadoras e as práticas populares de cuidado produzidas em suas redes de apoio social são analisados nesta pesquisa.

As relações interpessoais no trabalho e suas interações sociais influenciam na tomada de decisão do indivíduo para utilização de determinadas tecnologias de cuidado, que neste estudo são denominadas de “tecnologias alternativas de enfrentamento do cotidiano”, sejam oficiais ou populares, essas tecnologias passam a funcionar quando são agenciadas pelos sujeitos, dependem deles para serem acionadas e passam a fazer sentido quando as catadoras passam a ter autonomia e “agência”. Assim, suprem suas necessidades. Com esta pesquisa busca-se a compreensão deste contexto quando essas tecnologias são acionadas e se referem ao cuidado em saúde, às representações sociais, às noções de corpo, de doença, de saúde e às emoções das catadoras.

## 2.2 ITINERÁRIOS TERAPÊUTICOS: AS ROTAS PARA MINIMIZAR OS PROBLEMAS DO COTIDIANO

O trabalho é um fator gerador e modificador das condições de viver, adoecer e morrer dos homens, sendo o tipo de trabalho e sua posição social, fatores determinantes na produção das doenças. Estudo<sup>28</sup> realizado em 2013 relata algumas patologias ligadas ao trabalho de catação como: verminoses, infecção intestinal (diarreia), gripe, leptospirose, dengue, meningite, dor de cabeça, dor de dente, febre, alergia e náusea, sendo que a possibilidade de cura rápida determina a importância da doença para as catadoras.

As morbidades mais frequentes advindas do contato humano direto ou indireto com os resíduos sólidos e recicláveis são as doenças diarreicas, diretamente relacionadas à lavagem das mãos, e aquelas transmitidas por vetores biológicos e mecânicos<sup>9</sup>. O contexto de vida e saúde das catadoras é delicado, assim sobreviver em meio a essas situações, na maioria das vezes, acaba interferindo na sua posição social, na relação com os familiares e na baixa autoestima. Em um estudo realizado

em uma associação de catadoras em Governador Valadares, Minas Gerais, as mais jovens apresentaram menor grau de satisfação pela vida<sup>14</sup>.

O cenário da exclusão é marcante, sendo necessário entender como esses sujeitos buscam o cuidado em saúde e negociam o acesso aos serviços de saúde já que estão inseridos em um contexto de Determinantes Sociais de Saúde (DSS) que influenciam negativamente na sua qualidade de vida, para posteriormente buscar estratégias para responder suas demandas e suas necessidades.

Segundo Gerhardt,<sup>48</sup> as práticas e estratégias da população de baixa renda no enfrentamento de seus problemas cotidianos, sobretudo em relação à procura de cuidados em saúde, podem ser analisadas através dos itinerários terapêuticos. Na definição feita por Ibáñez-Nóvion<sup>49</sup> os componentes de saúde de uma sociedade não dependem exclusivamente de um especialista oficial, é necessário entender onde se processam as primeiras ações de saúde, onde se tomam as primeiras decisões inerentes à crise, onde se desencadeia a negociação individual, familiar e comunitária. A relação entre itinerários terapêuticos e pobreza é bastante relevante no campo da Saúde Coletiva, em especial no contexto brasileiro, marcado pela desigualdade social e pela diversidade cultural que se refletem na busca do cuidado<sup>9</sup>.

O termo itinerário terapêutico significa a busca de cuidados terapêuticos e procura descrever e analisar as práticas individuais e socioculturais de saúde em termos dos caminhos percorridos por indivíduos pertencentes a camadas de baixa renda, na tentativa de solucionarem seus problemas de saúde<sup>48</sup>. Trata-se da compreensão da forma pela qual os indivíduos de uma dada sociedade situam-se em relação à doença, como a percebem e de que maneira agem para evitá-la. Por conseguinte, trata-se de uma discussão fundamental para o estudo social das doenças e das formas de lidar com elas<sup>50</sup>.

Quando a doença é interpretada e a sua dimensão social é reconhecida, deve-se identificar quais ações são construídas socialmente e não de maneira individual e quais interações sociais são de extrema relevância para se estudar os cuidados em saúde<sup>50</sup>. As interações sociais levam ao compartilhamento de experiência de saúde popular que é o cuidado com a saúde que não representa o discurso oficial, mas nem por isso o nega ou o exclui<sup>51</sup>. Dessa forma, a saúde popular constituiu um repertório

de ações dentro dos itinerários terapêuticos, individuais e coletivos, que fazem sentido a determinada comunidade, e uma alternativa escolhida como complemento e não a única alternativa diante da falta de outras, como geralmente se supõe<sup>51</sup>.

Diante desse quadro, para este trabalho é necessário investigar as práticas/estratégias adotadas por essas trabalhadoras na resolução dos seus problemas em saúde advindos do trabalho ou da sua posição na sociedade, ou seja, o seu contexto de vida.

### 2.3 CONTEXTUALIZANDO O UNIVERSO DAS CATADORAS DE MATERIAIS RECICLÁVEIS A PARTIR DE UMA REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA

De acordo com estudo do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA)<sup>43</sup>, realizado em 2013, a figura da catadora de material reciclável integra o cenário urbano, no Brasil, há alguns anos e encontra-se tanto nas pequenas quanto nas grandes cidades. Há registros sobre a figura da catadora que datam do século XIX, o que demonstra que as catadoras acompanharam o processo de urbanização no Brasil. Ainda, segundo esse estudo, as pessoas que se dedicam a essa atividade não encontraram oportunidade no mercado de trabalho.

Nas discussões contemporâneas sobre o desenvolvimento sustentável, a figura da catadora é de suma importância pois sua atividade dá outro significado ao lixo produzido nas cidades, transformando-o em mercadoria<sup>44</sup>. Atuam em um ciclo que reinsere o que é denominado de lixo em uma cadeia produtiva. Mesmo sendo um elemento importante na produção de ambientes sustentáveis em cenários urbanos, desenvolvendo uma atividade de utilidade pública, a ocupação de catadora é estigmatizada. Essas trabalhadoras vivem à margem da sociedade, não há oportunidade de trabalho e carecem de formação profissional. Na dinâmica da vida urbana onde têm um papel fundamental, as catadoras vivem em locais marginais sofrendo todos os tipos de processos de exclusão social<sup>43</sup>.

Embora em entrevista realizada por Zaneti<sup>2</sup> com Marcel Bursztyn há uma problematização do termo exclusão, colocando em questão que as catadoras são má-incluídas, não deixando de serem incluídas, como evidenciado no trecho abaixo:

A primeira imagem que eu tive, quando fui estudar os catadores de lixo é que eles eram excluídos pela condição de vida deles. Falando mais em particular este catador de materiais mais de luxo, o catador que circula, que pega

latinhas, papel, papelão. Depois, quando eu fui estudar um pouco melhor a cadeia produtiva do lixo, percebi que não dá para incluir o catador nesta categoria de excluído, porque ele pertence. O que define a exclusão é o não pertencimento e ele pertence. Só que ele pertence numa ponta extremamente precária da cadeia. Se ele pertence ele não é excluído, mas também não dá para colocá-lo como um trabalhador industrial moderno. (...) Concluí que ele é incluído, mas é mal incluído. Ele é incluído porque está no circuito industrial, ele é peça importante na cadeia produtiva, por exemplo, o catador de latinhas, faz parte da primeira etapa que termina numa empresa multinacional de alumínio que, portanto se vale disto. Mas ele é mal incluído, porque trabalha na mais precária situação, porque o processo de catar e coletar este material é insalubre; irregular sob o ponto de vista da legislação trabalhista e injusto sob o ponto de vista das condições de vida. Deixei de usar o conceito de exclusão social para qualificar estes atores. Todos os casos têm ligações com a cadeia econômica incluída, bem ou mal incluída, mas o modo de vida deles é excluído. Ele é socialmente excluído, enquanto trabalhador, ele tem um elo de pertencimento, portanto, de inclusão. Por isso chamamos de mal incluído (p. 230).

Dessa maneira, fica evidente que um elemento marcante na ocupação de catadora que acaba por defini-la como vulnerável<sup>43</sup> é a informalidade em que muitas se encontram, o que leva a atuarem sem garantia de direitos trabalhistas e com riscos à saúde, tendo em vista que não apresentam qualquer seguro social em caso de acidente ou adoecimento. Outros riscos que acompanham essa ocupação seriam:

A exposição ao calor, a umidade, os ruídos, a chuva, o risco de quedas, os atropelamentos, os cortes e a mordedura de animais, o contato com ratos e moscas, o mau cheiro dos gases e a fumaça que exalam dos resíduos sólidos acumulados, a sobrecarga de trabalho e levantamento de peso, as contaminações por materiais biológicos ou químicos etc. Estes, entre outros fatores, fazem com que esta atividade seja considerada como insalubre em grau máximo, conforme estabelecido na Norma Regulamentadora nº 15, do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE)<sup>43</sup>.

Houve mudanças significativas no processo de trabalho dessa classe de trabalhadoras, especialmente no final dos anos de 1990 e início dos anos 2000, sendo exercido, na atualidade, por profissionais que se organizam em associações e cooperativas. Porém, mesmo em tais situações, as catadoras ainda estão submetidas a situações de vida e trabalho prejudiciais a sua saúde.

Uma importante conquista para as catadoras foi a criação do MNCR, em 2001, que aconteceu no 1º Congresso Nacional dos Catadores(as) de Materiais Recicláveis, realizado em Brasília. Antes desse evento, ocorreu, em 1999, o 1º Encontro Nacional de Catadores de Papel, que abriu os caminhos para o Congresso de 2001<sup>32</sup>. Tal Congresso reuniu mais de 1.700 catadores e catadoras e foi lançada uma carta, intitulada Carta de Brasília, documento que expressa às necessidades dos grupos que sobrevivem da coleta de materiais recicláveis. A carta apresenta ao Congresso

Nacional um anteprojeto de lei regulamentando a profissão de catadora de materiais recicláveis e determina que o processo de industrialização priorize empresas sociais de catadoras<sup>45</sup>.

Outra importante conquista foi o sancionamento da Lei 12.305 de 2010, que institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos, criando um marco regulatório na questão dos resíduos sólidos do país, estabelecendo a obrigatoriedade de implantação de Planos de Gerenciamento de Resíduos Sólidos em todos os municípios brasileiros e Distrito Federal, com programas de coleta seletiva e inclusão das catadoras.

Dessa forma, a classe trabalhadora de catadoras de materiais recicláveis institucionalizadas vem crescendo, necessitando de ações voltadas para sua qualidade de vida. As pesquisas científicas são importantes para mapear e aprofundar um maior entendimento sobre o contexto de vida desses indivíduos e contribuir na construção de políticas ou ações em saúde que contemplem as suas necessidades de vida e trabalho, quanto a real condição social desse grupo, principalmente, as condições de alimentação, habitação, educação, renda, ambiente, trabalho, emprego, lazer, liberdade e acesso a serviços de saúde.

De acordo com Junior,<sup>28</sup> a profissão de catadora sofre inúmeras carências que se refletem na vivência destes indivíduos como cidadãs, faltando incentivo social, financeiro e psicológico, além do real reconhecimento da importância desta profissão e efetiva inclusão social destas trabalhadoras. A Organização Mundial da Saúde (OMS) apresentou a definição de saúde ambiental como “(...) o campo de atuação da saúde pública que se ocupa das formas de vida, das substâncias e das condições em torno do ser humano, que podem exercer alguma influência sobre a sua saúde e o seu bem-estar”. No caso das catadoras, há muito a ser feito na melhoria de suas condições de vida e para a efetiva garantia da sua saúde ambiental.

Diante de toda a problemática de má-inclusão em que se encontram as catadoras e para compreender melhor o seu universo foi realizada uma Revisão Integrativa (RI) – ANEXO B – para saber o que versavam as produções científicas recentes, no período de 2004 a 2014, sobre o estado da arte das condições de vida das catadoras de materiais recicláveis.

Entende-se que as pesquisas científicas são importantes para mapear e aprofundar um maior entendimento sobre o contexto de vida desses indivíduos e contribuir na construção de políticas ou ações em saúde que contemplem as suas necessidades de vida e trabalho, quanto a real condição social desse grupo. Na RI realizada em 2015, analisou-se oito artigos que atenderam aos critérios de inclusão previamente estabelecidos e, a seguir, é apresentado um panorama geral dos artigos avaliados.

Em relação à caracterização dos estudos, quanto ao ano de publicação, em 2004, 2011 e 2012 foi publicado um artigo em cada ano, em 2013 foram publicados dois artigos e 2009 foram publicados três artigos. No que se refere ao idioma, seis publicações foram em português e duas em inglês, entretanto, todos os estudos foram realizados no território brasileiro. Dos artigos avaliados, três foram desenvolvidos no cenário dos aterros/lixões, quatro com catadoras autônomas, que são aquelas que desenvolvem atividades nas ruas, feiras livres ou depósitos, e um estudo com catadoras vinculadas diretamente à associação. E quando à localidade de realização dos estudos, quatro foram realizados na área geográfica da região Sudeste, dois na região Nordeste e dois na região Centro-Oeste do Brasil. Nos quadros 1 e 2 apresenta-se a síntese dos artigos incluídos na RI, separados pelo local do levantamento bibliográfico.

**Quadro 2** – Apresentação da síntese de artigos incluídos na RI levantados na Proquest.

(continua)

Nome do artigo	Autores	Periódico (vol., nº, pg., ano)	Recomendações/Conclusões
A vida no lixo: um estudo de caso sobre os catadores de materiais recicláveis no município de Ipameri, GO. <sup>26</sup>	Gonçalves CV; Malafaia G; Castro ALS; Veiga BGA.	Holos, vol. 2, 238-250, 2013.	Contribuiu para que uma maior atenção seja dada aos seres humanos que estão em condição de catadores de materiais recicláveis. Por fim, pode-se dizer que tomar a realidade de vida e de trabalho dos catadores investigados também representa uma reflexão muito positiva sobre nossas próprias posturas em relação a esses sujeitos.

Fonte: elaboração do próprio autor

**Quadro 2 – Apresentação da síntese de artigos incluídos na RI levantados na Proquest.**

(conclusão)

Nome do artigo	Autores	Periódico (vol., nº, pg., ano)	Recomendações/Conclusões
Proposal of social inclusion and improvement of the quality of life and health of collectors of recyclable materials of Viçosa – MG Through the physical activity. <sup>17</sup>	Alexandrino, DFL; Ferreira MEC; Lima CL; Makkai LFC.	Fit Perf J. 8, 2, 115-122, 2009.	Conclui-se que a inserção de um programa de valorização profissional e de atividade física influenciará positivamente na qualidade de vida e saúde e, principalmente, favorecendo a inclusão social em nossa sociedade.

Fonte: elaboração do próprio autor

**Quadro 3 – Apresentação da síntese de artigos incluídos na RI levantados na Biblioteca Virtual da Saúde (BVS).**

(continua)

Nome do artigo	Autores	Periódico (vol., nº, pg., ano)	Recomendações/Conclusões
Lixo, trabalho e saúde: um estudo de caso com catadores em um aterro metropolitano no Rio de Janeiro, Brasil. <sup>3</sup>	Porto MFS; Juncá DCM; Gonçalves RS; Filhote MIF.	Cad. Saúde Pública, 20, 6, 1503-1514, 2004.	O artigo sugere a construção de políticas públicas que integrem diferentes dimensões do problema, como inclusão social, preservação ambiental, saúde pública e o resgate da dignidade desses trabalhadores.
Efeito da idade sobre a qualidade de vida e saúde dos catadores de materiais recicláveis de uma associação em Governador Valadares, Minas Gerais, Brasil. <sup>14</sup>	Almeida JR; Elias ET; Magalhães MA; Vieira AJD.	Ciência & Saúde Coletiva, 14, 6, 2169-2180, 2009.	O artigo alerta para necessidade de um trabalho de capacitação dos trabalhadores da associação de catadores de materiais recicláveis de Governador Valadares, com ênfase na promoção de mudanças de comportamentos e de valorização a própria vida.
Há dignidade no trabalho com o lixo? Considerações sobre o olhar do trabalhador. <sup>15</sup>	Santos GO; Silva LFF.	Revista Mal-estar e subjetividade, IX, 2, 689-716, 2009.	A vida dos entrevistados é marcada pelo não-reconhecimento social e sentida como sofrida, humilhante, desqualificada socialmente e vergonhosa. Acredita-se que a questão ambiental envolve também a questão da valorização dos catadores e dos garis. Assim, a educação ambiental pode contribuir para a diminuição do sofrimento e promoção do orgulho de ser agente ambiental.

Fonte: elaboração do próprio autor

**Quadro 3 – Apresentação da síntese de artigos incluídos na RI levantados na Biblioteca Virtual da Saúde (BVS).**

(conclusão)

Nome do artigo	Autores	Periódico (vol., nº, pg., ano)	Recomendações/Conclusões
Precariedade do trabalho e da vida de catadores de recicláveis em Fortaleza, CE. <sup>21</sup>	Maciel RH; Matos TGR; Borsoi ICF; Mendes ABC; Siebra PT, Mota CA.	Arquivos Brasileiros de Psicologia, 63, nº spe, 71-82, 2011.	As condições de trabalho e de vida dos catadores são evidentemente precárias e também condizem com as quatro condições que determinam a vulnerabilidade social.
Espiritualidade na avaliação da qualidade de vida dos catadores de materiais recicláveis: estudo transversal. <sup>23</sup>	Santos SMR; Jesus MCP; Mattos LR; Alves MJM; Vicente EJD; Jesus PBR.	Online Brazilian Journal of Nursing, 11, 1, 1-8, 2012.	Faz-se necessário o aprofundamento da questão em novas investigações, espiritualidade em foco associado a qualidade de vida em grupo de catadores de materiais recicláveis, considerando-se a complexidade dos fatores envolvidos não só na avaliação da qualidade de vida, como, especialmente, no domínio da espiritualidade.
Accidents at work and living conditions among solid waste segregators in the open dump of Distrito Federal. <sup>27</sup>	Hoefel MG; Carneiro FF; Santos LMP; Gubert MB; Amate EM; Santos W.	Rev bras Epidemiol, 16, 3, 764-85, 2013.	O complexo contexto das condições de vida dos catadores suscita a necessidade de estudos mais profundos sobre essa realidade, de forma a revelar o problema e romper com as barreiras impostas pela marginalização social, econômica e ambiental.

Fonte: elaboração do próprio autor

Nos estudos encontrados na RI, as catadoras são inclusas em condições sociais e ambientais precárias de vida e trabalho, em que foi possível compreender a qual grupo populacional pertence essas trabalhadoras. Entretanto, identificou-se que há poucos artigos científicos que tratam das condições de vida das catadoras de materiais recicláveis. No Brasil, a acentuada desigualdade na distribuição de renda, no acesso aos recursos de saúde, no saneamento básico, na educação e em outros constituintes do padrão de vida da população, tem se revelado por meio de profundas diferenças no risco de adoecimento dos diversos estratos sociais<sup>46</sup>.

As desigualdades sociais marcam as desigualdades em saúde, revelando um intrincado processo onde marcadores sociais da diferença como raça, etnia, gênero, onde se vive e o trabalho que realiza passa a ter um peso maior no acesso dos sujeitos às políticas públicas, às tecnologias de saúde e a melhores condições de vida.

O perfil dos trabalhadores que se ocupam da catação, relacionado ao gênero, apresenta diferenças para cada território estudado nas investigações. Entretanto, alguns estudos apresentam um maior número de catadoras, chegando a dois estudos de a presença feminina ser muito superior a masculina<sup>14,27</sup>. De forma geral, os estudos<sup>3,14,27,17-26</sup> apresentam maior quantidade de mulheres catadoras, em que os dados eram superiores a metade dos trabalhadores pesquisados. Com exceção para um estudo que apresentou mais catadores do sexo masculino<sup>23</sup>. No estudo<sup>27</sup> mais da metade das famílias eram chefiadas por mulheres. A discussão de gênero passa a ser importante tendo em vista que as mulheres surgem com maior peso em situações de desigualdade. O fato de ser mulher aumenta a dificuldade dessa em se inserir no mercado de trabalho e caso essa mulher seja negra, as dificuldades ampliam-se<sup>47</sup>.

A faixa etária não apresenta expressas diferenças de acordo com o território de cada pesquisa, pois a maioria dos artigos levantados apresenta a presença de adultos jovens e idosos no trabalho de catação, variando as idades entre 18 a 75 anos<sup>3,14</sup>, entretanto, apenas em uma investigação<sup>23</sup> tem apenas catadoras acima de 40 anos, sendo que em outra experiência a idade estava entre 25 a 33 anos<sup>26</sup>. Ou seja, este cenário de catação é caracterizado por uma população economicamente ativa em que a maioria dos pesquisados possuem idade entre 20 a 40 anos, ressaltando que as mulheres se encontram na faixa etária reprodutiva, sendo que um elevado número de mulheres já trabalhou grávida<sup>3</sup>. Dessas catadoras que trabalharam grávidas, 21,2%, de um total de 218 trabalhadores entrevistados, mencionaram ter tido aborto espontâneo nessa época<sup>3</sup>.

A respeito do nível de escolaridade dos sujeitos investigados, na maioria dos casos que contemplava essa variável, os trabalhadores possuíam baixa escolaridade, chegando há alguns casos ao analfabetismo<sup>13,15,26,23-17</sup>. Com exceção para um estudo<sup>3</sup> em que 90% dos trabalhadores sabiam ler e escrever, porém 23% do mesmo estudo apontou dificuldades na leitura e na escrita.

Em relação ao trabalho, alguns sujeitos dos estudos demonstraram que trabalham como catadoras por ser o único meio de sobrevivência<sup>3,15,21-26</sup>, algumas começaram a trabalhar quando criança<sup>3,27</sup>, na sua maioria já passaram por várias ocupações<sup>3,26</sup>, outro fator preponderante para sua situação de trabalho foi o motivo do desemprego<sup>3,14-26</sup>. Preferencialmente, desejam continuar mantendo sua atual

ocupação de trabalho<sup>3</sup> e outros almejam o sonho da carteira assinada<sup>15,21</sup>. A renda média chega a um ou a dois salários mínimos<sup>27,17-3</sup>. Em alguns estudos<sup>15,27</sup>, os trabalhadores apresentaram satisfação negativa quanto à remuneração recebida pelo trabalho de catação. Em dois estudos<sup>3,27</sup>, observou-se o pequeno envolvimento em programas e benefícios sociais, já em outro<sup>21</sup> a composição da renda da família também contava com cotas do Programa Bolsa Família.

Em um estudo<sup>23</sup>, mais da metade dos sujeitos trabalhava somente com a catação de materiais recicláveis. Em outro estudo<sup>3</sup> quando não está trabalhando, a maioria dos entrevistados (55,2%) descansa, enquanto que 42% se ocupa de atividades domésticas, 16% faz algum biscate, 8,7% se dedica a atividades religiosas e apenas 8,2% se envolve em atividades de esporte e lazer. Em consonância, no estudo<sup>14</sup> há um alto índice de afastamento de catadoras por problemas de saúde, provocando um déficit na capacidade de trabalho da cooperativa, tendo a presença de dor frequente em todas as classes de idade, seja adulta ou idosa. No estudo<sup>27</sup> a maioria dos entrevistados dos trabalhadores (79,2%) declarou-se estressada, triste ou cansada em relação ao trabalho.

Uma informação que se repete em alguns artigos e que de certa forma precisa ser tratada com cautela em futuras pesquisas e intervenções com a população de catadoras é o fato do consumo de alimentos achados no próprio lixo, alimentos esses provenientes, em sua maioria, de supermercados<sup>3,14,22,27-26</sup>. A situação merece atenção, pois, a partir de um relato de entrevista, a catadora afirmou já ter alimentado os seus filhos com o que encontrava no lixo. Contou ainda que não só ela, mas a sua mãe e os seus irmãos comiam restos de comidas e até alimentos com validade vencida<sup>21</sup>.

No estudo<sup>27</sup> a insegurança alimentar foi detectada em metade dos domicílios das catadoras entrevistadas. Em outro cenário investigado, muitas catadoras retiram do lixo roupas, eletrodomésticos, utensílios para uso pessoal e para casa<sup>14</sup>. Esses dados coletados ajudam a elucidar a realidade de vida das catadoras, que estão inseridas em um contexto de vulnerabilidade. Ao mesmo tempo em que cabe investigar o sentido que dão para o lixo ao transformá-lo em mercadoria, perdendo o aspecto negativo que apresenta para grande parte da população.

Quando considerado o contexto de saúde, as catadoras em alguns casos relatam que ter saúde é não ter doença, saúde é ter condição para trabalhar<sup>3,21</sup> e em outro contexto<sup>14</sup> saúde se limita as suas necessidades e anseios para se sentirem bem como: não sentir dor, não sentir nada, não precisar de hospital ou de médico e não precisar de remédios. A maioria reconhece a existência de algum risco no local de trabalho com o lixo<sup>3,14,27-21</sup>. Apenas uma pequena parte das catadoras considera que já teve alguma doença provocada pelo trabalho com o lixo<sup>3</sup>.

Para as catadoras somente acidentes ou doenças mais graves podem ser impeditivos para continuarem trabalhando<sup>21</sup>, em outro estudo<sup>3</sup> evidenciaram as doenças que as impediam de ir ao trabalho, entre elas: gripes e resfriados, dores e problemas osteoarticulares, pressão alta e problemas respiratórios. Percebe-se que uma boa quantidade das entrevistadas em diferentes territórios não se preocupa com a prevenção e manutenção da saúde, poucas afirmaram fazer exames médicos periodicamente, já que em dois estudos<sup>14,26</sup> as catadoras se autoavaliam como detentoras de saúde. A presença de moscas, mosquitos e ratos no ambiente de trabalho e na residência foi presente em alguns cenários dos estudos<sup>3,14-26</sup>.

Em relação ao acesso a serviços de saúde, quando se acidentam ou precisam de cuidados médicos, a maioria das catadoras afirma ter acesso, utilizando os serviços dos postos de saúde mais próximos de suas residências ou os atendimentos no pronto-socorro da região pelo SUS<sup>3,14</sup>. Poucas buscam alternativas, como farmácia local, consultórios particulares e amigos/parentes<sup>3</sup>.

Por fim, alguns estudos<sup>3,14,15-21</sup> demonstraram problemas em relação ao preconceito decorrente do fato de trabalharem no lixo, de serem negras, ou ainda carregarem o rótulo de pobres<sup>3</sup>, sendo motivo de desprezos e maus tratos. Os depoimentos das entrevistadas apontaram para quase ou nenhum reconhecimento social do trabalho que desenvolvem<sup>15</sup> e jovens apresentam descrença em algo que possa mudar sua realidade de vida<sup>14</sup>. As informações mencionadas elucidam a autoimagem que as catadoras possuem a partir do processo de estigmatização das classes minoritárias economicamente.

O perfil de gênero, idade, sexo, escolaridade, trabalho, renda e saúde dessa população auxilia a pensar de que maneira podemos planejar intervenções em ações

de saúde para essa população, tornando as estratégias mais efetivas. Acredita-se que esse grupo populacional merece atenção diferenciada, já que sua posição na sociedade marcada pela desigualdade social faz com que seja propenso a uma qualidade de vida comprometida. A revisão reafirma essa situação de desigualdade e a forte influência dos determinantes e condicionantes de saúde nesse grupo social.

### **3. OBJETIVOS DO ESTUDO**

#### **3.1 GERAL**

- Compreender as práticas/estratégias de busca pelo cuidado de catadoras de materiais recicláveis no enfrentamento de seus problemas cotidianos relacionados à vida e saúde.

#### **3.2 ESPECÍFICOS**

- Levantar as concepções e práticas populares de cuidado relacionados aos sujeitos da pesquisa;
- Analisar as relações entre trabalho-saúde-adoecimento no contexto de vida dos sujeitos da pesquisa;
- Contextualizar as condições de ambiente, vida, trabalho e saúde que estão inseridas as catadoras de materiais recicláveis na sociedade.

## 4. MÉTODOS E TÉCNICAS: CAMINHOS PERCORRIDOS

### 4.1 ÁREA DE ESTUDO

A pesquisa de campo foi realizada em uma área de destinação final de resíduos sólidos na região administrativa (RA) de Ceilândia/DF. Na Usina de Reciclagem e Compostagem de Resíduos Sólidos trabalham duas associações de catadoras de materiais recicláveis, a Associação dos Catadores do Guará (CATAGUAR) e a Associação Pré-cooperativista dos Catadores e Recicladores de Resíduos Sólidos de Ceilândia (APCORC), distintas entre si quanto ao seu processo produtivo. No local, funciona a Valor Ambiental, empresa responsável pelo recolhimento dos rejeitos urbanos nas residências do DF e também uma sede administrativa do Serviço de Limpeza Urbana (SLU). Além de contar com o Museu da Limpeza Urbana.

**Figura 1** – Entrada principal de acesso à Usina de Reciclagem e Compostagem de Resíduos Sólidos do “P” Sul, Ceilândia-DF.



Fonte: registro de fotografias da própria pesquisa.

A Associação de catadoras pesquisada funciona no espaço do SLU, estando localizada geograficamente no fim da cidade de Ceilândia, e para ter acesso os visitantes devem se identificar em uma cancela de segurança. Porém, na maioria das visitas de campo, não havia segurança para identificação, encontrando-se a cancela aberta com acesso livre dos trabalhadores e, também, visitantes. No último mês de campo, colocaram outra zona de segurança, após a primeira cancela. Com isso, os

carros não podem mais ultrapassar para ter acesso ao galpão de triagem de materiais reciclados – local de trabalho das catadoras entrevistadas – e no retorno passam por revista.

**Figura 2** – Área externa da Usina de Reciclagem e Compostagem de Resíduos Sólidos do “P” Sul, Ceilândia-DF.



Fonte: registro de fotografias da própria pesquisa.

**Figura 3** – Área externa de compostagem da Usina de Reciclagem e Compostagem de Resíduos Sólidos do “P” Sul, Ceilândia-DF.



Fonte: registro de fotografias da própria da pesquisa.

A notícia do dia 14 de agosto de 1987 veiculada em um jornal, exposta nos quadros históricos do Museu da Limpeza Urbana, relata que em um 1 ano e 4 meses, após a última de uma série de três inaugurações, a segunda maior Usina Central de Tratamento de Lixo do mundo construída pelo Governo do Distrito Federal (GDF) no

Setor “P” Sul da Ceilândia ao custo de US\$ 12 milhões, ainda não cumpria o seu objetivo de processar, inicialmente, 600 toneladas de resíduos sólidos e posteriormente 1.200 toneladas – quase o dobro da produção atual da primeira maior usina que processa 700 toneladas por dia. Há uma área externa da Usina destinada aos resíduos orgânicos para compostagem.

**Figura 4** – Área interna de esteiras da Usina de Reciclagem e Compostagem de Resíduos Sólidos do “P” Sul, Ceilândia-DF.



Fonte: registro de fotografias da própria da pesquisa.

A dinâmica de trabalho das associações de catadoras de materiais recicláveis está baseada na responsabilidade de separação do lixo reciclável e na limpeza dele para posteriormente virar mercadoria. Assim, nas esteiras internas da Usina as catadoras separam e coletam os materiais recicláveis, sendo que no turno matutino e vespertino trabalham as catadoras da Associação APCORC e o noturno é destinado às catadoras da Associação CATAGUAR. Esta pesquisa contou com a participação das trabalhadoras da CATAGUAR, que são moradoras de Ceilândia.

**Figura 5** – Galpão de triagem de materiais reciclados da Usina de Reciclagem e Compostagem de Resíduos Sólidos do “P” Sul, Ceilândia-DF.



Fonte: registro de fotografias da própria da pesquisa.

Após a separação dos materiais feita pelo trabalho das catadoras na Usina, esses materiais são enviados ao galpão de triagem de materiais recicláveis. Nesse galpão trabalham as catadoras da Associação CATAGUAR e pessoas que trabalham para um atravessador, dividindo os espaços entre si para que não ocorra a mistura dos materiais. As atividades de ambos trabalhadores são a separação, a limpeza, a prensa e a venda dos resíduos: sedas, pets, latinhas, cobre e papéis.

**Figura 6** – Sede administrativa da Associação CATAGUAR, Ceilândia-DF.



Fonte: registro de fotografias da própria da pesquisa.

O lixo é definido por muitos como aquilo que ninguém quer, sem utilidade ou supérfluo. Em meio a tantas coisas consideradas inúteis é possível encontrar objetos realmente interessantes. Baseados nisso, os garis do SLU fundaram o Museu da Limpeza Urbana, instalado junto à Usina de Lixo de Ceilândia, na QNP 28.

O Museu recebe mensalmente 200 pessoas, em sua maioria crianças, que aprendem não só um pouco de história, mas também descobrem noções de ecologia e a importância de reciclar. O Museu é aberto ao público de segunda-feira à sexta-feira, das 7h às 17h.

**Figura 7** – Museus da Limpeza Urbana da Usina de Reciclagem e Compostagem de Resíduos Sólidos do “P” Sul, Ceilândia-DF.



Fonte: registro de fotografias da própria da pesquisa.

**Figura 8** – Produtos do Museu da Limpeza Urbana da Usina de Reciclagem e Compostagem de Resíduos Sólidos do “P” Sul, Ceilândia-DF.



Fonte: registro de fotografias da própria da pesquisa.

O Museu é uma forma dos trabalhadores resignificarem a importância da reciclagem. Os locais onde as catadoras executam suas atividades são tanto na Usina de Lixo quanto nos galpões de triagem de materiais reciclados. Existe um galpão onde as duas Associações trabalham de forma separada na divisão dos materiais, há a construção de um novo galpão, pois a Usina será desativada para reforma, assim, o mesmo receberá esteiras para melhoria do processo produtivo na visão dos tomadores de decisão, entretanto, em conversas com as catadoras a mudança não é vista de forma positiva, devido à superlotação de trabalhadores que pretendem impor no novo cenário de trabalho.

#### **4.1.1 A cidade de Ceilândia**

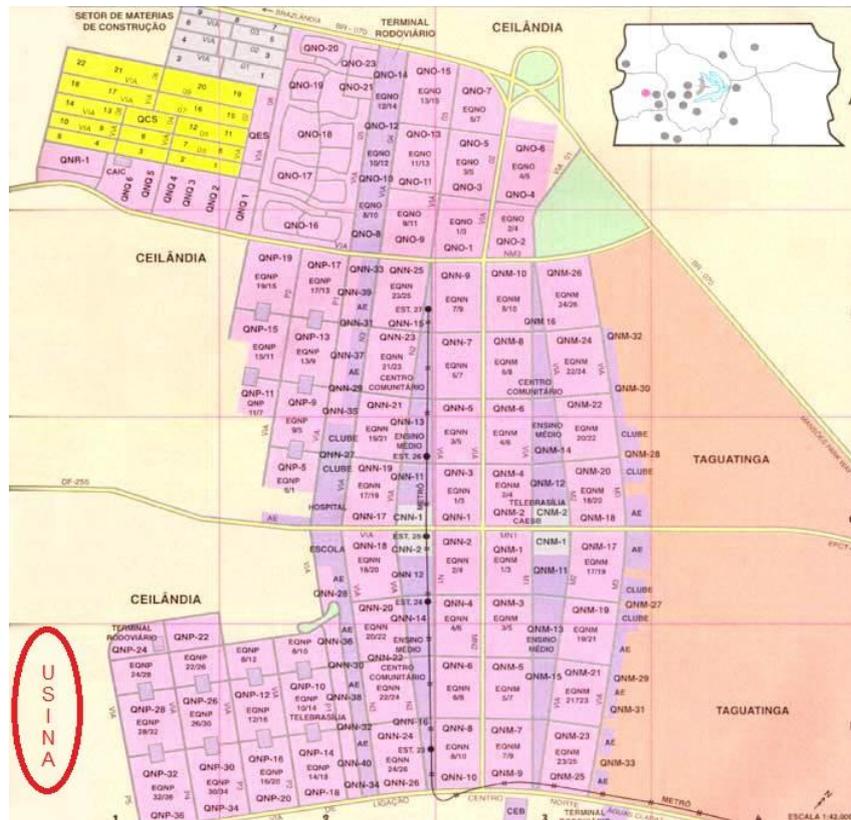
Segundo dados da Pesquisa Distrital Por Amostra de Domicílios – Ceilândia – (PDAD 2015), realizada pela Companhia de Planejamento do Distrito Federal (CODEPLAN), a cidade da Ceilândia surgiu em decorrência da Campanha de Erradicação das Invasões (CEI), que foi o primeiro projeto de erradicação de favelas realizado no DF pelo governo local. As remoções para a nova cidade foram iniciadas em 27 de março de 1971, estabelecendo a data de sua fundação a partir da transferência de, aproximadamente, 80.000 moradores das favelas da Vila do IAPI, Vila Tenório, Vila Esperança, Vila Bernardo Sayão e Morro do Querosene, destacando que havia somente o cerrado, a cidade não tinha nenhuma infraestrutura.

O projeto urbanístico da nova cidade – a princípio a continuação da RA de Taguatinga – foi pensado para comportar 40 quadras, distribuídas entre o sul e o norte: Ceilândia Sul e Ceilândia Norte. A cidade teria a forma de um barril, com um eixo central (a Avenida Hélio Prates da Silveira) e dois eixos horizontais intercalados pelas avenidas Leste e Oeste. Além da Avenida Elmo Serejo Farias, que, pelo Sul, ligaria Ceilândia a Taguatinga<sup>52</sup>.

Entretanto, devido ao crescimento desordenado da cidade e, principalmente, da migração de pessoas que buscavam melhores condições de vida na Capital Federal – Brasília, Ceilândia se tornou a região mais populosa do DF. O seu início foi marcado pela organização da população na luta por melhores condições de vida, assim, fazendo com que fosse conquistado o acesso às políticas públicas como saneamento, energia, telefonia e educação, e mais recentemente o novo Campus da Universidade de Brasília (UnB).

Hoje a Ceilândia possui uma área urbana de 29,10 km<sup>2</sup>, tem uma população urbana estimada em 489.351 habitantes, sendo a cidade mais populosa do DF, estando subdividida em diversos setores: Ceilândia Centro, Ceilândia Sul, Ceilândia Norte, P Sul, P Norte, Setor O, Expansão do Setor O, QNQ, QNR, Setores de Indústria e de Materiais de Construção e parte do INCRA (área rural da RA), Setor Privê e condomínios que estão em fase de legalização, como o Pôr do Sol e Sol Nascente<sup>53</sup>. A Usina de lixo está localizada no bairro P Sul, sendo que uma quantidade significativa das catadoras de materiais recicláveis entrevistadas nesta pesquisa reside na QNR.

**Figura 9 – Localização geográfica da Usina de lixo de Ceilândia-DF.**



Fonte: Ache Tudo e Região, 2014.

#### 4.2 ASPECTOS TEÓRICOS-METODOLÓGICOS

Esta pesquisa é um estudo qualitativo, em que foi adotada uma abordagem etnográfica. Utilizou-se a pesquisa qualitativa, pois essa metodologia trabalha com sujeitos e o seu modo de atuação em determinado contexto social<sup>55</sup>, no caso a realidade de vida das catadoras de materiais recicláveis, sendo valorizados os significados das participantes. Segundo Creswell<sup>56</sup>, em todo processo de pesquisa qualitativa, o pesquisador mantém um foco na aprendizagem do significado que os participantes dão ao problema ou questão e não ao significado que os pesquisadores trazem para a pesquisa ou que os autores expressam na literatura.

A partir da imersão no cotidiano dessas trabalhadoras foi possível compreender as experiências relacionadas à vida, ao trabalho e à saúde. Por meio dessa metodologia foi possível trabalhar com o universo de significados das catadoras. De acordo com Minayo<sup>57</sup>, a pesquisa qualitativa proporciona uma interpretação da realidade a partir da perspectiva do indivíduo, trabalhando, assim, com um universo de significados, valores, crenças e atitudes. Dessa maneira, há, na verdade, uma

exploração das opiniões e das representações sociais apresentadas com intuito de se ter uma amostra do ponto de vista dos atores.

Segundo Neves<sup>58</sup>, entende-se que a pesquisa qualitativa não busca medir determinado evento, já que os fenômenos encontrados são interpretados a partir da percepção dos sujeitos envolvidos na situação estudada e os dados produzidos são resultado da interação direta entre investigador e o objeto de estudo. Nesse sentido, Minayo<sup>59</sup> considera que a pesquisa qualitativa contribui para investigações a respeito das representações e valores culturais dos grupos sociais.

Entretanto, esse método de pesquisa exige que o investigador possua capacidade de flexibilidade e observação e que esteja em constante envolvimento com os sujeitos para que ocorra um processo de interação e escuta. Por conseguinte, dentro do universo da pesquisa qualitativa, neste estudo foi utilizada a abordagem etnográfica, que é caracterizada pela descrição aprofundada dos fenômenos e pela observação minuciosa dos mesmos, sendo capaz de captar as singularidades dos sujeitos<sup>60</sup>.

A abordagem etnográfica é aquela pautada pelo olhar, ouvir e escrever<sup>61</sup>, nesse sentido esta pesquisa combinou técnicas para coleta dos dados na perspectiva de entender o objeto em estudo, representando da forma mais fidedigna possível a realidade estudada. Foram utilizadas as técnicas: conversas informais, entrevista semiestruturada e a observação participante no cenário de campo.

Segundo Minayo<sup>62</sup>, a entrevista é uma técnica que permite ao pesquisador coletar dados relevantes para a compreensão do objeto de pesquisa, pois possibilita um espaço para conversa e reflexão a respeito da realidade do sujeito. Por se tratar de um processo dinâmico e de interação foram definidas e utilizadas questões norteadoras para funcionar como orientação para as entrevistas, questões estas levantadas a partir da imersão do pesquisador no campo e da revisão integrativa da literatura que versavam sobre o modo de vida e a saúde de catadoras de materiais recicláveis.

Ainda assim, as entrevistas podem fornecer informações que só se constroem através do diálogo, pois se tratam das reflexões do sujeito sobre suas vivências dentro de determinado contexto, produzindo informações primárias e de grande importância

na construção dos estudos empíricos<sup>58</sup>. A entrevista semiestruturada, utilizada neste estudo, combinou perguntas fechadas e abertas, em que o entrevistado tem possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender a indagação formulada<sup>57</sup>.

Desse modo, acreditou-se que a adequada condução e análise das entrevistas com este grupo social (catadoras de materiais recicláveis) poderia fornecer dados suficientes para se alcançar o objetivo desta pesquisa. Buscou-se, também, no momento da realização das entrevistas, deixar as entrevistadas livres para compartilhar os pensamentos, as emoções e o modo de agir, respeitando sempre a sua autonomia como participante ativa no processo.

Outra técnica utilizada foi a observação participante, caracterizada como um modo de pesquisar que coloca o pesquisador no meio da comunidade que ele está estudando<sup>63</sup>, sendo uma ferramenta importante para a construção do conhecimento nas pesquisas em saúde, principalmente na comunidade<sup>64</sup>. É muito utilizada pelos pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa e consiste na inserção do pesquisador no interior do grupo observado, tornando-se parte dele, interagindo por longos períodos com os sujeitos e buscando partilhar o seu cotidiano para sentir o que significa estar naquela situação<sup>64</sup>.

Destaca-se que as entrevistas foram gravadas, somente com o consentimento dos sujeitos entrevistados, e tal consentimento foi feito de forma oral. As percepções/anotações advindas da observação participante e das conversas informais foram registradas no diário de campo do pesquisador. Segundo Deslandes<sup>62</sup>, o principal instrumento de pesquisa de trabalho de campo da observação participante é o diário de campo. Este foi mantido ao longo de toda a pesquisa com a finalidade de descrever minuciosamente o que foi observado em todos os momentos deste estudo, principalmente, no registro das informações pertinentes que surgiram durante todo o processo de imersão no cenário de campo, no que esteja relacionado à vida, ao trabalho e à produção de saúde.

No que tange à análise dos dados, as informações contidas nas entrevistas semiestruturadas dos sujeitos foram transcritas e analisadas conforme as unidades de significados das falas dos entrevistados<sup>65</sup>, utilizando a técnica de elaboração e

análise de unidades de significado. Segundo Moreira<sup>65</sup>, deve-se compreender o discurso produzido pelos informantes, logo depois selecionar as unidades que se mostrarem mais significativas nestes discursos e, por fim, fazer uma análise voltada à interpretação dos resultados buscando entender os dados em sua essência.

Em relação à conduta e às atribuições do investigador na abordagem etnográfica, a respeito do olhar, ouvir e escrever, essas devem ser executadas com cautela, pois o objeto em estudo na pesquisa de campo é vivo e ativo no processo dinâmico, principalmente, no ambiente de trabalho, devido aos conflitos e às posições naquele cenário dos atores, havendo uma interação com o público estudado, diferentemente, das pesquisas realizadas em laboratórios que há um objeto manipulado pelo pesquisador. Dessa forma, o olhar e o ouvir constituem a nossa percepção da realidade focalizada na pesquisa empírica e o escrever passa a ser parte quase indissociável do nosso pensamento, uma vez que o ato de escrever é simultâneo ao ato de pensar<sup>61</sup>.

Nesse sentido, para realização da coleta de dados referentes às percepções das catadoras de materiais recicláveis sobre a busca do cuidado em saúde foi necessário que o investigador tivesse um olhar e um ouvir apurado para a dinâmica do campo, tendo em vista que as técnicas de pesquisa que foram utilizadas dependem de uma aproximação teórica intensa, para que não ocorresse a contaminação dos dados com o bias<sup>66</sup> que é a parcialidade ou os juízos de valores do pesquisador que podem impregnar as análises das entrevistas<sup>66</sup>.

Por fim, respeitando as questões éticas, esta pesquisa faz parte de um projeto amplo que congrega vários trabalhos, submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília aprovado pelo número do parecer 783.155, Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) 34150214.9.0000.5540, datado no dia 08 de setembro de 2014, sendo a pesquisa intitulada “Terapeutas populares e tecnologias em saúde no DF e região do entorno”. Ressalta-se ainda que de modo a assegurar o anonimato dos entrevistados foram utilizados, ao final dos trechos das entrevistas, os termos “catador” ou “catadora” e a idade dos trabalhadores, assim como os nomes pessoais e de familiares citados nos relatos foram modificados para nomes fictícios. E para os indivíduos do mesmo sexo

que apresentaram a mesma idade foi utilizado um numeral entre parênteses logo após os termos “catador” ou “catadora” para a diferenciação dos sujeitos.

#### 4.2.1 Estratégias metodológicas da pesquisa

Como estratégia de pesquisa de campo a investigação foi organizada pela divisão de momentos, representados na figura abaixo:

**Figura 10** – Organização dos momentos da pesquisa para o alcance dos resultados.



Fonte: elaboração do próprio autor.

O momento inicial contou com reuniões periódicas com as orientadoras, cuja finalidade era de aprimoramento e revisão do projeto de pesquisa. Nessa etapa, também, foram realizadas a definição do estudo e a escolha do campo, no caso as associações de catadoras de Ceilândia, porque tinham abertura para realização de pesquisas científicas. O primeiro momento que contempla a etapa de iniciação da imersão no campo, contou com as atividades de observação participante, a negociação com as instâncias administrativas das associações para participação na pesquisa e o início da interação com as catadoras. Estrategicamente, as conversas informais ocorriam neste espaço de tempo, haja vista que elas não pararam suas

atividades laborais por conta deste estudo. Essa etapa durou aproximadamente 1 mês.

O segundo momento, que durou aproximadamente 2 meses, foi caracterizado pelo início das entrevistas semiestruturadas, em que as perguntas objetivaram a aproximação com a realidade vivida pelos atores, em busca da caracterização (perfil) das catadoras. No terceiro momento do campo, com duração de 2 meses, foram realizadas as entrevistas com temas-problemas. O pesquisador adquiriu uma relação amigável e solidária (confiança) com os atores, sendo o melhor momento para compreender em profundidade algumas questões. Os temas dessas entrevistas foram identificados a partir da experiência e vivência cotidiana nos meses de desenvolvimento desta pesquisa e através também da revisão integrativa da literatura. No quarto momento foram realizadas as transcrições, a análise das informações das entrevistas e a produção de materiais científicos como esta dissertação e o artigo submetido para avaliação em periódico.

Dessa maneira, foram investigados trabalhadores e trabalhadoras da Usina de Reciclagem e Compostagem de Resíduos Sólido de Ceilândia-DF, onde no momento desta pesquisa estavam trabalhando duas associações de catadoras de materiais recicláveis (APCORC e CATAGUAR). Numa primeira imersão ao campo, o interesse era de ter sujeitos participantes da pesquisa catadoras de materiais recicláveis das duas associações, entretanto, a presidência da APCORC não demonstrou interesse em participar do estudo, dificultando a inserção o pesquisador com questões burocráticas. Inicialmente, a Associação aceitou participar, mas depois não deu abertura. Tentou-se algumas vezes diálogo com as catadoras no horário do almoço na sede da cooperativa, entretanto, essas não manifestaram interesse em participar da pesquisa e, com isso, trabalhadoras da APCORC não participaram do estudo.

Na Associação CATAGUAR, o pesquisador obteve êxito no processo de negociação de espaço de campo, após muita conversa e esclarecimentos, constituindo assim o cenário de campo desta pesquisa. Destaca-se que a experiência/vivência em trabalhos de intervenção executados anteriormente nessa Associação foi preponderante para o aceite em participar desta investigação.

Dessa maneira, pretendia-se abordar pessoas que trabalhassem nos três turnos de trabalho: matutino, vespertino e noturno. Entretanto, com a dinâmica social-política das instituições pesquisadas, não foi possível estar com as catadoras no turno noturno dentro da Usina, devido a uma série de fatores, especialmente, a dificuldade de ter autorização para entrar na Usina no período noturno.

Após a negociação pactuada entre pesquisador e responsáveis administrativos da Associação CATAGUAR e o conhecimento da dinâmica de trabalho das catadoras, o pesquisador iniciou o campo com os sujeitos que trabalham no período matutino e vespertino no galpão de triagem de materiais reciclados, convidando-os a participarem da pesquisa, sendo as mesmas trabalhadoras nos dois turnos. A investigação teve como universo 15 catadoras, sendo que 10 aceitaram participar das entrevistas, entre homens e mulheres.

Inicialmente, o pesquisador entrevistou uma catadora indicada pela presidência, posteriormente, a catadora entrevistada indicava outro colega, dessa forma, de maneira cíclica e interativa, foi composto o grupo de participantes desta pesquisa. No meio desse processo, houve aqueles que não aceitaram participar e quando isso ocorria o entrevistado indicava outra pessoa.

Destaca-se que mesmo aqueles que não aceitaram participar das entrevistas de certa forma influenciaram em alguns momentos os resultados, devido à inserção ativa do pesquisador no cotidiano de trabalho da Associação e na dinâmica de socialização do mundo do trabalho das catadoras de materiais recicláveis dessa Associação. Houve conversas informais e interação no campo. Os convites foram feitos após as indicações dos colegas e as dúvidas esclarecidas individualmente e, assim, compuseram os participantes desta pesquisa aquelas que aceitaram participar das entrevistas.

As entrevistas foram encerradas quando atingiu a saturação, momento quando o pesquisador verifica que não é mais necessário englobar novos participantes. Segundo Deslandes<sup>67</sup>, com o critério de saturação as entrevistas são realizadas até o momento exato, quando as repostas começam a se repetir, o que revela não ser mais necessária a realização de novas entrevistas.

As entrevistas foram documentadas por meio da utilização de gravador de voz, realizadas no próprio local de trabalho (galpão de triagem de materiais reciclados) das catadoras, especificamente, no espaço destinado à realização das refeições e ao descanso. As entrevistas foram realizadas individualmente, respeitando a singularidade de cada entrevistada. Quando alguém entrava na sala e o pesquisador percebia o desconforto, o processo de entrevista era encerrado, continuando em outro momento oportuno, respeitando, assim, a individualidade das participantes.

Como as trabalhadoras possuem pouco tempo para descanso e pausas, as entrevistas foram realizadas no período de trabalho, após a permissão do supervisor. A maioria das entrevistas teve duração entre 20 a 40 minutos e foram gravadas com o consentimento oral dos sujeitos, respeitando os aspectos éticos. Ao início das gravações das entrevistas as participantes foram informadas sobre o aceite em participar do estudo, a sua não identificação e o uso dos dados para a pesquisa.

A inserção no campo iniciou desde a etapa da negociação, tendo como tempo de imersão no cenário político-social 5 meses, início no mês de outubro de 2015 a fevereiro de 2016. As visitas aconteciam pelo menos um dia na semana, geralmente, por um tempo aproximado de 2h a 3h em campo. E na etapa das entrevistas semiestruturadas o pesquisador agendava para o próximo encontro com a entrevistada o melhor horário para realização das entrevistas. Destaca-se que houve momentos em que foi necessário remarcar a realização das entrevistas devido à dinâmica do trabalho em determinado dia, ao não comparecimento dos trabalhadores ao serviço e, também, à não vontade do trabalhador de participar da entrevista no dia marcado.

Por fim, após compreender o contexto de vida e de trabalho da Associação participante desta pesquisa e a análise feita a partir da revisão integrativa da literatura optou-se em alterar todo o gênero textual da dissertação para o feminino, utilizando-se as expressões catadoras e trabalhadoras, uma vez que o público predominante na ocupação de catação é do sexo feminino e que os problemas identificados na pesquisa de campo colocam as mulheres em uma situação mais vulnerável do que os homens. As mulheres vivem em um contexto machista e opressor, convivendo com problemas cotidianos por serem mulheres, principalmente, em relação à violência doméstica e institucionalizada, ao racismo e aos estereótipos da profissão.

## 5. ENCONTRANDO E COMPREENDENDO AS CATADORAS: RESULTADOS ALCANÇADOS

### 5.1 DO PERFIL DAS CATADORAS ENTREVISTADAS

Foram entrevistados 10 trabalhadores, 6 mulheres e 4 homens. A faixa etária é diversificada, com indivíduos com idade entre 18 a 36 anos, sendo que a maioria se encontra na faixa etária de 20 a 30 anos, observando-se, assim, um perfil composto por pessoas adultas jovens.

A respeito do estado civil, 4 mulheres são casadas, sendo que o marido de uma delas cumpre pena por homicídio no Complexo Penitenciário da Papuda – penitenciária do DF, e 1 reside com o seu atual companheiro. Atualmente, os homens encontram-se solteiros, mas 2 já moraram juntos com as suas ex-companheiras.

Em relação à cor/raça, a maioria dos entrevistados considera-se parda, 9 ao todo, 1 se autodeclarou como moreno e nenhum como branco. Todos responderam que são heterossexuais. No que se refere à escolaridade, da totalidade dos entrevistados, apenas 1 concluiu o ensino médio e investe em cursos profissionalizantes e faculdade na área de informática, 1 catadora terminou os estudos pelo supletivo e os demais estudaram até o ensino fundamental. Com isso, percebe-se que a baixa escolaridade é uma realidade do grupo entrevistado.

Em relação à moradia, a maioria reside em barracos alugados, sendo que a casa da sogra e a casa da mãe também constituem como locais de moradia. Duas das catadoras possuem casa própria: uma conseguiu devido à luta incansável por moradia, característico do DF, enfrentando resistência nas invasões no entorno da área central de Brasília e sofrendo inclusive, ela e sua família, violência policial; e a outra adquiriu a partir do programa governamental “Programa Minha Casa Minha Vida”, sendo a localidade da sua residência a cidade de Águas Lindas de Goiás. A região da QNR, em Ceilândia, é o local de moradia da maioria dos entrevistados, (9), possui rede elétrica, rede de esgoto, asfalto e água tratada, ou seja, uma infraestrutura adequada para moradia, porém, exceto para a iluminação das ruas. Destaca-se ainda as excessivas reclamações referentes à violência urbana (roubos, brigas e homicídios) e à falta de lazer.

Dos entrevistados, 2 catadores não possuem filhos. Uma catadora possui 7 filhos e recentemente também se tornou avó, e todos residem com ela. Destaca-se aqui o seu relato com alegria sobre a reforma da casa para abrigar todos os seus familiares de forma mais digna, pois anteriormente o cômodo não os acolhia com conforto. Duas das catadoras possuem 4 filhos, sendo que dois moram com elas e atuais companheiros, e os outros dois moram com os pais. Uma possui 3 filhos e outra 2 filhos, sendo que todos moram com elas. Um catador possui 2 filhos que moram com a ex-companheira e relatou que a ajuda frequentemente no cuidado dos filhos. Um catador possui 1 filho e afirmou não ter muito contato com ele, somente o vê quando a ex-sogra o leva para visitá-lo. E uma catadora possui 1 filho.

A renda oriunda do trabalho de catação relatada pelos entrevistados é de acordo com a produção, variando entre 1.000 a 1.500 reais por mês. A maioria evidencia que com a renda consegue atender as suas necessidades, apenas 2 disseram que mais ou menos. A necessidade de trabalhar em outro local para aumentar a renda não é uma realidade desses catadores. Apenas 1 catadora afirmou receber auxílio financeiro do “Programa Bolsa Família” e 1 catador relatou realizar “bicos” arrumando computadores, como evidencia o seu relato:

Faço só na área de informática, né, porque eu conheço bastante. Aí, às vezes, eu faço algum trabalho relacionado à área de informática, mas é muito pouco, é muito raro. (CATADOR, 27 anos).

Os catadores são predominantemente da região Nordeste – dos municípios da Bahia, Piauí e Maranhão – tendo apenas uma catadora natural de Brasília. Todos chegaram à Brasília ainda crianças com os seus familiares – como tios, pais, irmãos e mães – em busca de melhores condições de vida e, principalmente, de trabalho. Todas trabalharam quando menores de idade, as mulheres, geralmente, em casas de famílias ou parentes, e os homens em serviços braçais. Os entrevistados tinham como referência no DF e entorno alguns familiares que aqui já habitavam, o que facilitou a vinda para a capital federal, como demonstra o relato a seguir:

Tenho irmã que trabalha aqui na Associação, a maioria aqui são meus primos. Aí aqui em Brasília, eu achei mais recurso de vida para trabalhar, aí eu vim tipo tentar a vida, né, trabalhar para conseguir alguma coisa. (CATADOR, 18 anos).

A respeito da religião, 7 são evangélicos e 3 católicos, sendo que os evangélicos frequentam cotidianamente a igreja e possuem relações interpessoais

com os seus colegas da instituição, indo praticamente em todos os dias de cultos, principalmente, nos finais de semana. Os católicos relatam que procuram a igreja às vezes, não apresentando uma frequência de rotina estabelecida.

O tempo que trabalham como catadoras é variado, desde 20 anos até apenas 4 meses, mas a maioria possui entre 4 e 6 anos. Nas suas experiências com o trabalho, o processo de ser uma associada traz qualidade ao seu serviço de catadora, devido às condições físicas do ambiente, e ressaltam a sociabilidade com os colegas de trabalho durante o seu desenvolvimento. Na rotina da Associação, as catadoras conversam e interagem entre si e algumas se tornam verdadeiras amigas e, com isso, as horas no galpão de triagem, segundo as entrevistadas, passam mais rápidas. Ressalta-se ainda que nenhuma das entrevistadas relatou ter trabalhado em lixões antes de começar a trabalhar como catadora associada.

A entrevistada mais experiente trabalha como catadora há 20 anos, anteriormente trabalhava nas ruas das cidades do DF, empurrando carrinho e coletando materiais nas lixeiras das casas, e, também, afirmou ter sido pedinte nas ruas do DF. Hoje, na sua avaliação, enfatiza que houve uma melhora significativa em sua vida depois que começou a trabalhar como associada.

Muita diferença, principalmente, o benefício, né, porque na cooperativa tem benefício né? E também, é assim, é mais divulgado né? Nós na rua não “era” divulgado e na cooperativa é mais divulgado [...] Aqui trabalha em grupo, muita vantagem mesmo, nós vamos conversando [...] Aqui uma ajuda às outras, na hora que uma tá no perrengue e a outra tá mais folgada a gente ajuda. Tem também a presidente, né, que dar muito apoio pra gente, apoio moral e financeiro também. Quando ela pode ela ajuda mesmo, a gente sabe, então não tenho o que falar não. Vixe, melhorou foi muito, muito mesmo. (CATADORA, 36 anos).

Referente ao trabalho que desempenhavam antes de serem catadores de materiais recicláveis, apenas 1 relatou ter tido a carteira assinada na função administrativa de uma empresa, ter jogado futebol profissionalmente e trabalhado em uma loja atacadista. Entre as profissões das mulheres todas foram empregadas domésticas. Na avaliação das mulheres, a mudança de emprego foi positiva, pois não gostavam de receber ordens dos seus patrões, ressaltando que na catação não há ninguém que dê ordens, bem como há flexibilidade no trabalho, pois, cada um sabe o que deve ser feito e não há ninguém para reclamar do serviço. O trabalho dos homens foi, predominantemente, o de serviços braçais, como ajudantes de pedreiro, trabalho

na agricultura ou pecuária e lavagem de carros. Destacam-se os relatos que evidenciaram as melhorias após a mudança da atividade laboral:

Ah, melhorou foi muito porque doméstica é outra coisa trabalha mais ainda aqui já é um trabalho assim que não é muito essas coisas mais a gente trabalha para nós mesmos pode se dizer, né. O que eu achei bom foi isso [...] Na casa de família tem muita pessoa que cobra, é isso e aquilo, aquilo e isso, aqui não é tanto igual uma casa de família, né, aí aqui já sabe o nosso dever direitinho, lá a gente sabe na casa de família, mas sempre tem a pessoa pode falar “não é isso, saiu daquele jeito aqui, não é tanto assim também” [...]. Aqui é a gente já sabendo o jeitinho que a gente trabalha como é que é não precisa a pessoa ficar em cima, né, trabalhando direitinho, né, não tem reclamação. (CATADORA(1), 30 anos).

Trabalhava em casa de família, houve melhora porque, sei lá, não gosto de ninguém mandando em mim. (CATADORA, 29 anos).

É eu acho melhor trabalhar de catadora [...]. Porque aqui não tem patrão e nós não somos empregados, a gente trabalha pra gente. (CATADORA(2), 30 anos).

A opinião do único catador que trabalhou com carteira assinada em uma empresa foi divergente dos demais, pois analisou mais do ponto de vista dos direitos trabalhistas, mas a flexibilidade no trabalho também foi um ponto destacado como positivo.

Em relação ao salário é melhor, agora em relação a outras condições de ter seguro se acontecer algum acidente, se acontecer alguma coisa contigo é mais complicado porque a gente não tem esse auxílio. (CATADOR, 27 anos).

Por fim, quando questionados sobre a possibilidade de retornarem as suas cidades natais para morar, nenhum entrevistado manifestou interesse. Apenas relataram a vontade de ir para visitar os parentes e familiares, encontrar amigos e comer as comidas típicas da região. Muitos afirmaram que a situação das regiões onde nasceram é precária e devido a isso preferem continuar vivendo, morando e trabalhando no DF (Diário de campo, 10 de dezembro de 2015).

## 5.2 DO SER CATADORA

A ocupação de catadora requer um período de adaptação devido às condições insalubres que trabalha, do ambiente e da exigência do corpo (as reclamações de dores e problemas osteomusculares são muito significativas, especialmente, pelas mulheres). A presidente da Associação relatou que algumas pessoas que ela contratou não conseguiram permanecer uma semana trabalhando, a exemplo do caso

de alguns haitianos, e aqueles que permanecem devem passar por um período de adaptação do ambiente. Como evidenciado na narrativa de uma das catadoras:

Foi um pouquinho difícil se acostumar aqui na Usina. Eu fiquei ainda... fiquei uns 2 dias em casa, depois voltei, depois fui, depois acostumei. Achava muito nojento. Quando eu aquele tanto de boró eu começava a vomitar. (CATADORA(1), 30 anos).

De acordo com anotações feitas no diário de campo do dia 19 de janeiro de 2016, as catadoras costumam encontrar diversos produtos no lixo, tais como brinquedos, celulares, armas de fogo, roupas e dinheiro. Relatos evidenciaram que até recém-nascidos mortos já foram encontrados no lixo que é enviado à Usina.

Dessa maneira, destaca-se a importância de saber como que se torna uma catadora associada, haja vista que o trabalho envolve situações complexas. Assim, quando questionadas de como começaram a trabalhar como catadoras as respostas foram as mais variadas, desde o pioneirismo e o desemprego até a necessidade de renda para investir no futuro profissional. Infere-se nessa pesquisa que há uma tendência de que as pessoas que possuem familiares que trabalham na catação apropriar-se dessa ocupação, tornando-se também uma catador. De acordo com as seguintes narrativas:

É porque a gente morava lá na invasão, né? A invasão era no carrinho lá no Guará, aí inventaram lá de fazer uma cooperativa, aí perguntou quem queria participar dessa cooperativa e aí eu fui uma delas que queria participar. Aí eles lá deram nome, foram registrar em cartório, foram registrar firma, foram fazer lá, eles lá, e eu participando, sempre participando. Aí quando tirou a gente de lá do Guará, quando botou pra cá, lá já era CATAGUAR, né, lá no Guará, só que não era assim como trabalha aqui, lá cada um trabalhava individual mas era CATAGUAR lá. Aí quando saiu de lá pra cá organizou tudinho, arrumou um canto pra nós tudinho, aí botou nós aqui e estamos trabalhando até hoje. (CATADORA, 36 anos).

Não porque, assim, minha sogra é a presidente daqui, aí tipo assim a família toda trabalha aqui, tipo influencia já, entendeu? (CATADORA, 25 anos).

Eu trabalhava em casa de família e fiquei desempregada, aí veio a necessidade, aí eu vim atrás de arrumar um serviço, né e consegui. (CATADORA(1), 30 anos).

Através da minha mãe, minha mãe trabalha aqui também, minha mãe e minhas irmãs. (CATADORA, 29 anos).

Aqui, na verdade a minha irmã já trabalhava aqui antes porque ela é casada com o rapaz que trabalha aqui, aí eu estava trabalhando antes fichado né, aí sai da empresa e comecei a trabalhar aqui. Aí eu falei com a presidente, aí ela aceitou. (CATADOR, 27 anos).

As catadoras se sentem atoras importantes para o meio ambiente, mas, ao mesmo tempo, o preconceito vivido e sentido por essas trabalhadoras fica marcado nas suas trajetórias de vida. Tal preconceito é reflexo do desconhecimento da sociedade da ocupação.

Na maioria das vezes, essa trabalhadora sofre preconceito quando, por exemplo, vai realizar alguma compra, e para driblar situações desconfortáveis utiliza estratégias para minimizar esse sofrimento, como se autodefinir como autônomo e não como catadora de materiais recicláveis. O preconceito perpassa os relatos dos entrevistados e deixa marcado que a sociedade os configura como indivíduos que trabalham no lixo. Alguns relataram não ter vergonha e que falam da profissão. E as narrativas seguintes corroboram com essa problemática:

Eu acho né que a gente ajuda o meio ambiente, mas eu acho que ainda é muito discriminado, sei lá, quando a gente fala assim que trabalha no lixo, aí eles ficam meio assim, tipo, sei lá, tipo com nojo, sei lá. [...] Assim se a gente vai em uma loja, “trabalha de que?”, “de reciclagem”, aí eles ficam meio assim. (CATADORA, 25 anos).

Vixe, sei lá, tem hora que fico até com medo de falar porque com medo deles criticar, né, nossa a gente trabalha no lixo, catadora né, isso. Eu fico até com medo de falar, né, “qual é a sua profissão?” Eu fico caçando jeito pra falar pra eles não criticar, mas eu falo. Tem preconceito, eu acho, principalmente, quando fala que é catadora de lixo, pronto né. (CATADORA, 36 anos).

Tem sim, bastante, principalmente, em lojas, né, que a gente vai tirar alguma coisa comprar, tem muito. Se você for falar, eles querem saber sua renda e como aqui a gente não é fichado, né, autônomo, eles não querem e não aceitam o nosso recibo, o comprovante. Aí tem que pedir para o tesoureiro bater um papel, um documento assinado, com carimbo da Associação, um valor especificado de quanto a gente recebe. É muita burocracia, tem uns que nem aceita, nem aprova. (CATADORA, 23 anos).

É um pouco diferente né quando a gente vai falar a questão do emprego aí, assim, a pessoa tipo trata diferente a gente, mas assim eu me sinto bem [...]. Eu acho, assim, acho o emprego diferente da gente, a gente trabalha assim porque não é um emprego que todo mundo que trabalha, entendeu? Não é comum né, aí é um pouco diferente. (CATADOR, 18 anos).

Na maioria das vezes eu falo que eu sou autônoma, né, não falo que trabalho aqui, sou autônoma, trabalho pra mim mesmo [...]. Fica mais fácil, né, quando responde isso eles não perguntam mais nada. (CATADORA(1), 30 anos).

Ah, hoje eu não sei, porque eu nunca mais fui em loja, mas teve um caso que eu fui em uma loja quando eu falei que era catadora o vendedor me ignorou e eu estava conversando com ele e ele me ignorando. Aí eu peguei e sai zangada da loja, peguei e fui em outra loja e fui bem recebida mesmo falando que era catadora. Na outra loja eu tive preconceito, já na outra não. (CATADORA, 29 anos).

Sabe porquê... que nem o gari, trabalha de gari, as pessoas daqui que tem o nariz empinado vem dizer, aí passa pela gente e fica fazendo cara feia, dizendo que tá fedendo né, por isso que nós somos discriminados, por causa disso. Eles discriminam mesmo a gente, mas eu não tô nem aí, o que importa é que tá trabalhando, cada um tem o seu. (CATADORA(2), 30 anos).

O lixo na visão das catadoras de materiais reciclados é o produto que gera renda para o seu sustento, aquele material que separado da sujeira tem valor agregado. A sujeira está misturada no lixo, porém, após o trabalho de triagem do material e separação, a sujeira é descartada e o lixo reaproveitado, tornando-se um produto para a venda. Embora alguns ainda não consigam fazer essa distinção, outros manifestam conhecimento do trabalho desenvolvido da catadora e sua essencialidade para o meio ambiente no trabalho de reaproveitamento dos materiais reciclados.

Sujeira é aquela coisa que não tem mais o que aproveitar, né. E o lixo não, você tem ainda o que reciclar daquele lixo ali, tem alguma coisa pra você reciclar do lixo, né. (CATADORA, 36 anos).

Ah, o lixo, tipo assim [...] tipo, igual ao lixo, nós vivemos na sujeira porque aqui tem muita bactéria, acho que aqui é sujeira. Mas lixo é o que as pessoas [...] igual lá em casa, não separa o material reciclável do que não é reciclável pra mim é lixo, o que não serve mais [...]. Nós separamos do lixo, separa o material reciclável do lixo. (CATADORA, 25 anos).

Porque na verdade tá tudo englobado na mesma coisa, né, porque o lixo e a sujeira já estão tudo junto, aí o que a gente faz é separar esse material. [...]. A gente separa o lixo né e a sujeira ela é descartada, o que não presta. (CATADOR, 27 anos).

De modo geral, as catadoras entrevistadas apresentam uma boa relação interpessoal com seus colegas de serviço, fato esse que pode ser perceptível por muitos serem parentes, tornando-se o ambiente de trabalho mais dinâmico. Dessa maneira, a maioria deseja continuar sendo catadora de material reciclável, não desejando arrumar outro emprego. A situação de desemprego e o desafio de se obter um emprego com carteira assinada nos dias atuais também são barreiras para que almejem um novo emprego com condições melhores de trabalho.

Por enquanto aqui pra mim tá bom, tá ótimo aqui, mas não sei daqui pra frente né, se arrumar um emprego melhor. Mas, por agora, tá bom. (CATADOR, 18 anos).

Mais pra frente se eu ver que as coisas, pode ser que as coisas melhora mais de emprego, aí eu posso, não sei né, não posso sair porque a coisa está feia né. O desemprego tá grande né, você arrumar um emprego fichado hoje em dia pra ganhar bem é difícil, é meio difícil, é complicado. (CATADOR, 25 anos).

### 5.3 DO CENÁRIO DE TRABALHO

Os horários de trabalho na Associação correspondem aos turnos matutino, vespertino e noturno. A CATAGUAR funciona durante o período diurno e somente no galpão de triagem de materiais reciclados, com 15 catadores, onde é feita a separação do material e a limpeza, tudo de forma manual, com exceção do uso da prensa. As trabalhadoras desse turno entram às 7h da manhã, possuem uma pausa às 11h40 até 12h40 para almoço e saem às 15h. No período noturno na Usina trabalham 45 trabalhadores, sendo a maioria mulheres, devido à concentração do trabalho ser na separação dos materiais nas esteiras. Dois dos catadores trabalham somente na parte administrativa, a presidente e o secretário. Nesse turno, a Usina funciona das 22h às 6h.

O trabalho desenvolvido pelas catadoras apresenta contextos carentes de atenção das instâncias governamentais, sendo que em várias situações as catadoras relataram que as normas são verticalizadas, não ocorrendo conversa com eles para mudanças estruturais que modificam toda a dinâmica do espaço do trabalho.

Recentemente, destacaram o aumento da segurança onde trabalham que, segundo as entrevistadas, não melhorou nada em termos de segurança, pois o espaço ainda é aberto nas laterais da Usina, há casos de roubos de materiais nos espaços da Associação e agora não pode descer mais carros até o galpão de triagem de materiais. Segundo as catadoras, a mudança foi para evitar atropelamentos de caminhões e acidentes entre carros, haja vista que há uma grande movimentação por conta da pesagem dos caminhões de lixo. Porém, apesar da busca por mais segurança, na avaliação das catadoras, as alterações as prejudicaram. (Diário de campo, 21 de fevereiro de 2016).

**Figura 11** – Área destinada à pesagem de caminhões da Usina de Reciclagem e Compostagem de Resíduos Sólidos do “P” Sul, Ceilândia-DF.



Fonte: registro de fotografias da própria da pesquisa.

Destaca-se que a Associação possui uma van para o transporte das trabalhadoras e, com o aumento da segurança, até esse transporte não possui mais permissão para descer até o galpão, ou seja, as catadoras agora devem deixar o carro no estacionamento, o que representa uma distância considerável de caminhada no sol e entre as áreas de compostagem, que possuem a presença intensa de mosquitos e moscas. Outro problema com essa mudança é que no espaço da Usina trabalham muitos homens de outras instituições e as catadoras relataram se sentir assediadas a partir do momento em que começaram a fazer esse trajeto a pé (Diário de campo, 11 de fevereiro de 2016).

As catadoras utilizam uniformes para trabalhar, sendo considerado um Equipamento de Proteção Individual (EPI) e durante todo o trabalho de campo foi observado que na rotina de trabalho somente são utilizados como EPIs: o uniforme, a botina e as luvas. As máscaras para proteção da respiração e os óculos para proteção dos olhos não são utilizados. Destaca-se a importância do seu uso, pois durante o horário de trabalho de separação do material, além do cheiro forte, observou-se que alguns catadores fumam cigarros.

Em relação à divisão das atividades, os homens realizam os trabalhos mais pesados, como a prensagem do material separado, embora a manipulação dos fardos seja feita por homens e mulheres. Essencialmente, a divisão do trabalho é feita por

gênero, as mulheres ficam com a função de separar e triar as sedas e os homens nas latinhas de desodorante com machados, tirando as partes de plástico que são descartadas, e na prensa do material. As mulheres reclamam de excessivas dores nas juntas, joelhos e câimbras nas costas, devido à posição de agachamento constante na triagem e na separação das sedas. Os homens não reclamam de dores, mesmo desenvolvendo o trabalho na prensa.

A respeito do ambiente de trabalho, existe o convívio com muitos insetos e animais, potenciais geradores de doenças, como mosquitos, moscas, pombos e baratas, destacando-se a quantidade excessiva de pombos no local e que as catadoras tentam espantá-los, mas sempre retornam. As trabalhadoras ressaltaram que o piolho do pombo é uma praga, por isso tentam constantemente combater a proliferação desses animais no seu ambiente de trabalho, jogando pedras ou cobrando a dedetização do SLU. (Diário de campo, 10 de janeiro de 2016).

**Figura 12** – Galpão de triagem de materiais da Usina de Reciclagem e Compostagem de Resíduos Sólidos do “P” Sul, Ceilândia-DF.



Fonte: registro de fotografias da própria da pesquisa.

No que diz respeito à alimentação durante o horário de trabalho, observou-se que é rica em carboidratos, principalmente, na quantidade de arroz ingerida, exceto no período do almoço que eles não costumam se alimentar, apenas tomam água ou café. O espaço para a alimentação dos catadores é no próprio galpão, o que não configura como o local ideal para realização das refeições, uma vez que na sala há

muitos entulhos e a presença de pombos, moscas e mosquitos. Geralmente, as mulheres comem sentadas na mesa na sala e interagem entre si e, por sua vez, os homens comem e interagem entre si nos sofás velhos do lado de fora da sala do galpão de triagem de materiais. Destaca-se que quando alguma trabalhadora não leva comida, o grupo divide para que todas possam se alimentar naquele momento. Importante ressaltar que as marmitas não são acondicionadas adequadamente, ficando expostas em uma mesa de alumínio localizada dentro da sala do galpão de triagem de materiais (Diário de campo, 09 de novembro de 2015).

As conversas que acontecem neste horário são referentes à vida e ao compartilhamento de vídeos e músicas no celular. Uma catadora declarou que o aplicativo do celular (WhatsApp) foi uma excelente ferramenta tecnológica para minimizar os distanciamentos sociais, agora ela pode lembrar dos seus familiares e também mostrar para os seus filhos a sua origem, ressaltando ainda que faz, aproximadamente, 15 anos que não visita os seus familiares em sua cidade natal, no Maranhão, desde que veio para o DF.

**Figura 13** – Sala do galpão de triagem de materiais da Usina de Reciclagem e Compostagem de Resíduos Sólidos do “P” Sul, Ceilândia-DF.



Fonte: registro de fotografias da própria da pesquisa.

Em relação à qualidade do seu ambiente de trabalho, uma das reclamações das catadoras foi referente à qualidade da água, algumas relataram que já passaram mal devido ao consumo da água da Associação. E com isso, alguns passaram a trazer de casa, mas ainda é expressivo o número deles que tomam água da torneira ou

retiram a água da torneira e colocam na geladeira, afirmando que quando a água está gelada dá para beber, quente não.

Já é também por causa do problema de urina também, porque eu fiz os exames de sangue e de urina e constou bactéria na urina e no sangue, aí ele falou que pode ser alguma coisa que eu estou ingerindo e é a água daqui, por isso, que agora a gente está trazendo a água de casa, porque a água daqui é poço artesiano, aí a água sobe do poço e eles jogam pra caixa d'água. Mas a caixa tem hora que a água sai podre, fedendo, sai com sujeira dentro né, porque fica acumulando e aí a gente bebe e nessa quentura a água sai quente, quente. A gente bebe, dá dor de barriga, todo mundo aqui fica com dor de barriga e agora pra evitar estamos trazendo de casa a água. (CATADORA, 23 anos).

Ixe, a água daqui, Deus me livre, tá horrível a água aqui, quente que só meu Deus do céu. A gente bebe ali, dá dor de barriga. A gente tá pegando ali de cima, tem vez que traz de casa. (CATADORA(1), 30 anos).

Alguns problemas foram identificados como desencadeadores de condições desfavoráveis de trabalho e possíveis causas de adoecimento. Um deles foi a condição do banheiro, principalmente, na avaliação das catadoras, haja vista que utilizam mais do que os homens que, por sua vez, utilizam os arredores do galpão de triagem. Há ainda os riscos da presença dos pombos e da contaminação por materiais perfurocortantes, como evidenciado nos seguintes relatos:

A gente trabalha aqui, tem muitos pombos e esses pombos já transmitem doenças. O pelo deles, o piolho do pombo que tem também, já transmite doença né. Se a gente respirar o pelo dele é pior até pode parar no hospital, quem tem asma também, a poeira que é muita aqui, de vez em quando eles passam com o caminhão e despeja água, mas não adianta e acontece contaminação porque a gente mexe com lixo, tem hora que a gente pega agulha que é de gente diabética e a luva não protege, né, só protege da sujeira, mas não protege da picada. Graças a Deus até hoje a gente nunca sofreu não, mas caco de vidro e se cortar, essas coisas assim, então tem sim bactéria em banheiro, porque o banheiro aqui é muito sujo então as mulheres todas aqui tem bactérias, pega bactérias no banheiro porque a gente não utiliza o vaso utiliza o chão, né, porque a gente não é homem, homem faz em qualquer lugar né, mas a mulher tem que ser no banheiro, então a gente lava, mas não adianta porque os homens usam também e faz aquela nojeira só. (CATADORA, 23 anos).

Deixa eu ver, tipo assim, igual aqui óh, tipo assim, antigamente a gente comia comida fria, aí deu azia, já deu gastrite, aí, tipo assim, aqui não tem banheiro, o banheiro ali está um caos, a gente vai fazer xixi lá, rum, aí vai ter que ir no hospital porque começa a dar coceira na vagina. A dificuldade agora é esse banheiro, a gente não faz xixi aqui, aí se a gente segura o xixi dar infecção de urina, e aí dá muito [...]. Porque, tipo assim, lá o vaso está uma nojeira, a gente tá fazendo xixi no chão, aí as bactérias entram né, porque o médico falou já que a gente faz xixi e o vapor entra na vagina aí dá infecção, dá um monte de coisa, aí tá difícil. (CATADORA, 25 anos).

Eu já sim quando eu trabalhava rasgando o lixo, a gente rasgava o lixo mesmo, a gente trabalhava lá embaixo no sol quente, só que graças a Deus

agora já organizou tudo sabe, só que mesmo assim ainda é perigoso ainda essa seda mesmo a gente fura o dedo, porque vem agulha essas coisas. (CATADORA(2), 30 anos).

As questões referentes à falta de infraestrutura digna de trabalho perpassam na realidade cotidiana de trabalho de catação dessa Associação, desde a falta de qualidade da água para consumo até a indisponibilidade de um banheiro adequado para uso das catadoras. Houve relatos de que a maioria das mulheres já tinha pego infecção urinária e outros tipos de infecções e elas acreditam que seja devido às condições do banheiro. Uma das catadoras relatou que as trabalhadoras já procuraram providências às instâncias competentes para solução do problema, mas nada ainda foi feito.

[...] estamos cobrando, porque para as mulheres é difícil infecção urinária e outras infecções até piores a gente pega também. A gente já pediu solicitação para Valor Ambiental para arrumar, eles só vêm, tiram foto e nada, até hoje o banheiro está lá do mesmo jeito. Aí pedimos pra fazer um aqui dentro do galpão, disse que não pode, aí esse dia trouxe a CAESB pra ver se dar pra puxar um cano de esgoto aqui pra gente, porque desse jeito não dar, porque tá tendo muita doença mais de acordo com o banheiro. (CATADORA, 23 anos).

**Figura 14** – Catadoras trabalhando no galpão de triagem de materiais da Usina de Reciclagem e Compostagem de Resíduos Sólidos do “P” Sul, Ceilândia-DF.



Fonte: registro de fotografias da própria da pesquisa.

#### 5.4 DA SAÚDE E AS ESTRATÉGIAS DE BUSCA DO CUIDADO

A saúde das catadoras é colocada de lado por elas devido à necessidade do trabalho naquele local. A maioria percebe que a sua condição de trabalho influencia negativamente na sua saúde, sendo o seu tipo de ocupação provocadora de doenças, devido às condições insalubres das suas atividades laborais. Percebe-se que tais doenças oriundas do trabalho de catação já são naturalizadas por elas, o que não provoca mais angústia, pois não deixam de trabalhar quando estão enfermas. Destacaram que as doenças predominantes são as respiratórias, como gripes e resfriados, febres e dores de cabeça. Observou-se que todas adquirem problemas respiratórios ao longo dos meses trabalhados, o que pode ser provocado também pela não utilização das máscaras como EPI.

As dores corporais, gripe e a dor de cabeça não são consideradas como problemas que as impedem de comparecer ao trabalho. As catadoras costumam trabalhar mesmo doentes, pois a necessidade de sobrevivência é maior do que a sua saúde. Cabe destacar que caso a catadora não compareça ao trabalho por motivo de doença, ela não recebe pelo dia que se ausentou, por isso, a maioria prefere ir trabalhar. O fato de estar enferma constantemente por esses sintomas também ajuda para manutenção desse quadro. Algumas trabalhadoras destacaram-se que quando estão doentes e trabalham a situação piora, porém, mesmo assim não deixam de trabalhar, como é possível observar nas narrativas abaixo:

Sim, mas doença assim normal, gripe, dor de cabeça né, dor nas pernas [...]. A gripe e a sinusite que demora mais pra ir embora, mas a não ser as dores nas pernas é normal mesmo, os exercícios aqui, a posição só né, aí doi fica mais agachada, aí doi as pernas. (CATADORA, 36 anos).

Não, às vezes a gente pega uma gripe, aí a gente vem trabalhar e aí fica mais forte, dá dor de cabeça, febre. (CATADORA, 25 anos).

Dores nos braços, nas pernas, nas costas, devido ao movimento, né, da gente abaixar, levantar, pegar e puxar, é tanta coisa. (CATADORA(1), 30 anos).

Traz em relação ao respiratório, porque a gente trabalha em um ambiente contaminado, em relação ao contato com material que pode pegar alguma bactéria, alguma doença relacionada à seda que a gente trabalha mesmo aqui, em relação a isso traz. (CATADOR, 27 anos).

O que chama atenção é o fato de poucas catadoras associarem os perigos existentes oriundos da relação com o trato dos resíduos ou acidentes de trabalho

conexos à catação. Poucas são as que consideram cortes, perfurações, escoriações e infecções como agravos à saúde provocados pelo desenvolvimento das suas atividades no ambiente de trabalho.

Em relação à percepção do que é ter saúde para as catadoras, expressivamente aparece a necessidade de ter saúde para executar o seu trabalho. Um dos catadores ressaltou que ter saúde se relaciona com bom convívio com amigos e familiares. Outro evidenciou contente que por ter sido jogador de futebol profissional aprendeu a cuidar sozinho da sua saúde, tendo uma boa alimentação e praticando exercícios físicos cotidianamente, e isso é ter saúde.

Ah, é tudo né, primeiramente Deus né, depois a saúde né porque você tendo Deus na sua vida e saúde pronto acabou o tempo ruim né. Você tem coragem pra tudo né. (CATADORA, 36 anos).

Ah, ter saúde hoje é principal porque se não tiver saúde como é que vai trabalhar? (CATADORA, 25 anos).

Ah, está bem com a vida, né, porque sem saúde... a gente precisa do trabalho e a gente doente não tem como trabalhar, não ganha, ter saúde é tudo né. (CATADORA, 23 anos).

Pra mim é se sentir bem, tá bem, ajuda no dia a dia e até com o trabalho também. (CATADOR, 18 anos).

Ter saúde é que nem a gente tá aqui, mas pra mim tem vez que a gente tá sem saúde né, no caso fica assim quando tá doente, mas graças a Deus, Deus me dá força, sabe, pra mim vir trabalhar. E ter saúde pra mim é isso. (CATADORA(2), 30 anos).

Saúde é paz, alegria, casar, ter a sua família, ter os seus filhos. (CATADOR, 35 anos).

Ter saúde é eu me cuidar, é alimentação corretamente, almoçar no horário certo, tomar café na hora certa e fazer alguma atividade. (CATADOR, 27 anos).

A respeito das experiências vivenciadas com o atendimento médico e ao acesso aos serviços de saúde, as catadoras não reconhecem o SUS como um sistema de assistência à saúde de qualidade, devido aos vários problemas mencionados por elas, como as filas e o não atendimento quando necessitaram.

Ressaltaram ainda a precariedade do sistema público de saúde, principalmente, no ambiente hospitalar e na marcação de consultas nos postos de saúde. As consultas de rotina não existem para esse grupo social. Assim, as mesmas não procuram mais atendimento hospitalar devido aos problemas e situações

negativas que já foram vivenciadas por elas ou na busca de cuidado para os familiares. Destacaram que só vão ao hospital em último caso, quando não conseguem resolver os seus problemas de saúde. E algumas relataram, às vezes, preferir utilizar os serviços privados de saúde.

Deus é mais (risadas) Pra quê? Pra você vim mais doente? Deus me livre (risadas). É raro ir no médico, porque quando eu preciso eu não sou atendida e quando eu sou atendida é uma guerra, tem que brigar. Nesse dia mesmo eu desloquei meu pé, os dedinhos do pé, aí fiquei duas noites sem dormir mesmo com ele doendo mesmo, aí eu disse não tô aguentando não, vou no hospital, passando remédio... passando remédio em casa aí já não estava aguentando e aí fui no hospital e quando eu cheguei lá pois você acredita fiz a ficha e chama um e chama outro e nada de me chamar aí eu fui lá saber “moço porque não me chamou?”, “não minha senhora, mas você não fez ficha nenhuma”, “eu, não moço, eu fiz mais meu filho”, “não, aqui diz que você não fez ficha nenhuma”, aí quando eu fui no guichê “não, a senhora realmente fez a ficha, a senhora foi chamada e a senhora não respondeu porque você não estava aqui”, aí eu falei “moço, até me desculpa pela palavra, mas eu já estou ali de bunda dolorida de tanto estar sentada naquela cadeira ali esperando de meio dia até nove horas da noite, não tinha me chamado” você acredita? Na terceira vez, aí fui de novo e fui obrigada a dizer “moço eu não aguento mais, eu tô aqui esperando já não aguento mais”, tive que brigar lá pra depois eles me atenderem acredita? E ele dizendo que meu nome não estava lá no sistema e o outro dizendo que meu nome estava no sistema, mas eu fui chamada não fui porque não quis. Olha! (CATADORA, 36 anos).

A gente paga melhor pagar uma consulta particular do que ir no posto porque a gente vai no hospital e nem atende [...] no posto tem que marcar tem que chegar 2 horas da manhã pra marcar a consulta, aí fica muito difícil. (CATADORA, 25 anos).

É frustrante, né, que o atendimento é muito precário, falta médico, a fila é imensa, as pessoas estão lá desde cedo e não é atendido. (CATADOR, 27 anos).

Em relação ao acesso e ao atendimento nos centros de saúde, a avaliação dos serviços prestados aos usuários foi pior se comparada à avaliação feita do serviço hospitalar. Isso é devido à distância geográfica das residências das catadoras e do centro de saúde mais próximo, além do horário de funcionamento, pois o horário que a unidade de saúde funciona é o mesmo horário de trabalho na Associação, dificultando, assim, a disponibilidade e tempo para pleitearem uma consulta ou informações para melhoria das suas condições sanitárias.

Não, o posto de saúde, meu fi, pelo amor de Deus, fala em posto não, eu fui pra marcar um exame, eu fui 2h da manhã eu aqui 2h da manhã e é longe, meu fi, de lá de casa do posto é longe. (CATADORA, 36 anos).

Em relação à cobertura da sua moradia e do seu bairro pela Estratégia Saúde da Família (ESF), a maioria das catadoras relatou não existir esse serviço. Apenas

um catador relatou que o Agente Comunitário de Saúde (ACS) passa em sua residência de forma pontual nos períodos de risco de proliferação do mosquito *Aedes Aegypti*.

Tem, mas eles passam muito raro né, passa mesmo só na época de chuva que ele vai na tua residência lá ver se tem algum foco de dengue, algum pneu, garrafa né. (CATADOR, 27 anos).

A busca pelo cuidado em saúde das catadoras é marcada por uma peregrinação nos serviços públicos de saúde. A demora na marcação das consultas e cirurgias faz com que elas procurem serviços privados de saúde na tentativa de suprir suas necessidades, haja vista que o público não as acompanha e nem oferece o serviço quando necessitam. Com isso, recorrem ao sistema privado para fazer exames e consultas, porém se algo mais grave acontecer retornam ao público, mas ficam perdidas a respeito do que deve ser feito e onde conseguir atendimento. Nesses casos, procuram atendimento médico somente quando a doença é considerada grave por elas ou quando a necessidade de atendimento acomete aos seus filhos.

Francisco agora vai ter que fazer uma cirurgia tem que correr atrás (demonstrou preocupação mudou a voz) aí primeiro eu paguei o particular pra descobrir pra depois ir no posto, aí marcou aí depois de 2 meses ele agora chamou pra fazer uma consulta no otorrino, aí agora marcou para dezembro pra voltar lá pra fazer os exames pré-operatório pra ver se faz a cirurgia. (CATADORA, 25 anos).

Porque a rede pública tá uma situação precária, eu fui umas 3 a 4 vezes aí desisti, eu fui para o particular porque eu não estava mais aguentando de dor porque rins quando ataca a gente não aguenta nem andar, aí eu fui para o particular, meu marido me levou no particular. (CATADORA(1), 30 anos).

Moço, nunca fui em nenhum hospital, nenhum aqui não, uma vez eu fui não deu certo, nunca mais eu fui. Agora se tiver dinheiro é particular, agora tudo é pagando, ou paga ou não é atendido, o capital é, você tem que ter dinheiro que se adoecer é mal. (CATADOR, 25 anos).

A realidade das catadoras relacionada ao cuidado em saúde perpassa por uma busca incansável nos serviços (hospitais e centros de saúde) para tentarem resolver os seus problemas de saúde. O fato de terem experiências negativas e de não conseguirem resolver os seus problemas quando necessitaram de uma assistência à saúde de qualidade, papel esse do Estado, faz com que as doenças consideradas não graves por elas (aquelas que estão intrínsecas ao cotidiano do ser catadora) não sejam tratadas pelo sistema oficial. Assim, as catadoras associam estratégias para

resolver os seus problemas, buscando terapias medicamentosas e populares, que na visão delas é melhor que ir procurar por cuidado em hospitais e centros de saúde.

Dessa maneira, a situação de vida das catadoras faz com que elas produzam suas próprias tecnologias alternativas de enfrentamento do cotidiano, principalmente, quando são enfermidades constantes, como a dor de barriga, a gripe e as dores corporais. Costumam associar terapias medicamentosas com práticas populares (chás e massagens) na tentativa de resolver os problemas oriundos do trabalho de catação, o que acaba resolvendo, segundo as entrevistadas. A farmácia local da comunidade onde vivem e o uso de chás caseiros são as primeiras estratégias de cuidado à saúde que procuram quando necessitam.

Esses dias deu uma tal de dor de barriga aqui na gente e aí a gente toma chá, toma sorrisal. (CATADORA, 36 anos).

Hospital não, primeiro a gente toma remédio em casa né, que os vizinhos ensinam em casa ou então a gente vai na farmácia e compra um torcilax [...]. É o que os vizinhos ensinam, aí se não resolver, a gente compra o torcilax, aí se não resolver eu prefiro pagar consulta do que ir no posto, porque no posto demora muito. (CATADORA, 25 anos).

Quando tá com alguma dor nas costas chama os meninos pra fazer massagem (risos) porque aqui também dar muita dor na coluna, dor nas pernas, é muito difícil porque a gente trabalha em pé. (CATADORA, 25 anos).

Ah, esse xarope de copaíba, óleo de pequi melado com alho essas coisas assim. (CATADORA, 23 anos).

Chá a base de limão, mel, açúcar e alho, isso pra quando eu estou gripado, ajuda bastante. (CATADOR, 27 anos).

Em um dos casos, um catador relatou que o fato dele ter uma boa alimentação era uma estratégia de se prevenir de certas doenças provocadas pelo seu ambiente de trabalho. O mesmo relatou já ter sido jogador de futebol profissional, assim já adquiriu o hábito de se alimentar de forma saudável e de praticar exercícios físicos cotidianamente.

Na verdade, porque minha alimentação é toda diferente né, pra mim ficar gripado é muito raro, porque eu me alimento tudo certinho, como laranja, essas coisas, aí já ajuda o meu sistema imunológico aí raramente eu fico gripado, só quando eu tô mesmo [...]. Porque a minha alimentação é na base de verdura, todo dia maçã, laranja, pepino, alface, cenoura, tomate, isso é diariamente, verduras e frutas [...]. Eu corro, só não faço academia né, mas eu malho na pracinha, lá tem uns aparelhos aí malho também, malho em casa. (CATADOR, 27 anos).

As relações sociais contribuem para o compartilhamento de estratégias para o cuidado em saúde, as práticas populares de autocuidado passam por um processo de interação social. As catadoras descobrem as terapias a partir do convívio social com seus colegas de trabalho e vizinhos. Além daqueles que aprenderam as terapias com seus familiares, principalmente, com os pais.

Não, eu aprendi com a minha mãe, chá de erva-cidreira, capim santo, chá de banana de cheiro, esse são bons pra barriga e de setedor e boldo amargo igual ferro de boi, eu tomo pra dor assim, eu tomo esse chá, mas não vou no médico. Não vou não. Chega reviro meus olhos, mas não vou no hospital. Vou não, Deus me livre. (CATADORA, 36 anos).

Os vizinhos falam, tipo assim, se tiver gripada faz chá de limão, tipo com alho e mel que melhora. (CATADORA, 25 anos).

A gente tem um lugar, que a gente mora lá, que tem uma plantação de remédio, tem eucalipto, hortelã, boldo, aí nos vai e toma. (CATADORA(1), 30 anos).

Desde a Bahia que eu sei, mel de aurora com limão e alho é bom, meu pai tem muito isso aí na Bahia, lá na Bahia meu pai tem muito mel. (CATADOR, 25 anos).

A respeito do autocuidado das catadoras com o corpo, estendendo-se para o uso de anticoncepcionais, as catadoras relataram raramente realizar consultas com ginecologista para avaliar o melhor medicamento para evitar a gravidez. As catadoras costumam compartilhar entre si, no ambiente de trabalho, sobre qual seria o melhor anticoncepcional e tal processo pode ser justificado pela dificuldade de acesso aos serviços de atenção à saúde da mulher na rede pública de saúde.

Na percepção das catadoras, a religião tem forte relação com a qualidade de vida. Segundo as entrevistadas, aqueles que estão fora da igreja vivem uma vida conturbada e aqueles que seguem uma doutrinação apresentam melhoras significativas nas condições sociais, econômicas e de vida, logo impactando também na saúde. Além de ser uma estratégia de enfrentamento dos problemas vividos e sentidos no cotidiano, a religião constitui a principal fonte de lazer para as catadoras. Para algumas a igreja é destacada como o meio de socializar e interagir com outras pessoas. Quando questionados no que a igreja transformou a sua vida, temos os seguintes relatos:

Oxi, muito, muito, muito que as lutas vêm, não vou dizer que não tem luta, tem luta sim, mas Deus está no controle sabe? Deus está no controle de todas as coisas, agora mesmo estou passando por uma, mas creio que Deus vai

me dar vitória em nome de Jesus. Então é assim, quando você não tem Deus aí você fica querendo se apegar pelos vizinhos, aí você vai desabafar com vizinho, o vizinho chega lá na frente, vai é sair fazendo chacota com sua cara você está entendendo, falar mais e você com Deus não, o Senhor está nas suas mãos seja feita a sua vontade né, então já é mais diferente. (CATADORA, 36 anos).

Porque sim, eu tava indo pra igreja, aí parei tudo (beber e fumar), mas eu fumava cigarro, mas não era eu que comprava não, era o pessoal que me dava, aí parei, eu tava só testando o cigarro mas nunca fumei não. (CATADOR, 35 anos).

Deus é maravilhoso. Deus é tudo na vida gente, [...] tá, nossa, melhorou foi muito depois que eu comecei andar na igreja [...]melhorou, porque assim que comecei a ir pra igreja, eu parei de beber [...]na minha casa andava um bocado de amizade, na minha casa... não anda mais. E até no dinheiro melhorou. (CATADORA(2), 30 anos).

Importante destacar ainda a visão dos jovens sobre a diferenciação do que é certo e errado. Aqueles que levam uma vida de curtição, com festas e bebidas, são vistos como errados e, por isso, muitos deles se converteram para o campo religioso. E quando questionados sobre o motivo, destacaram que a violência pode ser um desencadeador dessa opinião, haja vista que, nas periferias, os bares e festas se constituem como espaços propensos à violência física e ao tráfico de drogas. As catadoras que ainda optam pela bebida alcoólica como forma de lazer do cotidiano relataram preferir beber em casa, escutando música, a beber em bares da comunidade.

Não, gosto de festa não, sou crente. Aconteceu uma confusão comigo uma vez, aí eu cismeí, que sai fora do mundo. Problema né, os caras me bateram aí sai fora, fui pra casa de Deus e sai fora do mundo, convivi com o mundo e não deu certo. Tem tempo já isso aí, aí eu me toquei, sai fora do mundo e fui pra casa de Deus, não quero nem saber mais do mundo, beber, essas coisas, sai fora. (CATADOR, 25 anos).

Porque antes eu ficava na rua, né, em festas, essas coisas, aí eu parei com isso também. (CATADOR, 27 anos).

## 5.5 PROBLEMAS EMBLEMÁTICOS E A NECESSIDADE DE ENFRENTAMENTO DA REALIDADE NO CONTEXTO COTIDIANO DAS CATADORAS DE MATERIAIS RECICLÁVEIS, EM ESPECIAL DA MULHER CATADORA

As trabalhadoras estão expostas a situações que prejudicam à saúde, seja no próprio ambiente de trabalho ou na sua vida em comunidade, estando várias dessas relacionadas à posição socioeconômica que ocupam na sociedade. As catadoras descredita no acesso aos serviços públicos de saúde e da qualidade da assistência prestada e, com isso, tendem a automedicar-se e a fazer o uso indiscriminado de

medicamentos para tentar solucionar os sintomas que sentem na vida cotidiana do trabalho de catação.

A experiência e sentidos que elas dão em relação ao SUS provocam práticas que prejudicam a qualidade de vida, haja vista que as trabalhadoras sabem que se forem procurar por atendimento médico ou não serão atendidas ou enfrentarão situações estressantes. Tais práticas provocam o uso de medicamentos sem prescrição médica e a ausência de consultas de rotina para a avaliação e a manutenção da saúde. Destaca-se que, em uma determinada situação na pesquisa de campo, uma catadora encontrou o medicamento nos materiais recicláveis e o guardou em sua bolsa, a mesma estava doente e disse que aquele medicamento conseguiria responder a sua necessidade de saúde, como é constatado no diálogo abaixo:

Pesquisador: você está tomando algum remédio?

Catadora: tô, agora tô tomando... eu até achei um remédio, pegar ele aqui. Tô tentando achar esse remédio aqui, oh.

Pesquisador: Libruprofeno

Catadora: é, é bom pra dor no corpo, né? Ele é bom mesmo, porque eu tava ruim, ruim. Aí tomei ele. (CATADORA, 36 anos).

A rotina das catadoras após um dia de trabalho é diversificada, pois cada uma possui uma singularidade ao contexto de vida que leva, havendo diferença entre mulheres e homens. As mulheres possuem uma rotina mais densa, principalmente, por causa do cuidado com os filhos e pela responsabilidade instituída por serem donas de casa, logo todas elas se intitulam pai e mãe ao mesmo tempo. O fato de ser "pamãe", que segundo as catadoras é a junção de pai + mãe, devido à intensa rotina de trabalho que vivem e ainda serem cuidadoras do lar, sendo responsáveis por responder por todos os problemas da família, contribui para o estado de estresse e esgotação, tanto física quanto psicológica.

Descanso não, vou fazer uma coisa, vou fazer outra, aí eu chego em casa vou fazer um cafezinho, vou ajeitar alguma coisa para os meninos comer, porque estão com fome, aí vou limpando uma coisa limpando outra o que precisa, aí vou buscar os outros meninos na escola, aí volto, aí vou fazer janta, aí vou para a igreja, aí quando eu chego, 9h (noite), que eu vou caçar jeito de dormir. (CATADORA, 36 anos).

Então estressa, você chega, ainda mais no caso da mulher... a mulher ainda chega em casa e tem que cuidar da casa, o homem não, o homem chega em casa, sentou e pronto. Tomou banho, sentou e pronto. Mulher não. A mulher ainda vai cuidar da casa, sabe que quando chegar tem que... é obrigada a fazer comida, cuidar de criança, essas coisas, é cansativo. Então já sei o que

vai acontecer amanhã: vou trabalhar, vou chegar e vou ter que arrumar a casa. A gente já fala aqui “nossa, hoje é dia de lavar roupa” “eu também”... aí a gente já sabe a nossa rotina. (CATADORA, 23 anos).

Eu saio daqui vou pra casa, chego em casa tomo um banho ai tem um curso que eu faço de violão, aí eu vou para o curso ai depois eu volto pra casa, cuido do dever de casa, como eu moro sou solteiro, ai eu faço meus deveres em casa. (CATADOR, 18 anos).

Vou cuidar da casa, limpar casa, vou fazer comida e pegar menino. (CATADORA(1), 30 anos).

É a rotina do dia a dia né, a gente cansa... serviço, casa, menino. A gente se sente cansada. Tem uma hora que o corpo da gente cansa né? (CATADORA, 29 anos).

O lazer é visto como uma forma de descansar da semana de intenso trabalho na Associação, embora a frequência ainda seja pouca. Para a maioria dos entrevistados, o lazer está baseado na necessidade de ser o momento para encontrar com os integrantes da família, constituindo-se como um momento de descontração da realidade, principalmente, aos finais de semana (nem todos). Mas destacam-se também os encontros com amigos e colegas da igreja que frequentam, como é exposto nas narrativas abaixo:

Eu passeio, vou no zoológico, às vezes vou num shopping também, num cinema, às vezes, passeio com os irmãos da igreja. (CATADOR, 18 anos).

Ah, final de semana tem vez que eu saio também mais o marido e as crianças vou passear [...] restaurante, shopping. (CATADORA(1), 30 anos).

Hoje em dia nada mesma coisa todo dia, no final de semana que a gente vai tomar uma cervejinha. (CATADORA, 29 anos).

Só pra igreja, saio de vez enquanto para o cinema, shopping, jogo bola, só. (CATADOR, 27 anos).

A cervejinha é ah, diversão, né? Distrain um pouco, né? Pra dá um descanso, porque só trabalhar, trabalhar também... dá uma descansada, dar uma relaxada com os familiares, com os amigos. (CATADORA, 29 anos).

Um problema relevante no contexto das catadoras de materiais recicláveis foi a questão da gravidez na adolescência. Todas as catadoras engravidaram quando ainda eram adolescentes, algumas relataram que engravidaram porque desejaram e outras, por acidente. É inevitável o impacto social que um filho na adolescência provoca, pois, a maioria relatou que após a gravidez teve que parar com os estudos, abandonando a escola para cuidar dos filhos ou, também, por vergonha de frequentar a escola “buchuda”. Os pais assumiram os filhos no começo dos relacionamentos,

mas quando ocorreram as separações os abandonaram, ficando o cuidado dos filhos, predominantemente, na responsabilidade da mãe. As narrativas a seguir refletem a opinião de uma catadora que desejou a gravidez e outra sobre o impacto da gravidez no desenvolvimento escolar:

Então igual eu... eu quis engravidar. Têm muitas jovens... você pode perguntar “[...]” não, elas quiseram engravidar também, porque às vezes é pela pressão dos pais, não sai da cola. Igual eu, eu falei pra minha mãe: “não, mãe, eu engraidei mais pela senhora” e ela “como assim por mim?”, “não, ficava me pressionando, não me deixava sair”. Quando eu comecei a namorar com ele “mãe, eu posso sair?” Numa festa de criança e ela não deixava. Na esquina ela já me gritava “passa pra dentro”, eu tive que namorar do portão e ele do outro lado. Ela não deixava. Então eu falei já que pega no meu pé... (CATADORA, 23 anos).

Porque eu tava perto de ganhar neném. Tipo assim, eu tava com 8 meses em dezembro, ganhei ele em janeiro eu já tinha passado para o 1º, aí eu peguei e parei. No 1º né? Porque eu terminei o ensino fundamental, aí era pra ir pro ensino médio, aí eu parei porque eu tive ele. Aí depois de 2 anos, quando ele tava com 2 anos. [...] voltei a estudar à noite. Aí terminei. Aí depois que eu terminei que eu engraidei do outro. (CATADORA, 25 anos).

Em relação ao cuidado das mulheres no período da gravidez, as catadoras ressaltaram ter realizado os pré-natais. A problemática, porém, encontra-se quando todas responderam que trabalharam durante a gravidez até aguentar e logo após terem ganhado o bebê, e isso ocorreu porque por serem catadoras não possuem direitos, como o da licença maternidade. Ressalta-se que todos os partos, normais e cesáreas, foram realizados na rede pública de saúde e a respeito das experiências das catadoras no que tange à assistência obstétrica realizada na hora do parto, a qualidade do atendimento e a questão da dignidade humana foram avaliadas negativamente.

Ainda foi possível observar, em determinados relatos, que a assistência prestada às mães foi confundida com o parto humanizado, apesar dos fatos relatados indicarem que houve violência obstétrica no momento. Porém, a imagem que os profissionais de saúde, principalmente, os da classe médica, passaram foi a de que ocorreu um parto humanizado. Em um dos relatos, a criança nasceu morta e não foi prestada nenhuma atenção diferenciada à mãe, sendo apenas informada do óbito da criança. Como exposto nas narrativas abaixo:

Mais ou menos, porque aquele hospital não tem médico. Eu ganhei ela praticamente sozinha... ela saiu sozinha, faltou eu segurar... tirar ela sozinha, sozinha mesmo. Só eu e Deus. Até a médica falou: “esse foi o verdadeiro

parto humanizado, você teve sozinha” não me cortou, não fez nada e também não me costurou. (CATADORA, 23 anos).

Ah, a médica nem ligou. Ficou foi brigando lá porque eu tava gritando. Porque doi tanto que eu não consegui suportar, foi inexplicável, porque tipo assim fica dilatando, né? Você tá com 10 e o neném sai. Mas o do meu filho não, foi engraçado. Eu tava com 3 centímetros. (CATADORA, 25 anos).

A médica foi uma mulher, nossa, ela era muito ignorante. As enfermeiras não, mas ela, nossa, muito ignorante, mandando a gente calar a boca [...]. (CATADORA, 25 anos).

Do meu 1º não achei muito não, porque fiquei lá só, 1º filho né, meio complicado, mas ocorreu tudo bem. (CATADORA(1), 30 anos).

Não, me largou lá sentindo dor até... quando viu que já tava nascendo a menina morta ainda... eu sozinha no quarto... aí viram que tava nascendo e tiraram a menina e pronto. (CATADORA, 36 anos).

No relato de uma catadora foi identificado que a mesma já possuía três filhos que vieram a óbito, estando alguns fatores intrinsecamente relacionados ao desfecho final, como a gravidez na adolescência, a baixa escolaridade e a ineficiência do sistema de saúde, haja vista que sua situação na época era de extrema vulnerabilidade social, tendo uma experiência negativa já no seu primeiro filho. Em um dos casos, a catadora relatou que antes de procurar por um serviço de saúde levou o seu filho a um benzedeiro, que indicou que levasse a criança ao hospital, pois já não podia ser feito mais nada. Os casos ocorridos com essa catadora estão relatados nas narrativas abaixo:

Aí eu trabalhava na farmácia, limpando o chão da farmácia, lavando banheiro. Aí quando eu tô lá lavando banheiro lá do lado de fora, eu percebi que tava sangrando. Ligaram pra minha mãe. Minha mãe me levou para o hospital e fiquei lá, jogada lá no hospital, deitada lá. Aí depois, quando foi de tardezinha, já chegando a noite, eu fui no banheiro. Eu só comecei a sangrar né, não doeu nada, só comecei a sangrar. Aí eu fui pro banheiro... quando fui pro banheiro, desceu aquela coisa horrível de dentro de mim, nem doeu nem nada. [...] Aí todo mundo foi lá, o médico, as enfermeiras... “O que você tinha? O que você tinha?”. “Por que você não disse que o bebê ainda tava aí dentro de você?”. “Oxi, falar o que?”. Não internaram, não disseram nada, eu fiquei quieta lá, jogada lá. Aí foram e fizeram a coleta, tava com 5 meses. Já tava com 5 dias morto dentro da minha barriga e tava com 5 meses grávida. Aí tiraram. Fizeram a coleta e tiraram o bebê, e pronto. Esse foi o meu primeiro filho. (CATADORA, 36 anos).

Então ela... aí esse outro eu perdi com 13 mesmo. Esse, esse... uma menina. Uma menina que tive com 13 anos. Aí vim de lá pra cá buchuda. Aí a gente morava em um albergue. Aí meu marido tava brigando, tava brigando lá e eu fiquei com muito medo e assustada, porque ele tava com a tesourinha, pronto, vai me matar, vai matar, vai matar. Ficava só gritando. Aí me assustei, buchão já, tava com 8 meses. Aí senti aquele bolo virando na minha barriga assim, virando. Aí nem liguei também. Cacei água lá pra beber, não tinha. [...]Aí depois de uma semana também, eu senti dor, muita dor, muita dor mesmo,

muita, muita, muita. Aí quando eu cheguei lá no hospital, aí olharam o coração, tentaram escutar o coração de todo jeito lá e não acharam o coração dela. Aí me levaram lá pra dentro de uma sala lá e tentaram, tentaram, tentaram escutar o coraçãozinho dela e não acharam. Aí me largaram lá também, jogada lá. Aí veio um médico lá, aí estourou a bolsa, aí já tava morto, morto. Aí veio o médico “o bebê já tá morto tem uma semana, tem uma semana que ele tá morto aí dentro”. (CATADORA, 36 anos).

Eu tive ele né, tive ele normal, direitinho. Só que ele nasceu com algum problema, só que eles não me falaram o que é. [...]porque eu era nova, 15 anos eu tinha. Aí não me falaram o que ele tinha, de jeito nenhum. Só falaram assim “o...”. Aí me deram uma data pra voltar lá no hospital, pra levar ele né. Só que não falaram o que era, o que não era. Ele chorava muito, chorava, chorava e eu trocava ele, dava banho, dava mingau, dava peito, dava tudo, dava bico e ele chorando. Ele chorava demais esse menino, demais [...] 2 meses. Aí eu tava dormindo, ele dormiu e saí... de dia né, eu saí. Deixei ele com um vizinho meu, cuidando dele, pra eu arrumar umas frutas pra dentro de casa, mas demorei muito não. Cheguei, peguei ele, zelei dele, cuidei, limpei ele... aí dormiu. Ficou dormindo lá. Aí quando foi umas 4h da manhã, foi 4 ou 3h da manhã, eu senti falta né. Meu peito cheio de leite, doendo, aí ele dormiu até com pai dele, aí eu falei “meu bem, me dá o menino aí, deixa eu dar o peito pra ele, que meu peito tá doendo demais”. Mas quando ele me deu o menino, nem ligou né, pegou o menino assim “toma”. Aí quando ele me deu o menino, já senti, aí eu falei “eita” “que que é?”, ele deu um pulo da cama, “Carlos”, eu num tive nem reação né? “Carlos, tá acontecendo alguma coisa, Carlos”, comecei a tremer aí ele “o que que é?” “O menino, Carlos” “o que tem o menino?” “O menino, Carlos”. Aí comecei a gritar “o menino, o menino, o menino”, sem saber nem o que dizer. [...]aí ele “o que tem o menino?” “O menino, o menino”. Aí a gente foi pra rua e eu com o menino no colo “vamos lá no”, tinha um velho que era benzedor, né? Pensei que era o vento que tinha passado no menino, não sabia o que era... [...] aí ele “bora lá”, aí eu peguei o menino e ele duro. O menino tava duro. Aí eu peguei o menino e bati lá na porta dele e tirei o paninho do rosto dele e mostrei a ele “ixe, pode levar para o hospital” [...]Aí eu corri com ele, nessa época eu já morava no Guará. Aí eu saí correndo de lá até o bombeiro, mas é longe, longe, foi longe. Bombeiro não, posto de gasolina, que lá tinha um carro da polícia pra levar a gente pro hospital do Guará. Mas foi longe, longe e nós correndo com essa criança no colo e correndo, correndo. E eu parava no meio da rua pros carros me dá uma carona, eu me jogava no meio da rua e os carros desviando de mim, desviando e eu gritando e chorando, que nem uma louca desesperada. Eu e ele no meio da rua. Aí quando chegou lá nesse posto de gasolina, aí viram a gente, aí o policial “o que foi, o que foi?”, aí a gente mostrou aí ele correu e botou a gente nesse carro e levou lá pro Guará. Chegou lá... aí o guardinha mandou a gente entrar lá no hospital e deixar o neném lá e foi chamar o médico. E o médico pra vir? [...]oh, meu filho. E nada de vir, nada de vir. Se ele tivesse chegado vivo lá, ele tinha morrido de todo jeito [...]demorou demais, demais, demais mesmo. Quando veio, aí já não teve graça. Aí ele só desenrolou assim a carinha do neném, “não, esse aqui já tá morto”. (CATADORA, 36 anos).

Além dos casos de mortalidade infantil relacionados à situação de vulnerabilidade da mãe, houve ainda um relato em que a mãe perdeu a criança devido à violência física que sofreu do seu ex-companheiro, o que segundo ela foi o motivo para a criança vir a óbito. Como relatado na narrativa:

Aí foi, ele me bateu, fui lá no hospital e lá perdi o bebê. Só que lá no hospital não falei que foi agressão. [...] é, podia ser preso. Aí também não falei não, falei que tinha levado uma queda (CATADORA, 29 anos).

É perceptível, através da pesquisa de campo, que as catadoras se encontram em um contexto desconfortável para a sua saúde, tanto física quanto emocional, para questões além do trabalho, principalmente, no que tange aos relacionamentos com os seus companheiros e maridos, que se configura em violência doméstica. Das 6 mulheres entrevistadas, 5 relataram terem sido agredidas por seus companheiros, sendo que 2 ainda convivem com os agressores. Uma delas se culpa por ter sofrido a agressão, explicou que quando consome bebida alcoólica provoca confusão com o marido, intitulando-se agressiva. E isso fez com que ela diminuísse o consumo de bebida alcoólica para evitar mais desentendimentos com o marido. Embora quando questionada se tinha resolvido o problema, ela afirmou que já tinham ocorrido 4 agressões físicas. Nesse caso específico, os vizinhos denunciaram, mas ela nunca procurou a delegacia para registrar boletim de ocorrência por medo do marido ser preso. Tal problemática está evidenciada nas narrativas abaixo:

[...] não, mas fui espancada pelo esposo. Batia, batia nele, era uma confusão. (CATADORA, 25 anos).

Eu e meu marido, a gente já se pegou no boxe [...] uai, o policial foi bater lá, aí eu falei que era mentira. Porque se eu falasse que era verdade, Deus me livre, ia prender ele. (...) ai ele falou “não, isso é mentira, não é verdade não” (CATADORA(1), 30 anos).

Ele me agrediu depois de nós separados [...] eu fiz uma ocorrência, deu 3 ocorrências seguidas em menos de 15 dias... ele me agrediu né, 3x, menos de 15 dias ele me agrediu. (CATADORA, 29 anos).

Antes meu marido vivia bebendo, me maltratava, me judiava, me batia, ele vivia na rua pedindo esmola. (CATADORA, 36 anos).

Apesar das mulheres estarem desamparadas de ações e intervenções estatais que tratem da violência contra a mulher e do seu empoderamento em um contexto de vulnerabilidade, haja vista que essas já se encontram numa situação de naturalização da violência, a sua rede de apoio social passa a ser uma tecnologia alternativa de enfrentamento dos problemas cotidianos, pois os vizinhos, as amigas catadoras e a igreja cumprem o papel do suporte assistencial nessa problemática, sendo uma maneira de agenciar o cuidado. Os vizinhos denunciam quando ocorrido perto das residências, as amigas catadoras no compartilhamento de experiências e

sentimentos, além da troca de afeto, compartilhamento de angústias e desejos entre elas, e a igreja significa a transformação social e a salvação.

Uma das catadoras possui medida protetiva, ou seja, o marido deve manter-se afastado, entretanto, na sua avaliação, tal medida não tem funcionado, pois ele a agrediu mesmo após a sua imposição. Segundo a entrevistada, uma forma de evitá-lo foi a de se mudar para outra região, pois segundo o seu relato, ela já foi agredida várias vezes. A narrativa abaixo evidencia a sua opinião sobre a medida protetiva:

Pra mim não funciona de nada. Pra mim é a pior besteira, porque fala que a medida protetiva tem que ficar 300 metros longe da pessoa, isso não acontece. Na verdade, isso não acontece. [...] eu mesmo quando ele morava aqui embaixo, eu via ele toda hora. [...] não, tava nada, porque eu fiz a primeira ocorrência e com uma semana me agrediu de novo e com menos de uma semana, eu entreguei de novo e já tava na medida protetiva. (CATADORA, 29 anos).

Essa situação de violência de gênero amplia a vulnerabilidade da mulher catadora. Apesar de todo o contexto de trabalho e vida das catadoras de materiais recicláveis e algumas questões do cotidiano que interferem negativamente na sua saúde física e emocional, a maioria se sente feliz com a vida, principalmente, por possuir familiares e amigos, relatando ainda não se sentir estressada, embora tenham que viver e sobreviver em um contexto de violência. Outra questão que deixam as catadoras felizes é o fato de a igreja ter transformado a vida que elas tinham anteriormente, por serem do “mundão”, termo utilizado por elas. No contexto da catadora dessa Associação, ou você é um indivíduo doutrinado pela igreja ou você segue uma vida conturbada, tanto social quanto economicamente. Nas narrativas abaixo estão evidenciados os motivos de se considerarem pessoas felizes:

Eu me sinto, muito feliz. Minha família, meus amigos... a vida que eu tô hoje, me sinto muito feliz. Renovada. (CATADORA, 23 anos).

Ah, essa vida que a gente vive, nunca melhora, só piorando, piorando, piorando. Dá vontade de ir embora, sumir. É sério. Se eu não tivesse os meus filhos, acho que eu já teria ido embora. (CATADORA, 25 anos).

Por causa dos meus filhos, meu marido, minha família. Por isso que me sinto feliz... com o meu serviço. (CATADORA, 25 anos).

Eu me sinto feliz por causa dos meus filhos, por causa que eu tenho um Deus maravilhoso e por eu estar aqui hoje trabalhando, eu me sinto muito feliz. (CATADORA(2), 30 anos).

Percebe-se como essas pessoas criam estratégias de cuidado relacionadas a saberes e práticas compartilhados entre amigos, familiares e vizinhanças, criam estratégias de cuidado para lidarem com a violência que as subjulgam, alheias a uma efetiva ação de órgãos públicos, se reinventam diante de violências institucionalizadas que são vivenciadas em ambientes hospitalares. Essas estratégias denominam aqui de “tecnologias alternativas de enfrentamento do cotidiano”, onde agenciam as escolhas e decisões de cuidado em suas vidas, distantes do que os sistemas modernos de saúde possam lhe ofertar, tendo em vista que essas catadoras não têm acesso aos mesmos.

## 6. UMA BREVE DISCUSSÃO

As catadoras de materiais recicláveis participantes deste estudo vivenciam contextos sociais complexos quanto à situação de trabalho e de vida. Estas trabalhadoras estão expostas a situações que prejudicam a sua saúde, sejam agravos provocados tanto pelo ambiente de trabalho quanto pelo cotidiano de vida, estando várias situações relacionadas à posição socioeconômica que ocupam na sociedade, destacando-se a violência sofrida pelas catadoras pelos seus companheiros; as experiências negativas relacionadas ao período da gravidez e ao parto; e a necessidade dos jovens de começarem a trabalhar mais cedo para ajudar no sustento de seus familiares ou no próprio.

A produção científica apresenta ferramentas potenciais para problematizar os contextos sociais, econômicos e ambientais que essa coletividade vive no que concerne aos riscos ocupacionais e ao contágio de doenças. Alguns estudos apontam que o trabalho da catação influencia nesses riscos<sup>3,4</sup>. Um estudo realizado no DF<sup>6</sup> identificou que as precárias condições de trabalho e os riscos e danos à saúde era negada pelas catadoras, nesta investigação as catadoras reconhecem as precárias condições de trabalho e os riscos da sua atividade laboral, o que também foi identificado em outro estudo<sup>20</sup>. Destaca-se que no cenário de campo, as catadoras queixaram-se tanto do cansaço físico quanto mental.

Tais percepções corroboram com os achados dos estudos<sup>6,20</sup> e desta pesquisa em que a necessidade de sobrevivência desses sujeitos os coloca numa situação de vulnerabilidade, pois sabem dos riscos, mas devido a fatores como a baixa escolaridade<sup>3,13</sup>, o desemprego<sup>13</sup> e a falta de oportunidade no mercado de trabalho formal<sup>9</sup> acabam tendo que sobreviver e viver em um contexto insalubre de trabalho<sup>3</sup>. A realidade é ainda mais peculiar para as mulheres catadoras e destaca-se que o número de mulheres em associações de catadores de materiais recicláveis é mais significativo do que o número de homens<sup>3,9,14-17</sup>, o que também foi encontrado nessa pesquisa, o que pode ter relação com a dificuldade da mulher de baixa escolaridade se inserir no mercado de trabalho formal.

Todos os entrevistados trabalharam quando crianças ou adolescentes e estudos<sup>68,21</sup> também apontam essa realidade devido à necessidade social e

econômica. No contexto investigado, as mulheres, principalmente, pela questão da gravidez na adolescência, tiveram que ingressar cedo no mercado de trabalho para cuidar dos filhos e os homens para ajudar na casa dos pais ou se sustentar financeiramente, o que acabou impactando, também, no abandono escolar. Destaca-se que nenhuma trabalhou como catadora quando criança ou adolescente, embora haja realidade que o trabalho infantil se encontra no contexto da catação<sup>68</sup>.

Um achado importante do estudo está relacionado à autodeclaração como não brancos. Nessa pesquisa, nenhuma trabalhadora autodeclarou-se branca, bem como não houve alguém que se autodeclarasse como negra, havendo apenas um catador que se autodeclarou como moreno, o que pode estar relacionado aos estigmas sociais que essas catadoras enfrentam na sua vida cotidiana, haja vista que pela pesquisa de campo as catadoras dão sentidos e significados para os preconceitos pelo contexto de serem catadoras. Segundo Gonzales,<sup>69</sup> o lugar em que nos situamos determinará nossa interpretação sobre o duplo fenômeno do racismo e do sexismo. Ainda assim, estudo<sup>25</sup> realizado com catadoras coloca que as representações sociais das catadoras de um aterro sanitário configuram-se em duas matrizes simbólicas, as quais mostram a vinculação do lixo à imagem da catadora, que vivencia estigma, desamparo e sentimento de vergonha diante do preconceito da sociedade e exclusão social. Dessa forma, o fato de não se reconhecerem como brancas e a maioria se reconhecer como parda coloca a necessidade de estudos científicos que abordem/discutem essas temáticas com o grupo social de catadoras de materiais recicláveis.

As mães catadoras assumem um papel importante no cuidado das proles enquanto que os homens são mais passivos no cuidado com os filhos e nas atividades domiciliares. Alguns relatos demonstraram a ineficiência em serviços de creche para essas catadoras, pois a maioria precisa custear alguém para o cuidado dos seus filhos, o que acaba comprometendo ainda mais a renda da família. Outros relatos evidenciaram a dificuldade de inserção nos programas assistenciais do Governo que ajudem no cuidado com os filhos e quando conseguem apresentam dificuldade de manutenção no programa, pois a creche não é localizada próximo a sua residência.

Gutberlet et al<sup>29</sup> durante oficinas realizadas com catadoras de materiais recicláveis evidenciou os riscos-chaves para a saúde desses sujeitos, sendo distribuídos em riscos químicos, biológicos, físicos, acidentes, ergonômicos e

emocionais vulneráveis. O químico refere-se aos resíduos químicos nas embalagens, tais como: produtos de limpeza, recipientes tóxicos, sacos de cimento, etc. O biológico refere-se ao contato com fungos e bactérias na acumulação em embalagens, restos de comida misturado com os materiais recicláveis, infecções devidas a vetores de doenças, tais como: pombos, ratos, insetos, etc. O físico refere-se à iluminação insuficiente, à falta de ventilação, aos pisos irregulares ou ao piso danificado, à falta de cobertura de telhado ou aos vazamentos de telhado e de água danificados. Os acidentes referem-se a acidentes durante a coleta na rua (acidentes de carro); acidentes na cooperativa, por exemplo, perda de membros quando operando a prensa, pilhas instáveis, superfícies inseguras, cortes devido a instrumentos cortantes, vidro, metal, papel afiado e plásticos misturados com os materiais. Os ergonômicos referem-se à postura inadequada devido à falta de infraestrutura correta na coleta, à separação e processamento de materiais recicláveis, à falta de circulação de ar fresco, ao relâmpago insuficiente e à organização do trabalho inseguro. Os emocionais vulneráveis referem-se ao estigma social, ao estresse, à depressão, à ansiedade, aos desequilíbrios de poder, às dependências (drogas, álcool).

O foco nos riscos à saúde está presente na maioria das produções científicas que versam sobre a vida e trabalho das catadoras de materiais recicláveis, e esta pesquisa buscou abordar uma concepção diferente em relação aos fatores de riscos com foco em doenças e priorizar as questões mais latentes do cotidiano que interferem no bem-estar do grupo de catadoras entrevistado. Ambas as perspectivas são importantes para a melhoria das intervenções em saúde que visem atuar com o público de catadoras. Embora, como identificado nos artigos<sup>3,29-27</sup>, as ações de intervenção no que versa sobre a precaução para minimizar os riscos inerentes ao trabalho de catadora acabam culpando os sujeitos devido ao fato da maioria das ocorrências de acidentes no trabalho estar relacionada ao não uso de EPI, não questionando problemas emblemáticos como neste estudo, em que outras questões foram colocadas à tona como prioridades no campo da investigação e intervenção com catadoras.

Os riscos não foram focados no trabalho, mas no real contexto de vida, indicando que há fatores que influenciam na qualidade de vida desses indivíduos mais do que a situação de risco do trabalho de catadora, mostrando que estão

desamparadas por políticas públicas promotoras de saúde que versem sobre os problemas do cotidiano, tais como: a violência contra a mulher, o uso racional de medicamentos e a violência obstétrica.

Nesse sentido, a necessidade é de se atuar em campos e áreas que visem as melhorias sociais e contra a desigualdade em saúde. Para a coletividade em estudo é preciso pensar em ações de saúde no campo da educação em saúde, pelo fato dessa área atuar na promoção da saúde, que é potencial transformadora de cenários conflituosos, como o caso do grupo social de catadoras, na perspectiva de atender exclusivamente catadoras respeitando sua individualidade enquanto grupo social marginalizado pelas políticas públicas. As estratégias de intervenção em promoção da saúde que visa tratar esses temas levantados como importantes no cotidiano de vida das catadoras precisam ser problematizados, buscando romper também com o paradigma biomédico das intervenções em saúde.

A promoção da saúde tem importante ação para reversão desse quadro de iniquidade em saúde, necessitando informar e comunicar as mulheres sobre o direito de saber sobre a assistência ao parto, bem como empoderá-las sobre os seus direitos, haja vista que as catadoras entrevistadas naturalizaram a violência contra a mulher. Porém, são necessárias ações não somente direcionadas ao público feminino, mas também direcionadas aos homens para que de fato ocorra uma transformação da realidade a ser enfrentada.

Assim, percebe-se que a Estratégia Saúde da Família e serviços de Atenção Básica à Saúde têm potencialidade para trabalhar com as questões levantadas por essa coletividade. Porto<sup>3</sup> aponta que a ação dos postos de saúde para esse grupo social é fundamental no enfrentamento dos seus problemas cotidianos. Portanto, faz-se necessário que os profissionais dos serviços de saúde, especificamente da atenção básica à saúde, apropriem-se desta realidade e conheçam a visão desses sujeitos sobre a relação saúde-doença-cuidado para evidenciá-la e proporcionar um olhar ressignificado, qualificando as ações em saúde<sup>13</sup>.

O SUS é o mais utilizado para o atendimento das necessidades de saúde, porém as catadoras começaram a recorrer a outros serviços como às farmácias locais, ao sistema privado de saúde, aos amigos e parentes e às práticas populares de

cuidado, corroborando também com os achados de outros estudos já realizados com catadoras<sup>3</sup>. Assim, o itinerário terapêutico em busca do cuidado dessas trabalhadoras perpassa inicialmente o saber popular e somente em casos mais graves, há a procura por serviços hospitalares. Ou seja, a representação que esse grupo dar a suas práticas populares pode ser entendida como uma tecnologia alternativa de enfrentamento do cotidiano, haja vista que se sentem desamparadas pelos serviços de saúde, assim produzindo suas próprias estratégias para que possam suprir as suas necessidades de saúde. Embora, destaca-se ainda a importância de se instituir novas políticas e implantar ações de saúde que as contemplem, bem como evidenciar para o setor público que há o grupo de trabalhadoras que está desamparada pelo Estado.

Para as catadoras entrevistadas, há uma descrença em relação às ações das políticas públicas de saúde. As experiências negativas em relação ao acesso aos serviços públicos de saúde fazem com que não acreditem mais no seu direito à saúde, recorrendo aos serviços somente em casos de extrema urgência, acionando, assim, outras tecnologias alternativas de enfrentamento do cotidiano. Dessa maneira, evidencia-se que a religião tem grande representatividade para este grupo no que se refere à melhoria das condições de saúde, logo agindo na transformação de vida desse grupo. Outra alternativa significativa no cotidiano de vida das catadoras é a utilização de remédios caseiros, principalmente, os chás e a prática de massagens, associando-as com terapias medicamentosas.

Por fim, tais levantamentos e cobranças feitas pelas próprias entrevistadas evidenciam o desprezo de ações estatais direcionadas a esse público. Apesar da catadora ser reconhecida como elo principal na coleta seletiva solidária, o trabalho ainda não é valorizado, sendo esquecido socialmente pelas instâncias públicas ligadas ao meio ambiente e à saúde, e tendo que viver cotidianamente com situações desconfortáveis e conflituosas, inclusive provocadas pelo próprio ambiente de trabalho, ressaltando a necessidade de políticas públicas sociais que as contemplem em suas singularidades.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas últimas décadas esse grupo social ganhou espaço na mídia pública e até mesmo no campo científico em teses e dissertações, mas ainda não o suficiente para explorar a fundo a vida e espaços em que as catadoras estão inseridas. Desse modo, vê-se como necessário investir em pesquisas científicas em profundidade para construir intervenções de promoção da saúde e prevenção de agravos à saúde direcionados especificamente a esse público, entendendo que os estudos científicos são potenciais para induzir maior atenção dos gestores municipais, estaduais e federais.

Contudo, antes de planejar ações educativas e políticas de saúde deve-se conhecer a realidade social e o contexto em que está inserido o seu público estratégico – perspectiva essa quase nunca utilizada pelas equipes que produzem as políticas públicas. As ações acabam sendo influenciadas pelo modelo biomédico hegemônico e pelo capital financeiro, bem como pela iniciativa privada e pelos atores com seus interesses, que afastam a possibilidade de reconhecimento dos sujeitos como protagonistas da sua ação educativa e terapêutica, deixando de lado, nos atos normativos e intervenções em saúde, os sentidos e subjetividades dos grupos sociais.

Dessa maneira, o desamparo das políticas e ações do Estado, principalmente no setor saúde, para os grupos sociais e o afastamento das suas singularidades e realidade de situação de vida nas intervenções que os contemplem faz com que esses sujeitos produzam as suas próprias tecnologias alternativas de enfrentamento do cotidiano relacionadas ao que é sentido e ao que é vivido no seu dia-a-dia. Destaca-se que as estratégias de busca do cuidado perpassam o campo das práticas populares, sendo o primeiro acesso às medidas para tentar solucionar os problemas relacionados à saúde.

Por fim, quando analisada a situação de saúde precária e a falta de atenção à saúde é perceptível que se deve avançar no campo das políticas públicas de saúde para acompanhar e intervir no cenário das catadoras de materiais recicláveis. Destaca-se que as ações de promoção da saúde são potenciais para transformação dessa realidade vivida atualmente pelas catadoras. A realidade é que a condição de trabalho e vida exerce influência negativa na qualidade de vida e o sistema público de

saúde não consegue ofertar o acesso aos serviços de saúde e atender essa população, o que provoca a construção de uma série de estratégias para enfrentamento dos problemas de saúde do cotidiano, como o uso de terapias populares de cuidado acessíveis e a prática religiosa. Ainda assim, falta incentivo social, financeiro e psicológico, além do real reconhecimento da importância dessa ocupação e efetiva inclusão social destas trabalhadoras nas ações estatais.

## REFERÊNCIAS

1. Ministério do Trabalho e Emprego. *CBO: Classificação Brasileira de ocupações*. 2013. Disponível em: <<http://www.mtecbo.gov.br/cbosite/pages/downloads.jsf>>. Acesso em 22 de outubro de 2014.
2. Zaneti ICBB. *As sobras da modernidade: o sistema de gestão de resíduos em Porto Alegre, RS*. Ed. CORAG Porto Alegre, RS. 2006.
3. Porto MFS, Juncá DCM, Gonçalves RS, Filhote MIF. Lixo, trabalho e saúde: um estudo de caso com catadores em um aterro metropolitano no Rio de Janeiro, Brasil. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 20(6):1503-1514, nov-dez, 2004.
4. Medeiros LFR, Macêdo KB. Catador de Material Reciclável: uma profissão para além da sobrevivência? *Psicologia & Sociedade*; 18 (2): 62-71, mai-ago, 2006.
5. Almeida AMLP, Nascimento N. De catador de lixo a agente ambiental: educação ambiental na qualidade de vida. *O Mundo da Saúde São Paulo*: 30 (4): 581-587, out-dez, 2006.
6. Sousa CM, Mendes AM. Viver do lixo ou no lixo? A relação entre saúde e trabalho na ocupação de catadores de material reciclável cooperativos no Distrito Federal – Estudo Exploratório. *rPQT*; v. 6, n 2, p. 13-42, jul-dez, 2006.
7. Medeiros LFR, Macêdo KB. Profissão: catador de material reciclável, entre o viver e o sobreviver. *G&DR*; v. 3, n 2, p. 72-94, mai-ago, 2007.
8. Cavalcante S, Franco MFA. Profissão perigo: percepção de risco à saúde entre os catadores do Lixão do Jangurussu. *Revista Mal-estar e Subjetividade – Fortaleza*; v. 7, n 1, mar, p. 211-231, 2007.
9. Dall’Agnol CM, Fernandes FS. Saúde e autocuidado entre catadores de lixo: vivências no trabalho em uma cooperativa de lixo reciclável. *Rev Latino-am Enfermagem*, n 15, set-out, 2007.
10. Ballesteros VL, Arango YLL, Urrego YMC. Condiciones de salud y de trabajo informal em recuperadores ambientales del área rural de Medellín, Colombia, 2008. *Rev Saúde Pública*, v. 46, n 5, pg. 866-74, 2012.
11. Bortoli MA. Catadores de materiais recicláveis: a construção de novos sujeitos políticos. *Rev. Katál – Florianópolis*; v. 12, n. 1, p. 105-114, jan-jun, 2009.
12. Alencar MCB, Cardoso CCO, Antunes MC. Condições de trabalho e sintomas relacionados à saúde de catadores de materiais recicláveis em Curitiba. *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, v. 20, n. 1, p. 36-42, jan-abr, 2009.
13. Zacarias IR, Bavaresco CS. Conhecendo a realidade dos catadores de materiais recicláveis da Vila Dique: visões sobre os processos de saúde e doença. *Revista Textos & Contextos Porto Alegre*, v. 8, n. 2, p. 293-305, jul-dez, 2009.

14. Almeida JR, Elias ET, Magalhães MA, Vieira AJD. Efeito da idade sobre a qualidade de vida e saúde dos catadores de materiais recicláveis de uma associação em Governador Valadares, Minas Gerais, Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 14(6):2169-2180, 2009.
15. Santos GO, Silva LFF. Há dignidade no trabalho com o lixo? Considerações sobre o olhar do trabalhador. *Revista Mal-estar e Subjetividade – Fortaleza – Vol. IX – Nº 2 – p. 689-716 – jun/2009.*
16. Kirchner RM, Saidelles APF, Stumm EMF. Percepções e perfil dos catadores de materiais recicláveis de uma cidade do RS. *G&DR- São Paulo*; v. 5, n. 3, p. 221-232, set-dez, 2009.
17. Alexandrino DFL, Ferreira MEC, Lima CL, Makkai LFC. Proposal of social inclusion and improvement of the quality of life and health of collectors of recyclable materials of Viçosa – MG Through the physical activity. *Fit Perf J.* Mar-Apr;8(2):115-22. 2009.
18. Siqueira MM, Moraes MS. Saúde coletiva, resíduos sólidos urbanos e os catadores de lixo. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 14(6), 2009 p. 2115-2122.
19. Roos D, Carvalho MD, Ribeiro SQ. A precariedade do trabalho dos catadores de material reciclável no oeste paranaense e a dinâmica estratégica da reprodutividade do capital. *Revista Pegada – vol. 11, n. 2, pg. 114-131, dez, 2010.*
20. Santos GO, Silva LFF. Os significados do lixo para garis e catadores de Fortaleza (CE, Brasil). *Ciência & Saúde Coletiva*, vol. 16, nº 8, pg. 3413-3419, 2011.
21. Maciel RH, Matos TGR, Borsoi ICF, Mendes ABC, Siebra PT, Mota CA. Precariedade do trabalho e da vida de catadores de recicláveis em Fortaleza, CE. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*; Rio de Janeiro, 63 (Nº.espe.): 1-104, 2011.
22. Jesus MCP, Santos SMR, Abdalla JGF, Jesus PBR, Alves MJM, Teixeira N, et al. Avaliação da qualidade de vida de catadores de materiais recicláveis. *Re. Eletr. Enf.* [internet], v. 14, n.2, abr-jun, p. 277-285, 2012.
23. Santos SMR, Jesus MCP, Mattos LR, Alves MJM, Vicente EJD, Jesus PBR. Espiritualidade na avaliação da qualidade de vida dos catadores de materiais recicláveis: estudo transversal. *Online Brazilian Journal of Nursing*, Vol 11, Nº 1. 2012.
24. Ferraz L, Gomes MHA, Busato MA. O catador de materiais recicláveis: um agente ambiental. *Cad. EBAPE.BR*, v. 10, n. 3- Rio de Janeiro; Set, 2012.
25. Pereira ER, Silva RMCRA, Mello FP, Oliveira DC, Silva MA. Representações sociais dos catadores de um aterro sanitário: o convívio com o lixo. *Psicologia: teoria e prática*, v. 14, n.3, p. 34-47, 2012.

26. Gonçalves CV, Malafaia G, Castro ALS, Veiga BGA. A vida no lixo: um estudo de caso sobre os catadores de materiais recicláveis no município de Ipameri, GO. *HOLOS*, Ano 29, Vol 2. 2013.
27. Hoefel MG, Carneiro FF, Santos LMP, Gubert MB, Amate EM, Santos W. Accidents at work and living conditions among solid waste segregators in the open dump of Distrito Federal. *Rev Bras Epidemiol*, 16(3): 764-85. 2013.
28. Junior ABC, Ramos NF, Alves CM, Forcellini FA, Graciolli OD. Catadores de materiais recicláveis: análise das condições de trabalho e infraestrutura operacional no Sul, Sudeste e Nordeste do Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 18(11):3115-3124, 2013.
29. Gutberlet J, Baeder AM, Pontuschka NN, Filipone SMN, Santos TLF. Participatory Research Revealing the Work And Occupational Health Hazards of Cooperative Recyclers in Brazil. *Int. J. Environ. Res. Public Health*, v. 10, p. 4607-4627, 2013.
30. Dias BCC, Cherfên VPRF, Raupp LM, Milnitisky-Sapiro C. Representações sociais de papeleiros acerca do trabalho e moradia: o caso da Vila Chocolate. *Psicologia & Sociedade*, v. 26, p. 193-200, 2013.
31. Peixoto MT, Oliveira MRS, Rosa KG, Monteiro DA, Carvalho RC. Catadores de lixo do conjunto habitacional Feira VI: Condições socioeconômicas e riscos à saúde. *Rev. Saúde Col. UEFS*, Feira de Santana, vol. 5, n. 1, p. 46-50, dez, 2015.
32. Movimento Nacional dos Catadores(as) de Materiais Recicláveis. *História do MNCR* [Internet]. Brasil; 09 dez. 2012. Acesso em 18 de agosto de 2015 Disponível em: <http://www.mnccr.org.br/sobre-o-mnccr/sua-historia>.
33. Brasil. Lei nº 12.305, de 2 de agosto de 2010. *Dispõe sobre a Política Nacional de Resíduos Sólidos*. Diário Oficial da União [da] República Federativa do Brasil. 03 ago. 2010; Seção 1, 3-7.
34. Ruiz HB. A dura vida dos catadores de lixo do Rio de Janeiro [Internet]. 10 dez. 2005. Acesso em: 01 de junho de 2016. Disponível em: <http://noticias.terra.com.br/brasil/noticias/0,,O1791495-E1306,00-A+dura+vida+dos+catadores+de+lixo+do+Rio+de+Janeiro.html>
35. Profissão Repórter. *Profissão repórter conta as histórias de catadores e ex-catadores de lixo* [Internet]. 22 out. 2015. Acesso em: 01 de junho de 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/profissao-reporter/noticia/2015/10/profissao-reporter-counta-historias-de-catadores-e-ex-catadores-de-lixo.html>.
36. Goto AK, Souza MTS, Junior JVL. Um estudo sobre o estresse em profissionais da área de logística da indústria automobilística. *Psicologia política*. vol. 9. nº 18. pp. 291-311, 2009.

37. Buss PM, Filho AP. A saúde e seus determinantes sociais. *PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, 17(1), 2007, 77-93p.
38. Buss PM. Promoção da saúde e qualidade de vida. *Ciência & Saúde Coletiva*, 5(1):163-177, 2000.
39. Nunes ED. Saúde coletiva: uma história recente de um passado remoto. In: Campos GWS, Minayo MCS, Akerman M, Drumond Junior M, Carvalho, YM (orgs). *Tratado de Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro, Hucitec, Fiocruz, 2009. p. 295-315.
40. Barata RB. Desigualdades sociais e saúde. In: Campos GWS, Minayo MCS, Akerman M, Drumond Junior M, Carvalho, YM (orgs). *Tratado de Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro, Hucitec, Fiocruz, 2009. p. 457-486.
41. Ayres JRMC, Calazans GJ, Saletti Filho HC, França-Júnior I. Risco, vulnerabilidade e práticas de prevenção e promoção da saúde. In: Campos GWS, Minayo MCS, Akerman M, Drumond Junior M, Carvalho, YM (orgs). *Tratado de Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro, Hucitec, Fiocruz, 2009. p. 375-417.
42. Westphal MF. Promoção da saúde e prevenção de doenças. In: Campos GWS, Minayo MCS, Akerman M, Drumond Junior M, Carvalho, YM (orgs). *Tratado de Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro, Hucitec, Fiocruz, 2009. p. 635-667.
43. Silva SP, Goes FL, Alvarez AR. *Situação social das catadoras e dos catadores de material reciclável e reutilizável – Brasil*. Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada. Brasília (DF). 2013.
44. Benvindo AZ. *A nomeação no processo de construção do catador como ator econômico e social*. [Dissertação]. Brasília: Pós-graduação em Ciências Sociais. Universidade de Brasília; 2010.
45. Movimento Nacional dos Catadores(as) de Materiais Recicláveis. *Carta de Brasília* [Internet]. Brasil; 09 dez. 2012. Acesso em 18 de agosto de 2015. Disponível em: <http://www.mncr.org.br/so-bre-o-mncr/principios-e-objetivos/carta-de-brasilia>.
46. Oliveira LAP, Mendes MMS. Mortalidade infantil no Brasil: Uma avaliação de tendências recentes, 1995. In: Minayo MCS. *Os muitos brasis saúde e população na década de 80*. São Paulo: Editora Hucitec. Rio de Janeiro: ABRASCO. pg 291-303.
47. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. *Dossiê mulheres negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil*. Brasília: IPEA, 2013.
48. Gerhardt TE. Itinerários terapêuticos em situações de pobreza: diversidade e pluralidade. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 22(11):2449-2463, nov, 2006.
49. Ibáñez-Novión MA. In:\_\_\_\_\_. *Anatomias Populares: a antropologia médica de Martín Alberto Ibáñez-Nóvion*. Brasília: Editora UnB, 2012. 296 p.

50. Leite SN, Vasconcellos MPC. Negociando fronteiras entre culturas, doenças e tratamentos no cotidiano familiar. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, 8 – v. 13, n. 1, p. 113-128, jan-mar. 2006.
51. Fleischer S, Tornquist CS, Medeiros BF. *Saber cuidar, saber contar: ensaios de antropologia e saúde popular*. Florianópolis: UDESC, 2009. 280 p.
52. Hamaral L. Ceilândia a história é esta. *Série Planeta Ceilândia*. Ceilândia, Distrito Federal, 2011.
53. Governo do Distrito Federal, Secretaria de Planejamento e Orçamento do Distrito Federal, Companhia de Planejamento do Distrito Federal – CODEPLAN. *Pesquisa Distrital Por Amostra de Domicílios – Ceilândia – PDAD 2010/2011*. Brasília, fev. 2011. Acesso em: 06 de junho de 2016. Disponível em: <http://www.codeplan.df.gov.br/images/CODEPLAN/PDF/Pesquisas%20Socioecon%C3%B4micas/PDAD/2011/PDAD%20Ceil%C3%A2ndia-2010-2011.pdf>
54. Ache Tudo e Região. *Geografia de Ceilândia*. [Internet]. 30 abr. 2014. Acesso em: 06 de junho de 2016. Disponível: <https://www.achetudoeregiao.com.br/df/ceilandia/localizacao.htm>
55. Minayo MCS. Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. In: \_\_\_\_\_. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: HUCITEC, 2010, p.61-76.
56. Creswell JW. *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. 3.ed. – Porto Alegre: Artmed, p. 209, 2010.
57. Minayo MCS. *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2007.
58. Neves JL. Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. *Cadernos de pesquisas em administração*, v. 1, n. 3. 1996. Acesso em 19 de maio de 2016. Disponível em: <<http://www.ead.fea.usp.br/cad-pesq/arquivos/C03-art06.pdf>>.
59. Minayo MCS. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 8. Ed. São Paulo: Hucitec, 2004. 406p.
60. Nakamura E. O método etnográfico em pesquisas na área da saúde: uma reflexão antropológica. *Saúde Soc.*, v.20, n.1, p. 95-103, 2011.
61. Oliveira RC. O trabalho do antropólogo: Olhar, ouvir, escrever. In: \_\_\_\_\_. *O trabalho do antropólogo*. São Paulo: UNESP, 1996. p.17-35.
62. Deslandes SF, Gomes R. Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. In: Minayo MCS (Org.). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. 31ª. Ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, p. 61-77, 2012.

63. Angrosino M. *Etnografia e observação participante*. Porto Alegre: Artmed, p. 15, 2009.
64. Queiroz DT, Vall J, Souza AMA, Vieira NFC. Observação participante na pesquisa qualitativa: conceitos e aplicações na área da saúde. *R Enferm UERJ*, Rio de Janeiro, abr/jun; 15(2):276-83, 2007.
65. Moreira WW, Simões R, Porto E. Análise de conteúdo: técnica de elaboração e análise de unidades de significado. *Rev bras Cie e Mov*; 13(4):107-114, 2005.
66. Goldenberg M. *A Arte de Pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Ed. Record 2011.
67. Deslandes SF. O projeto de pesquisa como exercício científico e artesanato intelectual. In: Minayo MCS. *Pesquisa social*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2012. p. 31-60.
68. Ferraz L, Gomes MHA. Uma existência precarizada: o cuidado da prole no trabalho de catação de material reciclável. *Revista Sociedade e Estado*. v. 27, nº 3, 2012.
69. Gonzales L. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciência Sociais Hoje*, Anpocs, p. 223-244, 1984.

## ANEXOS

### ANEXO A – QUESTÕES NORTEADORAS DAS ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS PARA A APROXIMAÇÃO DA REALIDADE

Nome/ Idade/ Cor/Raça

Categoria no trabalho, sua função.

Onde nasceu/ Religião/ identidade de gênero/ sexo

O que faz profissão? Se define como catador?

Como a sociedade ver o catador?

Tempo de trabalho como catador?

Essa profissão traz doença na sua avaliação?

O que é sujeira e o que é lixo? Há diferença?

Ficou doente recentemente? Por que ficou doente? Como foi o tratamento?

O que você entende por ter saúde?

Faz uso de algum medicamento?

Faz medicamentos em casa? Chá, reza, massagem, entre outros?

Vai para igreja com qual frequência?

Acesso serviço ABS

Posto de saúde/ hospital? Quando vai para o hospital/ Há equipes PSF no seu bairro?

#### **SOCIABILIDADE**

Você possui muitos amigos? Já foi casado? Casou? Mora junto?

Possui família? Como é sua relação com a vizinhança do seu bairro?

Seu bairro é violento e o seu trabalho?

Tem filhos? Quantos? Sexo- idade?

Os filhos estudam/ trabalham/ são casados/ moram com os pais?

Você possui netos? Com que os filhos e os netos ficam em casa?

Há membros da sua família que é catador? Seus pais trabalham de que?

**ROTINA**

Horário de chegada/ saída do trabalho

Dias da semana que trabalham?

O que acontece caso fique doente?

Finais de semana e feriados?

Possui momentos de lazer? O que gosta de fazer?

Pratica atividade física? Tem tempo para isso?

Como que é a vida da sua família?

Observação: após essa rodada de entrevista, a segunda foi programada individualmente, sendo elaborada de acordo com as respostas da primeira entrevista e acrescentados temas como a violência, trajetória de vida e felicidade.

## **ANEXO B – MANUSCRITO SUBMETIDO À REVISTA INTERFACE – COMUNICAÇÃO, SAÚDE, EDUCAÇÃO**

### **Condições de vida de catadores de resíduos sólidos recicláveis: revisão integrativa da literatura**

### **Las condiciones de vida de los recolectores de residuos reciclables: revisión integradora de la literatura**

### **Living conditions among solid waste segregators: integrative literature review**

#### **Resumo**

Trata-se de uma revisão integrativa que objetiva analisar o que versam as produções científicas sobre o estado da arte das condições de vida dos catadores de materiais recicláveis. Foram recuperadas informações apresentadas em trabalhos anteriores, atualizando-as para os últimos dez anos (2004-2014), considerando as produções registradas nas bases de dados da Biblioteca Virtual de Saúde e Proquest. Por fim encontraram-se oito artigos. Como resultados evidenciou-se que os catadores estão inseridos em um contexto de vulnerabilidade social relacionado à sua posição na sociedade e que tais condições como: perfil, escolaridade e fatores socioeconômicos interferem na saúde. Conclui-se que é necessário investir em pesquisas em profundidade para construir intervenções de promoção e prevenção de agravos à saúde voltados especificamente para esse público-estratégico, entendendo que os estudos científicos são capazes de induzir maior atenção dos gestores municipais, estaduais e federais para esse grupo.

**Palavras-chave:** Catador de material reciclável. Condições de vida. Determinantes sociais. Políticas públicas.

#### **Resumen**

Se trata de una revisión integradora que tiene como objetivo analizar las producciones científicas que tratan sobre las condiciones de vida de los recicladores. Información presentada en trabajos anteriores se recuperaron, su actualización durante los últimos diez años (2004-2014), teniendo en cuenta la producción registrada en las bases:

Biblioteca Virtual en Salud y Proquest. Finalmente se reunieron ocho artículos. Los resultados mostraron que los coleccionistas están incrustados en un contexto de vulnerabilidad social relacionada con su posición en la sociedad y las condiciones: el perfil, los factores educativos y socioeconómicos afectan su salud. La conclusión que tenemos que invertir en investigación en profundidad para construir intervenciones de promoción y prevención de problemas de salud adaptados específicamente a este público-estratégica, entendiendo que los estudios científicos son capaces de inducir una mayor atención por parte de los administradores locales, estatales y federales.

**Palabras Clave:** Recicladores. Condiciones de vida. Determinantes sociales. Políticas públicas.

### **Abstract**

This is an integrative review that aims to analyze the scientific productions that deal on the state of the art of living conditions of waste pickers. Information presented in previous works were recovered, updating them for the last ten years (2004-2014), considering the production recorded in the databases of the Virtual Health Library and Proquest. Finally they met eight articles. The results showed that the collectors are embedded in a context of social vulnerability related to their position in society and such conditions as: profile, educational and socioeconomic factors affect their health. We conclude that we need to invest in in-depth research to build interventions promotion and prevention of health problems specifically tailored to this audience-strategic, understanding that scientific studies are able to induce greater attention from local, state and federal managers for this group.

**Keywords:** Solid waste segregators. Social conditions. Social determinants. Public policies.

## Introdução

De acordo com a Classificação Brasileira de Ocupações – CBO<sup>1</sup> os trabalhadores da coleta e seleção de material reciclável – código 5192, estão divididos em três tipos de atividades ocupacionais: o catador de material reciclável – código 5192-05, o selecionador de material reciclável – código 5192-10 e o operador de prensa de material reciclável – código 5192-15. Ainda, de acordo com a CBO, esses trabalhadores são responsáveis por coletar material reciclável e reaproveitável, vender material coletado, selecionar material coletado, preparar o material para expedição, realizar manutenção do ambiente e equipamentos de trabalho, divulgar o trabalho de reciclagem, administrar o trabalho e trabalhar com segurança.

De acordo com estudo do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA)<sup>2</sup>, realizado em 2013, a figura do catador de material reciclável integra o cenário urbano no Brasil há alguns anos, encontrando-se espalhados nas pequenas e grandes cidades. Há registros sobre a figura do catador que datam do século XIX, o que demonstra que os catadores acabaram por acompanhar o processo de urbanização no Brasil. Ainda, segundo esse estudo, as pessoas que se dedicam a essa atividade não encontraram oportunidade no mercado de trabalho.

Nas discussões contemporâneas sobre o desenvolvimento sustentável, a figura do catador é de suma importância, pois sua atividade dá outro significado ao lixo produzido nas cidades, transformando-o em mercadoria<sup>3</sup>. Atuam em um ciclo que reinsere o que é denominado de lixo em uma cadeia produtiva. Mesmo sendo um elemento importante na produção de ambientes sustentáveis em cenários urbanos, desenvolvendo uma atividade de utilidade pública, a ocupação de catador é estigmatizada. Esses trabalhadores vivem à margem da sociedade, não há oportunidade de trabalho para eles e carecem de formação profissional. Na dinâmica da vida urbana onde têm um papel fundamental, os catadores vivem em locais marginais sofrendo todos os tipos de processos de exclusão social<sup>2</sup>.

Um elemento marcante na ocupação de catador que acaba por defini-la como vulnerável<sup>2</sup> é a informalidade onde muitos se encontram, o que leva a atuarem sem garantia de direitos trabalhistas e com riscos a sua saúde tendo em vista que não

apresentam qualquer seguro social em caso de acidente ou adoecimento. Outros riscos que acompanham essa ocupação seriam:

A exposição ao calor, a umidade, os ruídos, a chuva, o risco de quedas, os atropelamentos, os cortes e a mordedura de animais, o contato com ratos e moscas, o mau cheiro dos gases e a fumaça que exalam dos resíduos sólidos acumulados, a sobrecarga de trabalho e levantamento de peso, as contaminações por materiais biológicos ou químicos etc. Estes, entre outros fatores, fazem com que esta atividade seja considerada como insalubre em grau máximo, conforme estabelecido na Norma Regulamentadora nº 15, do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE)<sup>2</sup>.

Houveram mudanças significativas no processo de trabalho dessa classe de trabalhadores, especialmente no final dos anos de 1990 e início dos anos 2000, sendo este tipo de trabalho, na atualidade, exercido por profissionais que se organizam em associações e cooperativas. Mesmo em tais situações, os catadores ainda estão inseridos em contextos grupos populacionais submetidos a situações de vida e trabalho prejudiciais à sua saúde.

Uma importante conquista para os catadores foi a criação do Movimento Nacional dos Catadores(as) de Materiais Recicláveis (MNCR), em 2001, que aconteceu no 1º Congresso Nacional dos Catadores(as) de Materiais Recicláveis, realizado em Brasília. Antes desse evento, ocorreu, em 1999, o 1º Encontro Nacional de Catadores de Papel, que abriu os caminhos para o Congresso de 2001<sup>4</sup>. Tal Congresso reuniu mais de 1.700 catadores e catadoras e foi lançada uma carta, intitulada Carta de Brasília, documento que expressa às necessidades dos grupos que sobrevivem da coleta de materiais recicláveis. A carta apresenta ao congresso nacional um anteprojeto de lei regulamentando a profissão de catador de materiais recicláveis e determina que o processo de industrialização priorize empresas sociais de catadores<sup>5</sup>.

Outra importante conquista foi o sancionamento da Lei 12.305 de 2010<sup>6</sup>, que institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos - PNRS, criando um marco regulatório na questão dos resíduos sólidos do país, estabelecendo a obrigatoriedade de implantação de Planos de Gerenciamento de Resíduos Sólidos em todos os municípios brasileiros e Distrito Federal, com programas de coleta seletiva e inclusão dos catadores.

Dessa forma, a classe trabalhadora de catadores de materiais recicláveis institucionalizados vem crescendo, necessitando de ações voltadas para sua qualidade de vida. As pesquisas científicas são importantes para mapear e aprofundar um maior entendimento sobre o contexto de vida desses indivíduos e contribuir na construção de políticas ou ações em saúde que contemplem as suas necessidades de vida e trabalho, quanto a real condição social desse grupo, principalmente, quanto à condição de alimentação, habitação, educação, renda, ambiente, trabalho, emprego, lazer, liberdade e acesso aos serviços de saúde.

De acordo com Junior et al<sup>7</sup> a profissão de catador sofre inúmeras carências que se refletem na vivência destes indivíduos como cidadãos, faltando incentivo social, financeiro e psicológico, além do real reconhecimento da importância desta profissão e efetiva inclusão social destes trabalhadores. A Organização Mundial da Saúde (OMS)<sup>8</sup> apresentou a definição de saúde ambiental como “[...] o campo de atuação da saúde pública que se ocupa das formas de vida, das substâncias e das condições em torno do ser humano, que podem exercer alguma influência sobre a sua saúde e o seu bem-estar”. No caso dos(as) catadores(as), há muito a ser feito na melhoria de suas condições de vida e para a efetiva garantia da sua saúde ambiental.

Diante de todo a problemática de exclusão em que se encontram os(as) catadores(as), o objetivo deste trabalho é analisar o que versam as produções científicas recentes sobre o estado da arte das condições de vida dos catadores de materiais recicláveis, a partir de uma revisão integrativa realizada no período de 2004 a 2014, foram escolhidos aqueles artigos publicados na Biblioteca Virtual de Saúde (BVS) e na ProQuest.

## **Metodologia**

Utilizou-se a Revisão Integrativa (RI) da Literatura, que é um estudo com coleta de dados realizada a partir de fontes secundárias, por meio de levantamento bibliográfico. A revisão integrativa sintetiza resultados de pesquisas anteriores, ou seja, já realizadas e mostra sobretudo as conclusões do corpus da literatura sobre um fenômeno específico<sup>9</sup>. Desse modo, é a mais ampla abordagem metodológica referente às revisões, permitindo a inclusão de estudos experimentais e não experimentais para uma compreensão completa do fenômeno analisado<sup>10</sup>.

Os dados são resumidos e comparados permitindo que se obtenha conclusões gerais sobre o problema de pesquisa, seguindo um processo de análise sistemática e sumarizada da literatura, o que, se bem conduzido, qualifica seus resultados o que possibilita identificar as lacunas do conhecimento em relação ao fenômeno em estudo, identificar a necessidade de futuras pesquisas, revelar questões centrais da área em foco, identificar marcos conceituais ou teóricos, mostrar o estado da arte da produção científica resultante de pesquisa sobre um determinado tema<sup>9</sup>, no caso deste estudo as condições de vida dos catadores de materiais recicláveis.

A definição da pergunta norteadora é uma das fases principais para um estudo com essa abordagem metodológica<sup>10</sup>. As perguntas de investigação para este estudo foram: quais são as condições de vida dos catadores de materiais recicláveis em âmbito nacional? Como que os catadores cuidam da sua saúde? Depois de estabelecidas as questões norteadoras, duas bases foram utilizadas como fonte de levantamento dos estudos: o portal da Biblioteca Virtual de Saúde (BVS) que abriga 64 bases de dados nacionais e internacionais e a ProQuest. A busca foi realizada em setembro de 2014 a novembro de 2014 pelo acesso on-line. Em seguida foi utilizada a combinação dos seguintes descritores na língua portuguesa: condições de vida, catadores e catadores de lixo, com o operador booleano *AND*.

Os critérios de inclusão definidos foram: estudos publicados entre 2004-2014, em português, inglês e espanhol, com resumos e artigos disponíveis nas bases selecionadas que retratassem a temática referente às condições de vida dos catadores de materiais recicláveis e o tipo de documento artigo científico.

Os critérios de exclusão foram definidos a partir do momento que os artigos foram sendo identificados, sendo eles: aqueles que tinham dupla publicação, preferencialmente, selecionando os artigos publicados na base de dados Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS); aqueles que se repetiam. Os artigos científicos selecionados tiveram o título e o resumo analisados para compreender se o objeto de estudo dos artigos levantados abordava a temática da RI em questão, sendo excluídos os que não abordavam as condições de vida de catadores de materiais recicláveis.

Inicialmente, foram encontrados na BVS quando utilizado “catadores *and* condições de vida” 10 estudos, excluindo 3 com dupla publicação, retirando 1 artigo que não era pertinente ao objetivo da presente investigação. Quando inserido “catadores de lixo *and* condições de vida” foram encontrados 4 artigos, que já tinham sido levantados na combinação anterior. Na base ProQuest na combinação “catadores *and* condições de vida” foram encontrados 29 artigos e quando utilizado “catadores de lixo *and* condições de vida” 20 artigos. Após foram excluídos os repetidos e analisados o título e o resumo de cada estudo para excluir os que não estavam de acordo com o objetivo desta investigação, restando 2 artigos científicos para comporem a RI. Por fim, foram analisados, então, 8 artigos científicos que atenderam aos critérios de inclusão e exclusão.

Para a análise e posterior descrição dos artigos que atenderam aos critérios de inclusão foi utilizado um quadro conciso com a síntese dos artigos científicos, especialmente, construído para esse fim, que contemplou os seguintes aspectos, considerados pertinentes: nome da pesquisa; nome dos autores; periódico (vol, nº, pág, ano); e recomendações/conclusões. Em seguida a apresentação dos resultados e discussão dos dados obtidos foi feita de forma descritiva.

## **Resultados**

Na presente revisão integrativa, analisou-se oito artigos que atenderam aos critérios de inclusão previamente estabelecidos e, a seguir, apresentar-se-á um panorama geral dos artigos avaliados.

Em relação à caracterização dos estudos, quanto ao ano de publicação, em 2004, 2011 e 2012 foi publicado um artigo em cada ano, em 2013 foram publicados dois artigos e 2009 foram publicados três artigos. No que se referem ao idioma, seis publicações foram em português e duas em inglês, entretanto, todos os estudos foram realizados no território brasileiro. Dos artigos avaliados, três foram desenvolvidos no cenário dos aterros/lixões, quatro com catadores autônomos que são aqueles que desenvolvem atividades nas ruas, feiras livres ou depósitos e um estudo com catadores vinculados diretamente a associação. Sendo quatro estudos realizados na área geográfica da Região Sudeste, dois da Região Nordeste e dois da Região Centro-Oeste do Brasil.

Nas Tabelas 1 e 2 apresenta-se a síntese dos artigos incluídos na presente revisão integrativa, separados pelo local do levantamento bibliográfico.

**Tabela 1** - Apresentação da síntese de artigos incluídos na (RI) levantados na BVS.

<b>Nome do artigo</b>	<b>Autores</b>	<b>Periódico (vol, nº, pág, ano)</b>	<b>Recomendações/Conclusões</b>
Lixo, trabalho e saúde: um estudo de caso com catadores em um aterro metropolitano no Rio de Janeiro, Brasil.	Porto MFS; Juncá DCM; Gonçalves RS; Filhote MIF.	Cad. Saúde Pública, 20, 6, 1503-1514, 2004.	O artigo sugere a construção de políticas públicas que integrem diferentes dimensões do problema, como inclusão social, preservação ambiental, saúde pública e o resgate da dignidade desses trabalhadores.
Efeito da idade sobre a qualidade de vida e saúde dos catadores de materiais recicláveis de uma associação em Governador Valadares, Minas Gerais, Brasil.	Almeida JR; Elias ET; Magalhães MA; Vieira AJD.	Ciência & Saúde Coletiva, 14, 6, 2169-2180, 2009.	O artigo alerta para necessidade de um trabalho de capacitação dos trabalhadores da associação de catadores de materiais recicláveis de Governador Valadares, com ênfase na promoção de mudanças de comportamentos e de valorização a própria vida.
Há dignidade no trabalho com o lixo? Considerações sobre o olhar do trabalhador.	Santos GO; Silva LFF.	Revista Mal-estar e subjetividade, IX, 2, 689-716, 2009.	A vida dos entrevistados é marcada pelo não-reconhecimento social e sentida como sofrida, humilhante, desqualificada socialmente e vergonhosa. Acredita-se que a questão ambiental envolve também a questão da valorização dos catadores e dos garis. Assim, a educação ambiental pode contribuir para a diminuição do sofrimento e promoção do orgulho de ser agente ambiental.
Precariedade do trabalho e da vida de catadores de recicláveis em Fortaleza, CE.	Maciel RH; Matos TGR; Borsoi ICF; Mendes	Arquivos Brasileiros de Psicologia, 63, nº spe, 71-82, 2011.	As condições de trabalho e de vida dos catadores são evidentemente precárias e também condizem com as quatro condições que determinam a vulnerabilidade social.

	ABC; Siebra PT, Mota CA.		
Espiritualidade na avaliação da qualidade de vida dos catadores de materiais recicláveis: estudo transversal.	Santos SMR; Jesus MCP; Mattos LR; Alves MJM; Vicente EJD; Jesus PBR.	Online Brazilian Journal of Nursing, 11, 1, 1-8, 2012.	Faz-se necessário o aprofundamento da questão em novas investigações, espiritualidade em foco associado a qualidade de vida em grupo de catadores de materiais recicláveis, considerando-se a complexidade dos fatores envolvidos não só na avaliação da qualidade de vida, como, especialmente, no domínio da espiritualidade.
Accidents at work and living conditions among solid waste segregators in the open dump of Distrito Federal.	Hoefel MG; Carneiro FF; Santos LMP; Gubert MB; Amate EM; Santos W.	Rev bras Epidemiol, 16, 3, 764-85, 2013.	O complexo contexto das condições de vida dos catadores suscitam a necessidade de estudos mais profundos sobre essa realidade, de forma a revelar o problema e romper com as barreiras impostas pela marginalização social, econômica e ambiental.

**Tabela 2** - Apresentação da síntese de artigos incluídos na (RI) levantados na Proquest.

<b>Nome do artigo</b>	<b>Autores</b>	<b>Periódico (vol, nº, pág, ano)</b>	<b>Recomendações/Conclusões</b>
A vida no lixo: um estudo de caso sobre os catadores de materiais recicláveis no município de Ipameri, GO.	Gonçalves CV; Malafaia G; Castro ALS; Veiga BGA.	HOLOS, ano 29, Vol 2, 238-250, 2013.	Contribuiu para que uma maior atenção seja dada aos seres humanos que estão em condição de catadores de materiais recicláveis. Por fim, pode-se dizer que tomar a realidade de vida e de trabalho dos catadores investigados também representa uma reflexão muito positiva sobre nossas próprias posturas em relação a esses sujeitos.

Proposal of social inclusion and improvement of the quality of life and health of collectors of recyclable materials of Viçosa – MG Through the physical activity.	Alexandrino, DFL; Ferreira MEC; Lima CL; Makkai LFC.	Fit Perf J. 8, 2, 115-122, 2009.	Conclui-se que a inserção de um programa de valorização profissional e de atividade física influenciará positivamente na qualidade de vida e saúde e, principalmente, favorecendo a inclusão social em nossa sociedade.
--	--	----------------------------------	---

## Discussão

Nos estudos encontrados para essa RI os catadores são inclusos em condições sociais e ambientais precárias de vida e trabalho, onde foi possível compreender de que grupo populacional pertence o objeto desta revisão. Entretanto, identificou-se que há poucos artigos científicos que tratam das condições de vida dos catadores de materiais recicláveis. No Brasil, a acentuada desigualdade na distribuição de renda, no acesso aos recursos de saúde, no saneamento básico, na educação e em outros constituintes do padrão de vida da população, tem se revelado por meio de profundas diferenças no risco de adoecimento dos diversos estratos sociais<sup>11</sup>. As desigualdades sociais marcam as desigualdades em saúde, revelando um intrincado processo onde marcadores sociais da diferença como raça, etnia, gênero, onde se vive e o trabalho que realizam passa a ter um peso maior no acesso dos sujeitos as políticas públicas, tecnologias de saúde e melhores condições de vida.

Durante a etapa de levantamento dos potenciais estudos para comporem essa revisão a maioria das publicações que versavam sobre condições de vida de catadores eram teses e dissertações de diferentes áreas de conhecimento, o que evidencia o interesse acadêmico, mas ainda ínfimo. Há a necessidade de realização de estudos no campo da saúde para intensificar a produção científica nessa temática, encarando como problema de saúde pública brasileiro.

O perfil dos trabalhadores que se ocupam da catação, relacionado ao gênero, apresentam diferenças para cada território estudado nas investigações. Entretanto, alguns estudos apresentam um maior número de catadoras, chegando a dois estudos

de a presença feminina ser muito superior a masculina<sup>12,13</sup>. De forma geral, os estudos<sup>14,12,13,19-15</sup> apresentam maior quantidade de mulheres catadoras, onde os dados eram superiores a metade dos trabalhadores pesquisados. Com exceção para um estudo que apresentou mais catadores do sexo masculino<sup>16</sup>. No estudo<sup>13</sup> mais da metade das famílias eram chefiadas por mulheres. A discussão de gênero passa a ser importante tendo em vista que as mulheres surgem com maior peso em situações de desigualdade. O fato de ser mulher amplia a dificuldade dessa em se inserir no mercado de trabalho, e caso essa mulher seja negra, as dificuldades ampliam-se<sup>17</sup>.

A faixa etária não apresenta expressas diferenças de acordo com o território de cada pesquisa, pois a maioria dos artigos levantados apresentam a presença de adultos jovens e idosos no trabalho de catação variando as idades entre 18 a 75-74 anos<sup>14,12</sup>, entretanto, apenas em uma investigação<sup>16</sup> tem apenas catadores a cima de 40 anos, sendo que em outra experiência a idade estava entre 25 a 33 anos<sup>19</sup>. Ou seja, este cenário de catação é caracterizado por uma população economicamente ativa onde a maioria dos pesquisados possuem idade entre 20 a 40 anos, ressaltando que as mulheres se encontram na faixa etária reprodutiva, sendo que um elevado número de mulheres já trabalhou grávidas<sup>14</sup>. Dessas catadoras que trabalharam grávidas (21,2%) mencionaram ter tido aborto espontâneo nessa época<sup>14</sup>.

A respeito do nível de escolaridade dos sujeitos investigados nos estudos revisados percebeu-se que na maioria dos casos que contemplava essa variável apresentou que os trabalhadores possuíam baixa escolaridade, chegando há alguns casos ao analfabetismo<sup>12,18,19,16,19-15</sup>. Com exceção para um estudo<sup>14</sup> que a maioria dos entrevistados (90%) sabiam ler e escrever, porém (23%) do mesmo estudo apontavam dificuldades na leitura e escrita.

Em relação ao trabalho alguns sujeitos dos estudos demonstraram que trabalham como catadores por ser o único meio de sobrevivência<sup>14,18,20-19</sup>, alguns começaram a trabalhar quando criança<sup>14,13</sup>, na sua maioria já passaram por várias ocupações<sup>14,19</sup>, outro fator preponderante para sua situação de trabalho foi o motivo do desemprego<sup>14,12-19</sup>. Preferencialmente, desejam continuar mantendo sua atual situação de trabalho<sup>14</sup> em outros almejam o sonho da carteira assinada<sup>18,20</sup>. A renda média chega a um a dois salários mínimos<sup>13,15-14</sup>. Alguns estudos<sup>18,13</sup>, os trabalhadores apresentaram satisfação negativa quanto a remuneração recebida pelo

trabalho de catação. Em dois estudos<sup>14,13</sup> observou pequeno envolvimento em programas e benefícios sociais, já em outro<sup>20</sup> a composição da renda da família também contava com cotas do bolsa família.

Em um estudo<sup>16</sup> mais da metade dos sujeitos trabalhavam somente com a catação de materiais recicláveis. No estudo<sup>14</sup> quando não estão trabalhando a maioria (55,2%) dos entrevistados descansam, enquanto (42%) se ocupam de atividades domésticas, (16%) fazem algum biscoito, (8,7%) se dedicam a atividades religiosas e apenas (8,2%) se envolvem em atividades de esporte e lazer. Em consonância, no estudo<sup>12</sup> há um alto índice de afastamento de catadores por problemas de saúde, provocando um déficit na capacidade de trabalho da cooperativa, tendo a presença de dor frequência em todas as classes de idade seja adultos ou idosos. No estudo,<sup>13</sup> a maioria dos entrevistados (79,2%) se declarou como estressada, triste ou cansada em relação ao trabalho.

Uma informação que se repete em alguns artigos e que de certa forma precisa ser tratada com cautela em futuras pesquisas e intervenções com a população de catadores é o fato do consumo de alimentos achados no próprio lixo, alimentos esses provenientes, em sua maioria, de supermercados<sup>14,12,20,13-19</sup>. A situação merece atenção, em um relato de entrevista, muita das vezes, a catadora alimentava os filhos com o que encontrava no lixo, conta que não só ela, sua mãe e seus irmãos comiam restos de comidas e até alimentos com validade vencida<sup>20</sup>. No estudo<sup>13</sup> a insegurança alimentar foi detectada em metade dos domicílios dos catadores entrevistados. Em outro cenário investigado muitos catadores retiram do lixo roupas, eletrodomésticos, utensílios para uso pessoal e para casa<sup>12</sup>. Esses dados coletados ajudam a elucidar a realidade de vida dos catadores, que estão inseridos em um contexto peculiar de pobreza e vulnerabilidade socioeconômica. Ao mesmo tempo em que cabe investigar o sentido que dão para o lixo ao transformá-lo em mercadoria esse perderia o aspecto negativo que apresenta para grande parte da população.

Quando considerado o contexto de saúde os catadores em alguns casos relatam que ter saúde é não ter doença, saúde é ter condição para trabalhar<sup>14,20</sup> em outro contexto<sup>12</sup> saúde se limita as suas necessidades e anseios para se sentirem bem como: não sentir dor, não sentir nada, não precisar de hospital ou de médico e não precisar de remédios. A maioria reconhece a existência de algum risco no local de

trabalho com o lixo<sup>14,12,13-20</sup>. Apenas uma pequena parte dos catadores considera que já teve alguma doença provocada pelo trabalho com o lixo<sup>14</sup>. Para os catadores somente acidentes ou doenças mais graves podem ser impeditivos para continuarem trabalhando<sup>20</sup>, em outro estudo<sup>14</sup> evidenciou as doenças que impediam os catadores de ir ao trabalho, entre elas: gripes e resfriados, dores e problemas osteoarticulares, pressão alta e problemas respiratórios. Percebe-se que uma boa quantidade de entrevistados em diferentes territórios não se preocupa com a prevenção e manutenção da saúde, poucos afirmaram fazer exames médicos periodicamente, já que em dois estudos<sup>12,19</sup> os catadores se auto avaliam como detentores de saúde. A presença de moscas, mosquitos e ratos no ambiente de trabalho e na residência foi presente em alguns cenários dos estudos<sup>14,12-19</sup>.

Em relação ao acesso a serviços de saúde quando se acidentam ou precisam de cuidados médicos a maioria dos catadores afirmaram ter acesso, utilizando os serviços dos postos de saúde mais próximos de suas residências ou os atendimentos no pronto-socorro da região pelo Sistema Único de Saúde (SUS)<sup>14,12</sup>. Poucos buscam alternativas, como farmácia local, consultórios particulares e amigos/parentes<sup>14</sup>.

Por fim, alguns estudos<sup>14,12,18-20</sup> demonstraram problemas em relação ao preconceito decorrentes do fato de trabalharem no lixo, de serem de raça negra, ou ainda carregarem o rótulo de pobres<sup>14</sup>, é motivo de desprezos e maus tratos, os depoimentos dos entrevistados apontaram para quase ou nenhum reconhecimento social do trabalho que desenvolvem<sup>18</sup>, jovens apresentam descrença em algo que possa mudar sua realidade de vida<sup>12</sup>. As informações mencionadas elucidam a autoimagem que os catadores possuem a partir do processo de estigmatização das classes minoritárias economicamente.

### **Considerações finais**

O perfil de gênero, raça, etnia, idade, sexo, escolaridade, trabalho, renda e saúde dessa população auxiliam a pensar de que maneira podemos planejar intervenções em ações de saúde para essa população tornando as medidas mais efetivas. Acredita-se que esse grupo populacional merece atenção diferenciada, já que sua posição na sociedade marcada pela desigualdade social faz com que sejam propensos a uma qualidade de vida mais comprometida. A presente revisão integrativa reafirma essa

situação de desigualdade e a forte influência dos determinantes e condicionantes na saúde desse grupo.

Nas últimas décadas esse grupo social ganhou espaço na mídia pública e até mesmo no campo científico em teses e dissertações, mas ainda não o suficiente para explorar a fundo a vida e espaços que os catadores estão inseridos. Desse modo vê-se como necessário investir em pesquisas científicas em profundidade para construir intervenções de promoção e prevenção de agravos à saúde voltados especificamente para esse público-estratégico, entendendo que os estudos científicos são capazes de induzir maior atenção dos gestores municipais, estaduais e federais para esse grupo populacional. Faz-se necessário, ainda, desenvolver estudos para compreender como que os catadores cuidam da sua saúde seguindo o conceito biopsicossocial.

## Referências

1. CBO: Classificação Brasileira de ocupações. 2013. Acesso em 05 de novembro de 2014. Disponível em: <http://www.mtecbo.gov.br/cbsite/pages/downloads.jsf>.
2. Silva SP, Goes FL, Alvarez AR. Situação social das catadoras e dos catadores de material reciclável e reutilizável – Brasil. Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada. Brasília (DF). 2013.
3. Benvindo AZ. A nomeação no processo de construção do catador como ator econômico e social. [Dissertação Mestrado] Brasília (DF): Universidade de Brasília; 2010.
4. Movimento Nacional dos Catadores(as) de Materiais Recicláveis. História do MNCR [Internet]. Brasil; 09/12/2012. Acesso em 18 de agosto de 2015 Disponível em: <http://www.mncr.org.br/sobre-o-mncr/sua-historia>.
5. Movimento Nacional dos Catadores(as) de Materiais Recicláveis. Carta de Brasília [Internet]. Brasil; 09/12/2012. Acesso em 18 de agosto de 2015 Disponível em: <http://www.mncr.org.br/sobre-o-mncr/principios-e-objetivos/carta-de-brasilia>.
6. Lei nº 12.305, de 2 de agosto de 2010. Dispõe sobre a Política Nacional de Resíduos Sólidos. Brasília (DF), 2010.
7. Junior ABC, Ramos NF, Alves CM, Forcellini FA, Graciolli OD. Catadores de materiais recicláveis: análise das condições de trabalho e infraestrutura operacional no Sul, Sudeste e Nordeste do Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 18(11):3115-3124, 2013.
8. Siqueira MM, Moraes MS. Saúde coletiva, resíduos sólidos urbanos e os catadores de lixo. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 14(6), 2009 p. 2115-2122.

9. Crossetti, MGO. Revisão integrativa de pesquisas na enfermagem o rigor científico que lhe é exigido. Rev. Gaúcha Enferm., Porto Alegre (RS) 2012 jun; 33 (2): 8-9.
10. Souza MT, Silva MD, Carvalho R. Revisão integrativa: o que é e como fazer. Einstein. 2010; 8 (1 pt 1): 102-6.
11. Oliveira LAP, Mendes MMS. Mortalidade infantil no Brasil: Uma avaliação de tendências recentes, 1995. In: Minayo MCS. Os muitos brasis saúde e população na década de 80. São Paulo: Editora Hucitec/ Rio de Janeiro: ABRASCO. pg 291-303.
12. Almeida JR, Elias ET, Magalhães MA, Vieira AJD. Efeito da idade sobre a qualidade de vida e saúde dos catadores de materiais recicláveis de uma associação em Governador Valadares, Minas Gerais, Brasil. Ciência & Saúde Coletiva, 14(6):2169-2180, 2009.
13. Hoefel MG, Carneiro FF, Santos LMP, Gubert MB, Amate EM, Santos W. Accidents at work and living conditions among solid waste segregators in the open dump of Distrito Federal. Rev Bras Epidemiol, 16(3): 764-85. 2013.
14. Porto MFS, Juncá DCM, Gonçalves RS, Filhote MIF. Lixo, trabalho e saúde: um estudo de caso com catadores em um aterro metropolitano no Rio de Janeiro, Brasil. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 20(6):1503-1514, nov-dez, 2004.
15. Alexandrino DFL, Ferreira MEC, Lima CL, Makkai LFC. Proposal of social inclusion and improvement of the quality of life and health of collectors of recyclable materials of Viçosa – MG Through the physical activity. Fit Perf J. Mar-Apr;8(2):115-22. 2009.
16. Santos SMR, Jesus MCP, Mattos LR, Alves MJM, Vicente EJD, Jesus PBR. Espiritualidade na avaliação da qualidade de vida dos catadores de materiais recicláveis: estudo transversal. Online Brazilian Journal of Nursing, Vol 11, Nº 1. 2012.
17. Dossiê mulheres negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil. Marcondes MM, Pinheiro L, Queiroz C. et al. (Orgs) Brasília: IPEA, 2013.
18. Santos GO, Silva LFF. Há dignidade no trabalho com o lixo? Considerações sobre o olhar do trabalhador. Revista Mal-estar e Subjetividade – Fortaleza – Vol. IX – Nº 2 – p. 689-716 – jun/2009.
19. Gonçalves CV, Malafaia G, Castro ALS, Veiga BGA. A vida no lixo: um estudo de caso sobre os catadores de materiais recicláveis no município de Ipameri, GO. HOLOS, Ano 29, Vol 2. 2012.
20. Maciel RH, Matos TGR, Borsoi ICF, Mendes ABC, Siebra PT, Mota CA. Precariedade do trabalho e da vida de catadores de recicláveis em Fortaleza, CE. Arquivos Brasileiros de Psicologia; Rio de Janeiro, 63 (Nº.espe.): 1-104, 2011.

## ANEXO C – NORMAS DE PUBLICAÇÃO DA REVISTA

### A REVISTA

Interface – Comunicação, Saúde, Educação é uma publicação eletrônica, de acesso aberto, interdisciplinar, trimestral, editada pela Unesp (Laboratório de Comunicação e Educação em Saúde – Departamento de Saúde Pública, Faculdade de Medicina de Botucatu), dirigida para a Educação e Comunicação nas práticas de saúde, a formação de profissionais de saúde (universitária e continuada) e a Saúde Coletiva em sua articulação com a Filosofia, as Ciências Sociais e Humanas. Priorizam-se abordagens críticas e inovadoras e dá-se ênfase à pesquisa qualitativa

Foi lançada em agosto de 1997 com a intenção de estimular o debate e a difusão de conhecimento em torno das questões contemporâneas que desafiam o campo da Saúde e sua articulação com a Comunicação e Educação.

Interface é uma publicação com difusão internacional e vem progressivamente recebendo contribuições de autores de diferentes países, destacadamente da América Latina, Caribe, Portugal e Espanha. Para ampliar esta colaboração a revista vem contando, atualmente, com diversos editores associados destas regiões.

Tem mantido rigorosamente sua periodicidade sem atraso, desde sua criação, em 1997, como periódico semestral. De 2004 a 2007 teve periodicidade quadrimestral e a partir de 2008 tornou-se um periódico trimestral.

Todos os artigos da revista são publicados em fluxo contínuo, na versão pré-publicação (*ahead of print*) na coleção SciELO, já com número DOI, permitindo que estejam disponíveis nesta base para consulta e, assim, possam ser citados, antes mesmo de sua publicação na versão online/digital.

Interface segue os princípios da ética na publicação científica contidos no código de conduta do *Committee on Publication Ethics*.

## **AVALIAÇÃO QUALIS/CAPES**

### **A2 Interdisciplinar**

A2 Educação

A2 Ensino

A2 Arte/Música

B1 Saúde Coletiva

B1 Ciências Sociais Aplicadas I

B1 Antropologia/Arqueologia

B1 Sociologia

## **SEÇÕES DA REVISTA**

**Editorial** – texto temático de responsabilidade dos editores ou de pesquisadores convidados (até duas mil palavras).

**Dossiê** – conjunto de textos ensaísticos ou analíticos temáticos, a convite dos editores, resultantes de estudos e pesquisas originais de interesse para a revista (até seis mil palavras).

**Artigos** – textos analíticos resultantes de estudos teóricos ou empíricos referentes a temas de interesse para a revista (até seis mil palavras).

**Revisão** – textos de revisão da literatura sobre temas consagrados pertinentes ao escopo da revista (até seis mil palavras).

**Debates** – conjunto de textos sobre temas atuais e/ou polêmicos propostos pelos editores ou por colaboradores e debatidos por especialistas, que expõem seus pontos de vista. (Texto de abertura: até seis mil palavras; textos dos debatedores: até mil e quinhentas palavras; réplica: até mil e quinhentas palavras).

**Espaço Aberto** – textos embasados teoricamente que descrevam e analisem criticamente experiências relevantes para o escopo da revista (até cinco mil palavras).

**Entrevistas** – depoimentos de pessoas cujas histórias de vida ou realizações profissionais sejam relevantes para as áreas de abrangência da revista (até seis mil palavras).

**Resenhas** – textos de análise crítica de publicações lançadas no Brasil ou exterior nos últimos dois anos, sob a forma de livros, filmes ou outras produções recentes e relevantes para os temas do escopo da revista (até três mil palavras).

**Criação** – textos de reflexão sobre temas de interesse para a revista, em interface com os campos das Artes e da Cultura, que utilizem em sua apresentação formal recursos iconográficos, poéticos, literários, musicais, audiovisuais etc., de forma a fortalecer e dar consistência à discussão proposta.

**Notas breves** – notas sobre eventos, acontecimentos, projetos inovadores (até duas mil palavras).

**Cartas ao Editor** – comentários sobre publicações da revista e notas ou opiniões sobre assuntos de interesse dos leitores (até mil palavras).

Nota: na contagem de palavras do texto, incluem-se quadros e excluem-se título, resumo e palavras-chave.

## **FORMA E PREPARAÇÃO DE MANUSCRITOS**

### ***Formato e Estrutura***

1. Os originais devem ser digitados em Word ou RTF, fonte Arial 12, respeitando o número máximo de palavras definido por seção da revista. Todos os originais submetidos à publicação devem dispor de resumo e palavras-chave alusivas à temática (com exceção das seções Resenhas, Entrevistas, Notas breves e Cartas ao Editor).
2. O texto não deve incluir informações que permitam a identificação de autoria. Os dados dos autores são informados apenas em campo específico do formulário de submissão. As seguintes precauções devem ser tomadas pelos autores ao submeter seu manuscrito:
  - Excluir do texto dados que identifiquem a autoria do trabalho em referências, notas de rodapé, citações e no próprio corpo do texto, substituindo-os pela expressão [eliminado para fim da revisão por pares].
  - Em caso de pesquisa com seres humanos indicar apenas o número do processo, sem citar a instituição em que o projeto foi aprovado.
  - Em documentos do Microsoft Office, remover a identificação do autor das Propriedades do Documento (no menu Arquivo > Propriedades), iniciando em

Arquivo, no menu principal, e clicando na sequência: Arquivo > Salvar como... > Ferramentas (ou Opções no Mac) > Opções de segurança... > Remover informações pessoais do arquivo ao salvar > OK > Salvar.

- Em PDFs, também remover o nome dos autores das Propriedades do Documento, em Arquivo, no menu principal do Adobe Acrobat.

Nota: caso o manuscrito seja aprovado para publicação, todas as informações que foram omitidas devem ser incluídas novamente pelos próprios autores do texto.

3. O número máximo de autores do manuscrito está limitado a cinco. A partir desse número é preciso apresentar uma justificativa, que será analisada pelo Editor. A autoria implica assumir publicamente a responsabilidade pelo conteúdo do trabalho submetido à publicação. A revista adota os seguintes critérios mínimos de autoria: a) ter participado da discussão dos resultados; b) ter participado da revisão e da aprovação da versão final do trabalho.

Nota: o número máximo de manuscritos de um mesmo autor, nos Suplementos, está limitado a três.

4. Informações sobre instituições que apoiaram a realização da pesquisa e/ou pessoas que colaboraram com o estudo, mas não preenchem os critérios de autoria, devem ser incluídas em campo específico do formulário de submissão.
5. A página inicial do manuscrito (Main Document) deve conter as seguintes informações (em português, espanhol e inglês): título, resumo e palavras-chave. Na contagem de palavras do resumo, excluem-se título e palavras-chave.
  - Título: deve ser conciso e informativo (até vinte palavras).
  - Resumo: deve destacar os aspectos fundamentais do trabalho, podendo incluir o objetivo principal, o enfoque teórico, os procedimentos metodológicos e resultados mais relevantes e as conclusões principais (até 140 palavras).
  - Palavras-chave: devem refletir a temática abordada (de três a cinco palavras).
6. Notas de rodapé são identificadas por letras pequenas sobrescritas, entre parênteses. Devem ser sucintas, usadas somente quando necessário.
7. Manuscritos referentes a pesquisa com seres humanos devem incluir informações sobre aprovação por Comitê de Ética da área, conforme Resolução nº 466/13 do Conselho Nacional de Saúde, indicando apenas o número do processo,

apresentadas no final da seção sobre a metodologia do trabalho. Essas informações também serão incluídas em campo específico do formulário de submissão.

8. Imagens, figuras ou desenhos devem estar em formato tiff ou jpeg, com resolução mínima de 300 dpi, tamanho máximo 16 x 20 cm, com legenda e fonte arial 9. Tabelas e gráficos podem ser produzidos em Word ou Excel. Outros tipos de gráficos (pizza, evolução...) devem ser produzidos em programa de imagem (photoshop ou corel draw). Todas devem estar em arquivos separados do texto original (Main Document), com suas respectivas legendas e numeração. No texto deve haver indicação do local de inserção de cada uma delas.

Nota: no caso de textos enviados para a seção de Criação, as imagens devem ser escaneadas em resolução mínima de 300 dpi e enviadas em jpeg ou tiff, tamanho mínimo de 9 x 12 cm e máximo de 18 x 21 cm.

9. Interface adota as normas Vancouver como estilo para as citações e referências de seus manuscritos.

### ***Citações no texto***

As citações devem ser numeradas de forma consecutiva, de acordo com a ordem em que forem sendo apresentadas no texto. Devem ser identificadas por números arábicos sobrescritos. Exemplo:

Segundo Teixeira<sup>1,4,10-15</sup>

Nota importante: as notas de rodapé passam a ser identificadas por letras pequenas sobrescritas, entre parênteses. Devem ser sucintas, usadas somente quando necessário.

Casos específicos de citação:

- a. Referência de mais de dois autores: no corpo do texto deve ser citado apenas o nome do primeiro autor seguido da expressão et al.
- b. Citação literal: deve ser inserida no parágrafo entre aspas. No caso da citação vir com aspas no texto original, substituí-las pelo apóstrofo ou aspas simples.

Exemplo:

“Os ‘Requisitos Uniformes’ (estilo Vancouver) baseiam-se, em grande parte, nas normas de estilo da *American National Standards Institute* (ANSI) adaptado pela NLM.”<sup>1</sup>

- c. Citação literal de mais de três linhas: em parágrafo destacado do texto (um enter antes e um depois), com recuo à esquerda.

Observação: Para indicar fragmento de citação utilizar colchete: [...] encontramos algumas falhas no sistema [...] quando relemos o manuscrito, mas nada podia ser feito [...].

### **Referências**

Todos os autores citados no texto devem constar das referências listadas ao final do manuscrito, em ordem numérica, seguindo as normas gerais do *International Committee of Medical Journal Editors* (ICMJE)

– <http://www.icmje.org>. Os nomes das revistas devem ser abreviados de acordo com o estilo usado no Index Medicus (<http://www.nlm.nih.gov/>).

As referências são alinhadas somente à margem esquerda e de forma a se identificar o documento, em espaço simples e separadas entre si por espaço duplo.

A pontuação segue os padrões internacionais e deve ser uniforme para todas as referências.

## ANEXO D – PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA E PESQUISA

INSTITUTO DE CIÊNCIAS  
HUMANAS / UNIVERSIDADE  
DE BRASÍLIA / CAMPUS



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** Terapeutas populares e tecnologias em saúde no DF e região do entorno

**Pesquisador:** Sílvia Maria Ferreira Guimarães

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 34150214.9.0000.5540

**Instituição Proponente:** Instituto de Ciências Humanas/UNB

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 783.155

**Data da Relatoria:** 29/08/2014

#### **Apresentação do Projeto:**

Nas cidades do Distrito Federal e seu entorno encontram-se em plena atividade parteiras, rezadeiras, benzedeiras, raizeiros, farmacêuticos populares, fitoterapeutas, massoterapeutas, entre outros, atuando com um universo de pessoas que não se satisfazem com a exclusividade dos modos de operação da biomedicina. A proposta deste projeto é mapear as tecnologias terapêuticas para promoção, prevenção e cura em processos de saúde-adoecimento desenvolvidos por terapeutas populares que atuam nas cidades em tela. Para tanto, será realizada uma pesquisa qualitativa de caráter etnográfico, que pretende realizar uma descrição densa da realidade social em estudo. Serão utilizadas como técnicas de pesquisa,

INSTITUTO DE CIENCIAS  
HUMANAS / UNIVERSIDADE  
DE BRASÍLIA / CAMPUS



Continuação do Parecer: 783.155

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

A pesquisa é uma continuidade do projeto desenvolvido com apoio do Edital Universal 14/2011 do CNPq.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

apresentou todos os termos

**Recomendações:**

não há

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

não há pendências

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

**Considerações Finais a critério do CEP:**

aprovado

BRASILIA, 08 de Setembro de 2014

---

Assinado por:  
Livia Barbosa  
(Coordenador)